

III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
IV ENCONTRO NACIONAL DO GT
PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade

O desamparo ético-político
na contemporaneidade

22, 23 e 24 de Setembro de 2021

Anais

2021, V3

ISSN 2763-7441



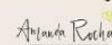
REALIZAÇÃO



APOIO



ORGANIZAÇÃO



Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO

POIESIS- Núcleo de Psicologia Fenomenológica

Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano – GESDH/UFRN

APOIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – DEPSI

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

GRUPO DE ESTUDOS SUBJETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO - GESDH/UFRN

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - ANPEPP

GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP

ORGANIZAÇÃO

Amanda Rocha Assessoria de Eventos

PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES

Amanda Rocha Assessoria de Eventos

HOME PAGE

www.nucleopoiesis.com.br

MEMBROS DO GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA DA ANPEPP

Elza Maria do Socorro Dutra- Coordenadora (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Vera Engler Cury- Vice-coordenadora (Pontifícia Universidade Católica-Campinas)

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Ana Karina Silva Azevedo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Fernando Gastal de Castro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (Universidade de Fortaleza)

Joaneliese de Lucas Freitas (Universidade Federal do Paraná)

Josemar de Campos Maciel (Universidade Católica Dom Bosco)

Monica Botelho Alvim (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Virginia Moreira (Universidade de Fortaleza)

Ida Elizabeth Cardinalli (PUC- SP)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Elza Dutra (Presidente)

Ana Andréa Barbosa Maux

Ana Karina Silva Azevedo

Cíntia Guedes Bezerra

Cynara Carvalho de Abreu

Kadidja Suelen de Lucena Santos

Melina Séfora Souza Rebouças

Symone Fernandes de Melo

COMISSÃO CIENTÍFICA

Elza Dutra

Ana Andréa Barbosa Maux

Ana Karina Silva Azevedo

Cíntia Guedes Bezerra

Cynara Carvalho de Abreu

Kadidja Suelen de Lucena Santos

Melina Séfora Souza Rebouças

Symone Fernandes de Melo

EQUIPE DE APOIO TÉCNICO

Amanda Melo Queiroz da Costa

Bianca Galván Tokuo

Déborá Cristina Guerra de Araújo Vale

Gêdson Resende de Almeida

Ianny Felinto Medeiros de Azevedo

Malu Nunes de Oliveira

Manuella Bila de Melo

Maria Vanessa Morais da Silva

Thainá Souza Cruz Belmiro

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sufrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO DOS ANAIS

Cynara Carvalho de Abreu

Maria Vanessa Morais da Silva

Tamilis Manoele

SECRETARIA GERAL

Kadidja Suelen de Lucena Santos

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Kadidja Suelen de Lucena Santos

Gêdson Resende de Almeida

Thainá Souza Cruz Belmiro

CANAIS DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

www.nucleopoiesis.com.br

@poiesis_psi_feno

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sufrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Catologação da Publicação na Fonte UFRN/ Biblioteca setorial do Biociências

Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial (3. : 2021 :
Natal, RN)

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial [e
do] Encontro Nacional do GT em Psicologia & Fenomenologia –
ANPEPP [recurso eletrônico] : sofrimento e historicidade : o
desamparo ético-político na contemporaneidade. – Natal, RN:
UFRN, 2021.

140p.: PDF.

ISSN: 2763-7441

Acesso: <http://www.nucleopoiesis.com.br>

Evento realizado nos dias 22, 23 e 24 de setembro de 2021.

1. Fenomenologia existencial – Congressos. 2. Psicologia –
Congressos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. II. Encontro

Elaborado por Kátia Rejane da Silva – CRB 15/351

SUMÁRIO

SESSÕES TEMÁTICAS	19
ADOECIMENTO, SER-PARA-A-MORTE E RESPONSABILIDADE: RELATO DE ATENDIMENTO CLÍNICO EMBASADO NA TEORIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL ..	20
Vanuza Flor	
UM ATENDIMENTO CLÍNICO: ANGÚSTIA, SOLIDÃO E ABANDONO EXISTENCIAL-RELATO DE EXPERIÊNCIA	21
Ana Amélia Melo de Oliveira	
REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DO SUICÍDIO INFANTIL: COMPREENSÕES POSSÍVEIS E QUESTIONAMENTOS NECESSÁRIOS	22
Manuella Bila de Melo	
Ana Karina Silva Azevedo	
PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL E PANDEMIA: ATENDIMENTOS VIRTUAIS COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO	23
Andrielly Raysa de Medeiros	
Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo	
COVID-19 E ESTÁGIO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: REFLEXÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA	24
Alessandra Sawada Bertolucci	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite	
Kássia Elaine Candeia da Silva	
A EXPERIÊNCIA DE SER SUPERVISOR CLÍNICO NO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA.....	25
Patrícia Regina Bueno Incerpe	
Nadini Brandão de Sousa Takaki	
Vera Engler Cury	
PENSANDO A ARTE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM EM UM GRUPO DE ESTUDOS.....	26
Luísa Brito Barbosa	
Igor Santos Cassiano	
Clara Regina do Nascimento Evangelista	
Claúdia Araújo Gomes	
Anna Karynne Melo	
DIÁRIO VIVENCIAL COMO RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM PSICOLOGIA	27

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Nadini Brandão de Sousa Takaki

Vera Engler Cury

**ALICE NO PAÍS DA AUTENTICIDADE: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-HEIDEGGERIANO
SOBRE SER-NO-MUNDO DAS MARAVILHAS28**

Amanda Karênina Galvão de França

Isabela Pinto Lucena Bezerra

Pedrita Ádala Soares Bezerra

**O SHOW DE TRUMAN: UMA REFLEXÃO À LUZ DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO
HERMENÊUTICA29**

Lucas Matheus de Lima Silva

Maria Eduarda de Freitas Moreira

O PENSAMENTO EXISTENCIAL DE LÉON CHESTOV E BENJAMIN FONDANE30

Gabriela Bal

**RELAÇÕES E POTENCIALIDADES DA LITERATURA À CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAL: UMA PERSPECTIVA SARTREANA31**

Georges Daniel Janja Bloc Boris

João Felipe Leite Costa

**REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO CLÍNICO ONLINE DURANTE A PANDEMIA: UMA
PERSPECTIVA HUMANISTA.....32**

Nadini Brandão de Sousa Takaki

Patrícia Regina Bueno Incerpe

Vera Engler Cury

**SER PSICOTERAPEUTA EM TEMPOS DE COVID-19: INTERVENÇÃO EM CRISE VERSUS
ENCONTRO GENUÍNO33**

Daniela Dantas Lima

Vera Engler Cury

HABITAR UM MUNDO EM PANDEMIA: CONSIDERAÇÕES À LUZ DE HEIDEGGER34

Amanda Melo Queiroz da Costa

Symone Fernandes de Melo

Ana Karina Silva Azevedo

**ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO POR MEIO DE TICS: RELATO DE
EXPERIÊNCIA.....35**

Clara Regina do Nascimento Evangelista

**SER-NO-MUNDO E O ISOLAMENTO SOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA ENQUANTO
ACADÊMICOS/ESTAGIÁRIOS36**

Beatriz Alencar Nunes Silva

Vanuza Flor

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Tagley Cristina Moras

**DA OCIOSIDADE AO CANSAÇO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE
PRODUTIVIDADE NO ENSINO REMOTO UNIVERSITÁRIO37**

Gêdson Resende de Almeida

Cynara Carvalho de Abreu

**FORMAR-SE PSICOTERAPEUTA A PARTIR DA PRÁTICA CLÍNICA ON-LINE: LIMITES E
POTENCIALIDADES.....38**

Caroline da Costa Oliveira

Gabriela Pessoa Soares

Lissia Maria Silva de Lima

Symone Fernandes de Melo

**GRUPO DE ESTUDOS VIRTUAL COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E CUIDADO NA
PANDEMIA.....39**

Lana Carolina Silva Pereira

Igor Santos Cassiano

Liliane Brandão Carvalho

Anna Karynne Melo

ADOCIMENTO PSÍQUICO E ASSIMETRIAS DE GÊNERO NA MEDICINA40

Luiz Henrique Moreira Pereira

Simone da Nóbrega Tomaz Moreira

Elza Maria do Socorro Dutra

REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O FAZER CLÍNICO E LUGAR GEOGRÁFICO.....41

Milena Rodrigues Souza e Silva

Francijonison Custódio do Nascimento

A RELAÇÃO DO DASEIN COM OS SMARTPHONES EM UM HORIZONTE PANDÊMICO42

Bianca Galván Tokuo

Elza Maria do Socorro Dutra

**A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM DIÁLOGO COM UMA INSTITUIÇÃO DE
ACOLHIMENTO43**

Alexandre Victor Romero

**ARTE DA EXPERIMENTAÇÃO NA CLÍNICA GESTÁLTICA COM CRIANÇAS: O USO DA
SELF-BOX.....44**

Andressa Lima Cordeiro

Francilene Soares dos Santos

Joana Rosaria Vasconcelos da Silva

Karen Moura Monteiro

Deyseane Maria Araújo Lima

O ATENDIMENTO REMOTO COMO POSSIBILIDADE NA LUDOTERAPIA DE INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICA.....	45
Ingrid de Carvalho Lavor	
ENTRE LAÇOS DO AMOR QUE SE FORMA A FAMÍLIA: ADOÇÃO EM CENA.....	46
Yasmin Falcão Bezerra	
Ianna Angel Gonçalves Fernandes	
Gessica Raquel Clemente Rodrigues	
OS SENTIDOS DE HABITAR PARA CRIANÇAS EM MEDIDA PROTETIVA DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL	47
Lucas Araújo Soares	
Amanda Melo Queiroz da Costa	
Ingrid de Carvalho Lavor	
Symone Fernandes de Melo	
O PROCESSO DE VINCULAÇÃO NO ATENDIMENTO CLÍNICO INFANTIL: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	48
Beatriz Alencar Nunes Silva	
Tagley Cristina Morás	
A EXPERIÊNCIA DE GRADUANDOS EM PSICOLOGIA NO TRABALHO COM CRIANÇAS AUTISTAS.....	49
Bruna Isabelli Ferreira dos Santos	
Patricia Regina Bueno Incerpe	
EVOLUÇÃO DE NARRATIVAS COMPREENSIVAS DE INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICA EM UM GRUPO DE PESQUISA.....	50
Ramila I F Alckmin	
Geni A J Wolf	
Tiago Bastos de Moura	
Vera Engler Cury	
FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA COMO MÉTODO CRÍTICO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA CLÍNICA.....	51
Henrique Shody Hono Batista	
Joanneliese de Lucas Freitas	
“SHOW DE TRUMAN”: SHOW DA VIDA À LUZ DA ANALÍTICA HEIDEGGERIANA.....	52
Maria Eduarda Araújo Santos	
Thainá Souza Cruz Belmiro	
Frederico Noronha Clemente	
Cynara Carvalho de Abreu	
ALICE E HEIDEGGER: UMA TRAJETÓRIA PELO MUNDO SUBTERRÂNEO	53

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Cecília Abreu de França Gonçalves	
Symone Fernandes de Melo	
A TEMATIZAÇÃO DA MORTE NA SÉRIE “THIS IS US”	54
Andrielly Raysa de Medeiros	
SER(KOM)BI: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-HEIDEGGERIANO SOBRE O FILME PEQUENA MISS SUNSHINE.....	55
Isabela Pinto Lucena Bezerra	
Amanda Ashiley Lima Pires	
O ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO SEGUNDO ROLLO MAY	56
Maria Virgínia Valadares Borges	
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	
PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA MODALIDADE CLÍNICA DE CUIDADO E ACOLHIMENTO	57
Luciana Fernandes de Medeiros	
Évilla Karielly Fernandes	
Amanda Luiza de Oliveira Silva	
Antonia Andrelandia Jácome de Oliveira	
PLANTÃO HUMANISTA FENOMENOLÓGICO: A EXPERIÊNCIA DO INESPERADO EM UM SERVIÇO-ESCOLA.....	58
Igor Santos Cassiano	
Lana Carolina Silva Pereira	
Liliane Brandão Carvalho	
Anna Karynne Melo	
SOFRIMENTO E MODOS DE EXISTÊNCIA NA PANDEMIA DE COVID-19	59
Samira Meletti S Goulart	
PLANTÃO PSICOLÓGICO E PANDEMIA: FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA ENTRE O TECNOLÓGICO E O TERAPÊUTICO	60
Ana Karina Silva Azevedo	
Felipe de Oliveira Ramos	
Morgana de Gusmão Moraes	
Thainá Souza Cruz Belmiro	
Viviane Assunção Campelo	
A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGOS COM PSICOTERAPIA REMOTA: UMA COMPREENSAO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	61
Sílvia Raquel Santos de Moraes	
Queila Andrade Haine Campos	

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

TORNAR-SE MÉDICO: REFLEXÕES A PARTIR DA ESCUTA DE ESTUDANTES DE MEDICINA	62
Lucas Araújo Soares	
Natália Nogueira de Medeiros	
Ana Karina Silva Azevedo	
AJUSTAMENTO CRIATIVO NA GESTALT-TERAPIA: A EXPERIÊNCIA DE CADA UM NA PANDEMIA.....	63
Mariana de Holanda Roque Pires	
Deyseane Maria Araújo Lima	
A MATERNIDADE PARA SIMONE DE BEAUVOIR EM “O SEGUNDO SEXO”	64
Maria Clara de Vasconcelos Romero	
Georges Daniel Janja Bloc Boris	
ENTREGA LEGAL: O MITO DO AMOR MATERNO	65
Yasmin Falcão Bezerra	
Gessica Raquel Clemente Rodrigues	
FILHOS POR ESCOLHA E AMOR: VIVÊNCIA DE CASAIS HOMOAFETIVOS QUE ADOTARAM FILHOS.....	66
Gessica Raquel Clemente Rodrigues	
Ana Andréa Barbosa Maux	
Geovânia da Silva Toscano	
RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS E O CUIDADO NO CICLO GESTACIONAL	67
Cintia Souza de Abreu	
Vera Engler Cury	
O ATENDIMENTO PSICOLÓGICO COMO UM DESOCULTAR-SE EM OBRA DE ARTE	68
Alisson de Oliveira Santos	
Ana Andréa Barbosa Maux	
ARTETERAPIA GESTÁLTICA E VALORIZAÇÃO DA VIDA: EM BUSCA DE SI MESMO	69
Francimeire França de Lima	
Deyseane Maria Araújo Lima	
LOUCURA E ARTE: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA	70
Ana Izabel Oliveira Lima	
Melina Séfora Souza Rebouças	
ARTE NA GESTALT-TERAPIA COMO INSTRUMENTO PSICOTERAPÊUTICO EM PESSOAS COM ESQUIZOFRENIA	71
Francimeire França de Lima	
Érica Silina de Almeida Meneses	

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Deyseane Maria Araújo Lima

PROCESSO DE ENLUTAMENTO NO CONTEXTO DA NOVA COVID-19: UMA REVISÃO DE LITERATURA72

Sílvia Raquel Santos de Moraes

Camilla Kelly Rodrigues dos Santos

João Paulo Rodrigues Bezerra Tavares

SUICÍDIO E SERIDÓ POTIGUAR: UM ESTUDO DE INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA73

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo

Elza Maria do Socorro Dutra

ADOÇÃO E SUAS REVERBERAÇÕES: FAMÍLIA QUE SE FORMA ENTRE LAÇOS DO AMOR74

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

Catarina Leonila Costa Amorim

Ianna Angel Gonçalves Fernandes

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE: PROJETO DE EXTENSÃO PROLVIDA75

Vitória dos Anjos Noleto Moura

Ana Izabel Oliveira Lima

SARTRE SERVIDO À PLATEIA: TEATRO DE SITUAÇÕES NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA (1964-1969)76

Rodolfo Rodrigues de Souza

FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE: UMA INTERPRETAÇÃO CRÍTICA A PARTIR DO PENSAMENTO DE SARTRE77

Geise Campêlo Ferreira

Cleber Baleeiro

MÁ-FÉ E INCONSCIENTE: SARTRE CONTRA FREUD78

Alexandre Victor Romero

SIMONE DE BEAUVOIR: ESPANTO E LIBERDADE EM UM MUNDO NA MÁ FÉ79

Luciana Fernandes de Medeiros

PANDEMIA E ABERTURA DO SER: REFLEXÕES SOBRE O SER-PARA-MORTE E O SUICÍDIO80

Vitória dos Anjos Noleto Moura

Ana Izabel Oliveira Lima

RITUAIS FÚNEBRES, A ELABORAÇÃO DO LUTO E A PANDEMIA81

Maria Eduarda Araújo Santos

Thainá Souza Cruz Belmiro

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Ana Karina Silva Azevedo

A SINGULARIDADE EM (RE)SIGNIFICAR PERDAS: VIVÊNCIA DO LUTO DURANTE A INFÂNCIA.....82

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

Catarina Leonila Costa Amorim

Ianna Angel Gonçalves Fernandes

SAÚDE NA GESTALT-TERAPIA EM "SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA NOITE"83

Deyseane Maria Araújo Lima

A PANDEMIA DE COVID-19 E A SITUAÇÃO DAS MULHERES: UMA REFLEXÃO TEÓRICA 84

Aneliana da Silva Prado

Camila de Barros Dutra

PSICODIAGNÓSTICO NO EXTREMO SUL DA BAHIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA85

Maira Prieto Bento Dourado

INFLUÊNCIAS DA FENOMENOLOGIA E DO EXISTENCIALISMO NO PENSAMENTO DE FRANCO BASAGLIA.....86

Daniela Dantas Lima

Vera Engler Cury

DE PESSOA PARA PESSOA: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS QUE FAVORECEM O TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA87

Gabriela Abreu Veloso Isidoro

Raquel Cassimiro dos Santos

Guilherme Wykrota Tostes

SER-CRIANÇA COM TDAH NA CONTEMPORANEIDADE: COMPREENSÕES NA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA-HEIDEGGERIANA88

Débora C G de A Vale

Ana Karina Silva Azevedo

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA INTERSUBJETIVIDADE NA LUDOTERAPIA HUMANISTA.....89

Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra

Vera Engler Cury

COMPREENSÃO DE MERLEAU-PONTY ACERCA DO DESENHO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS.....90

Willyan da Costa Mota

Rosa Angela Cortez de Brito

Virginia Moreira

DOS RECORTES À FORMAÇÃO DE SENTIDOS: UMA PROPOSTA DE PSICOTERAPIA COM AUTISTAS.....91

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Gisella Mouta Fadda

Vera Engler Cury

LGBTQIA+: A PLURALIDADE DAS VIVÊNCIAS.....92

Hiago de Carvalho Batista dos Santos

Luanda Cristine Arruda Correa

O SUICÍDIO ENTRE A POPULAÇÃO LGBTI+: VIDAS INVISÍVEIS E SUICIDADAS?.....93

Maria Vanessa Morais da Silva

Ana Karina Silva Azevedo

ACOLHER A DOR NA VULNERABILIDADE: ISSO QUE VOCÊ FAZ É SER HUMILDE.....94

Yasmin Falcão Bezerra

Ianna Angel Gonçalves Fernandes

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

**PROJETO DE VIDA E MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE MEIO ABERTO: REFLEXÕES
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS.....95**

Sinthya de Cássia Oliveira da Rocha

Brenda Seabra Rodrigues Lima

**ATRAVÉS DA TELA: PANDEMIA, DISTANCIAMENTO SOCIAL E A QUESTÃO DA TÉCNICA
.....96**

Andrea Cristina Tavelin Biselli

Ida Elizabeth Cardinalli

**SUSPENDENDO A BUSCA POR RESULTADOS: A ATITUDE FENOMENOLÓGICA EM
PSICOTERAPIA97**

Tiago Bastos de Moura

Vera Engler Cury

O SENTIDO DAS REDES DE APOIO PARA ESTUDANTES MIGRANTES98

Thainá Souza Cruz Belmiro

Maria Eduarda Araújo Santos

Ana Karina Silva Azevedo

Natalie Aguiar Cavalcante

Ralina Carla Lopes Martins da Silva

**GRUPOS REFLEXIVOS COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO COMBATE À COVID-19 NUM
HOSPITAL.....99**

Maria Paula Marques Macêdo

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite

**A POPULAÇÃO LGBTI+ BRASILEIRA E A PANDEMIA DE COVID-19: ALGUNS
APONTAMENTOS100**

Maria Vanessa Morais da Silva

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Ana Karina Silva Azevedo

**CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA CRÍTICA PARA A COMPREENSÃO DA
BRANQUITUDE COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA101**

Carolina dos Santos Garbelotti

Joanneliese de Lucas Freitas

UM OLHAR DIALÓGICO SOBRE AS RELAÇÕES COM A DIFERENÇA.....102

Lucas Barbosa da Silva

Patrícia Bueno Regina Incerpe

**SER-MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: EXPERIÊNCIA DE UM PROCESSO
PSICOTERAPÊUTICO103**

Amanda Melo Queiroz da Costa

Ana Karina Silva Azevedo

**A EXPERIÊNCIA DE MULHERES MASTECTOMIZADAS POR CÂNCER DE MAMA: UM
ESTUDO FENOMENOLÓGICO104**

Ramila Isa de Alencar Alkimim Ferrari

**IDOSAS E LAR DE LONGA PERMANÊNCIA: TECENDO REFLEXÕES A PARTIR DA
EXPERIÊNCIA.....105**

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite

Kássia Elaine Candeia da Silva

REFLEXÕES SOBRE A COMPREENSÃO CLÍNICA A PARTIR DO CASO DRA. COBBLING .106

Rafael Monho Ribeiro

O SOFRIMENTO E A GERAÇÃO Z NO MUNDO PANDÊMICO107

Andrielly Raysa de Medeiros

Ianny Felinto Medeiros de Azevedo

**EXPERIÊNCIA TERAPÊUTICA DE “GRUPOS DE ENCONTRO” VIRTUAIS COM PESSOAS
AUTISTAS.....108**

Gisella Mouta Fadda

Vera Engler Cury

**REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS-EXISTENCIAIS INSPIRANDO CLÍNICA PSICOLÓGICA:
O DESALOJAR DO HUMANO NO CONTEXTO PANDÊMICO109**

Danielle de Gois Santos Caldeira

Elza Dutra

**PANDEMIA E PROFISSIONAIS DA SAÚDE: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOTERAPIA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL110**

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo

MESAS-REDONDAS INSTITUCIONAIS.....111

NÚCLEO DE FENOMENOLOGIA CRÍTICA: PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE NA PANDEMIA.....	112
Maíra Mendes Clini	
Elisa Cavalheiro Crema	
Lívia Mendes Miyasato	
Luis Eduardo Cobra Lacôrte	
PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE DO NÚCLEO FENOMENOLOGIA CRÍTICA: HISTÓRIA E FUNDAMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA E POLÍTICA	113
Maíra Mendes Clini	
PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE: ESTRUTURA, PROPOSTA E ESPECIFICIDADES	114
Elisa Cavalheiro Crema	
PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DESSA MODALIDADE DE ATENDIMENTO	115
Lívia Mendes Miyasato	
PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE: ATRAVESSAMENTOS DE CLASSE, GÊNERO, RAÇA E O LUGAR DO PLANTÃO NO CONTEXTO GERAL DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL	116
Luis Eduardo Cobra Lacôrte	
INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO RIO DE JANEIRO.	117
INVENÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA: EXPERIÊNCIA DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO DO LEFE/IPUSP	117
Elaine Lopez Feijoo	
Flávia Moreira Protasio	
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa	
AS ENIGMÁTICAS EXPRESSÕES DO HOMEM FRENTE ÀS PANDEMIAS.....	118
Flávia Moreira Protasio	
A EXPERIÊNCIA DE SEPULTAMENTO E LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA	119
Elaine Lopez Feijoo	
UMA PERSPECTIVA CLÍNICA COMPREENSIVA EM SITUAÇÕES DE LUTO.....	120
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa	
INVENÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA: EXPERIÊNCIA DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO DO LEFE/IPUSP	
ESCUITA OPORTUNA E CUIDADO: PLANTÃO “PSICOLÓGICO” COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO INTERPROFISSIONAL EM SAÚDE	121
Pedro Vitor Barnabé Milanese	
Henriette Tognetti Penha Morato	
André Prado Nunes	
Carla Caminata Carminholi	

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Heloísa Antonelli Aun

Laiz Maria Silva Chohfi

PLANTÃO PSICOLÓGICO NO HU: POLÍTICA E HISTORICIDADE DAS PRÁTICAS DE CUIDADO122

Bárbara dos Santos Chagas

Fernanda Nardoni

A VIVÊNCIA NO ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO ONLINE EM PANDEMIA 123

Gabriel Leite de Abreu Gomes

“PSICO NO DJ”: EXPERIÊNCIA DE GRADUANDOS EM ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE.....124

Thais Souza Bellucci

A PRESENÇA DA FENOMENOLOGIA NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DA UFRN.....125

Cynara Carvalho de Abreu

Symone Fernandes de Melo

Elza Dutra

DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PSICOTERAPEUTAS NA PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL NO CENÁRIO PÓS-MODERNO.....126

Symone Fernandes de Melo

ABRAMD-FENOMENOLOGIA: USO DE DROGAS E DESAMPARO ÉTICO-POLÍTICO NA CONTEMPORANEIDADE127

Prof. Dr. Marcelo Sodelli

André Pimenta de Melo

Profª Drª Daniela Ribeiro Schneider

O USO DE DROGAS NO NOSSO TEMPO E O TEMPO COMO HORIZONTE FUNDAMENTAL DO FENÔMENO DO USO DE DROGAS128

Prof. Dr. Marcelo Sodelli

DROGAS, COLONIALIDADE E DESAMPARO: QUESTIONAMENTOS FENOMENOLÓGICOS E DECOLONIAIS.....129

André Pimenta de Melo

REFLEXÕES EXISTENCIALISTAS SOBRE USO DE DROGAS E O DESAMPARO ÉTICO-POLÍTICO NA CONTEMPORANEIDADE130

Profª Drª Daniela Ribeiro Schneider

MESA INSTITUCIONAL POIESIS: ACOLHENDO SOFRIMENTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS E RELATOS DE EXPERIÊNCIAS131

Ana Andréa Barbosa Maux

Cintia Guedes Bezerra

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e
Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP

Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade

Kadidja Suelen de Lucena Santos

Melina Séfora Souza Rebouças

**UMA EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO *ON-LINE* À LUZ DA HERMENÊUTICA
HEIDEGGERIANA.....132**

Cintia Guedes Bezerra

**MÃES DESNATURADAS? ACOMPANHAMENTO REMOTO DE UM CASO DE ENTREGA
LEGAL.....133**

Ana Andréa Barbosa Maux

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS.....134**

Kadidja Suelen de Lucena Santos

**A SUPERVISÃO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL E SEUS DESAFIOS
EM TEMPOS DE PANDEMIA.....135**

Melina Séfora Souza Rebouças

**LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL E
PSICOSSOCIAL - LA CLIFEP
NO BALANÇO DA EXISTÊNCIA: PÔR FIM À VIDA, SOFRIMENTO E HISTORICIDADE.....136**

Alessandra Sawada Bertolucci

Andréa Carla Ferreira de Oliveira

Gláucia Fernanda Soares Cabral

Pedro Pereira Cavalcante Filho

Carmem Lúcia de Brito Tavares Barreto

**NO BALANÇO DA EXISTÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DE CON-VIVER COM
COMPANHEIROS(AS) QUE TENTAM PÔR FIM À PRÓPRIA VIDA.....137**

Alessandra Sawada Bertolucci

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E O PÔR FIM À VIDA.....138

Andréa Carla Ferreira de Oliveira

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

**SUICÍDIO E PSICOTERAPIA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA
DA EXPERIÊNCIA DE PACIENTES QUE BUSCAM PÔR FIM À VIDA139**

Gláucia Fernanda Soares Cabral

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

POR FIM À VIDA: O SILÊNCIO DOS ENLUTADOS140

Pedro Pereira Cavalcante Filho

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

SESSÕES TEMÁTICAS

**ADOCIMENTO, SER-PARA-A-MORTE E RESPONSABILIDADE: RELATO DE
ATENDIMENTO CLÍNICO EMBASADO NA TEORIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Vanuza Flor
UNIDEP – Centro Universitário de Pato Branco

O presente relato refere-se à experiência de atendimento clínico de uma acadêmica de Psicologia em um Centro Universitário do Estado do Paraná, onde atuou como estagiária na Clínica-Escola. Os atendimentos foram realizados no 9º período do curso de psicologia, durante o Estágio Supervisionado II. Considerou-se o indivíduo como ser inacabado, tendo de lançar-se às possibilidades para construir a própria existência e tendo a morte como a possibilidade que encerra todas as demais, sendo a consciência dessa possibilidade a fonte de angústia, mas também a impulsionadora da construção da existência do ser, caracterizando-o como ser-para-a-morte. A paciente em foco passou a ser atendida no período de março a junho de 2020. Ela havia sido diagnosticada com um aneurisma ao lado do coração que, por suas características, mostrava-se inoperável. Demandas sobre o relacionamento familiar da paciente surgiram no decorrer do processo, interferindo diretamente na forma de vivenciar o diagnóstico supracitado. Considerando o contexto vivencial da paciente, objetivou-se durante os atendimentos lhe possibilitar autoconhecimento e autonomia psicológica através da psicoterapia existencial, para que pudesse, de forma livre, assumir a sua existência e as escolhas que ela constitui. Diante do diagnóstico médico, o medo da morte e a falta de previsibilidade surgiram como angústia no discurso da paciente, a qual foi incentivada a refletir sobre a inerência da finitude diante da existência, e o quão imprevisível ela é, porém, embora essa possibilidade exista, muitas outras possibilidades se apresentam até a morte. A maneira como o indivíduo estabelece suas relações com o outro interfere diretamente na forma de vivenciar sua existência. A paciente, ao mencionar seu contexto familiar, demonstrou sentir-se desamparada pela família, atribuindo-lhes a escolha de negligenciar os cuidados médicos exigidos, porém, todo sujeito é o que escolhe ser e só pode contar com o que depende de si mesmo, ou, das probabilidades que tornam suas ações ou desejos possíveis. Considerando as dificuldades de responsabilização apresentadas pela paciente, fez-se necessário intervir na sua perspectiva geral rígida, a qual fazia com que a paciente agisse sempre da mesma forma, afinal, é a partir do momento em que se vislumbram outras possibilidades de estado é que os sofrimentos podem ser percebidos como insuportáveis, considerando sempre a liberdade e responsabilidade do indivíduo.

Palavras-chave: adoecimento; angústia; possibilidade; responsabilidade.

**UM ATENDIMENTO CLÍNICO: ANGÚSTIA, SOLIDÃO E ABANDONO EXISTENCIAL-
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Ana Amélia Melo de Oliveira

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias-Lisboa

Neste trabalho apresentamos a experiência de um atendimento clínico realizado a uma mulher de 58 anos, aposentada, casada, mãe de duas filhas e que chegou à clínica no mês de maio de 2021 em busca de ajuda para a crise que estava vivendo em seu casamento, essa era sua queixa inicial. Os atendimentos estão sendo realizados de maneira on-line em virtude da pandemia. Ela apresenta uma grande angústia existencial por nunca ter sido amada, reconhecida, valorizada e compreendida por sua parentela, tendo vindo de uma família de 08 irmãos, mãe e pai. Em seus relatos, o abandono afetivo por parte da família a conduziu por uma caminhada de investimento nos estudos e na carreira profissional como uma forma de busca e encontro de reconhecimento e aceitação, embora as pessoas que se aproximavam dela, faziam pelo que ela poderia oferecer em troca, sempre havendo uma permuta, uma barganha nessas relações. Na sua caminhada existencial, calcada em uma sociedade machista e patriarcal, sempre experienciou relações abusivas permeadas por violências físicas e psicológicas. Como mulher, buscou fugir do lugar da figura feminina de referência, sua mãe, que sempre se vitimizou por existir como mulher negra e filha fora de um casamento na década de 1920. Reproduz esse padrão de vítima e vitimização, de incompreensão e profunda angústia por não ser amada e compreendida por seu atual companheiro e filhas. O medo da solidão, a incerteza a que se vê lançada diante da finitude do seu casamento a tem aprisionado em uma relação abusiva, cercada de crises de ciúmes, ansiedades e uma excessiva necessidade de controlar o tempo, a finitude do casamento e da vida do seu companheiro, assim como a existência das suas filhas e dela mesma como sujeitos lançados no mundo. Ser no mundo, ser-aí, ainda é um lugar desconfortável e inseguro para essa mulher que resiste em viver e a lidar com a possibilidade de sentir-se sozinha e abandonada no mundo, uma condição que inviabiliza qualquer possibilidade do seu devir. Na escuta clínica, a partir da perspectiva fenomenológica heideggeriana, buscou-se um lugar de acolhimento, escuta e fala, abrigo, reflexão e, por vezes, tensionamento dos fenômenos que se apresentavam, refletindo sobre essa existência repleta de aprisionamentos, violências, possibilidades e potência. Uma prática clínica que se assenta no caminhar com a paciente, abrindo espaço para lidar com o sofrimento com a possibilidade de ampliar horizontes, repertórios e formas de existir.

Palavras-chave: Sofrimento; Angústia; Fenomenologia.

**REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DO SUICÍDIO INFANTIL:
COMPREENSÕES POSSÍVEIS E QUESTIONAMENTOS NECESSÁRIOS**

Manuella Bila de Melo

Universidade Federal Rio Grande do Norte

Bolsista CAPES

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal Rio Grande do Norte

O suicídio – ato de pôr fim à própria vida – vem em crescimento estatístico nos últimos anos, de acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde. Segundo o Mapa da Violência (2014), no período de 2000 a 2012 verificou-se um aumento de 40% no número de suicídios de crianças e adolescentes com idades entre 10 e 14 anos. A partir disso, em levantamento bibliográfico realizado no SciELO (Scientific Electronic Library Online), no início do segundo semestre de 2020, utilizando os descritores “suicide AND children”, foram encontrados 159 artigos, no entanto, nenhum consistia em estudos qualitativos e/ou que se propusessem a compreender a experiência do suicídio infantil a partir dos seus viventes: as crianças. Alguns autores apontam que a escassez de pesquisas nessa temática teria relação com a dificuldade da sociedade reconhecer o sofrimento infantil, já que há uma crença de que essa faixa etária seria marcada por sonhos e alegrias e, portanto, isenta de dores existenciais. Além disso, a baixa letalidade dos meios utilizados também justifica a dificuldade na identificação da intenção suicida em crianças. A partir disso e da compreensão do suicídio como ato de comunicação de um sofrimento insuportável e que encontra na morte um caminho de sentido, reflete-se: Temos dado lugar ao sofrimento infantil? O que o suicídio de uma criança nos convoca a compreender? Pensar este fenômeno a partir da ontologia hermenêutica é compreender as crianças como Daseins, marcadas pelo caráter de indeterminação, da abertura, e lançadas em um mundo que, por vezes, apresenta-se como um lugar inóspito. Diante disso, o objetivo deste trabalho é compreender, a partir da ontologia heideggeriana, o suicídio em crianças. Mesmo que ainda haja uma tentativa de distanciar as crianças das discussões em torno da finitude da existência, sendo um ser-para-a-morte, não é possível fazer essa separação. Sabe-se também que a forma como o suicídio será socialmente compreendido tem relação com a cultura e o contexto histórico da época, assim, é válido destacar que o século XXI tem sido marcado pelo surgimento dessa temática entre o público infantojuvenil por meio do aparecimento de séries e desafios, os quais, apesar de trazerem desdobramentos negativos, despertaram discussões importantes sobre a morte e retomaram a importância de espaços onde seja possível falar sobre essa dor.

Palavras-chave: Suicídio; Infância; Fenomenologia Existencial; Heidegger; Sofrimento.

**PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL E PANDEMIA: ATENDIMENTOS
VIRTUAIS COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO**

Andrielly Raysa de Medeiros

Núcleo Poiesis

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A pandemia da COVID-19 tem ocasionado relevantes impactos na economia, na saúde pública e na saúde mental da sociedade. Com a finalidade de conter a transmissibilidade da doença, o isolamento social apareceu como método de prevenção, influenciando os hábitos pessoais e os afazeres profissionais da população em geral. Tantas mudanças demandaram uma rearticulação dos modos de ser e estar no mundo. De forma abrupta, fomos inseridos em um contexto de grande sofrimento e solicitados a nos inserirmos com mais agilidade nas interações sociais virtuais, que apesar de já comporem a realidade cotidiana do homem contemporâneo, tem exigido de nós uma celeridade de aprendizado e acesso às tecnologias. Nesse contexto, a Psicologia é demandada a contribuir para com o enfrentamento da pandemia e entre as formas de contribuição, está o cuidado em saúde mental, através de atendimentos em psicoterapia de forma virtual. Nessa linha contextual, este relato de experiência tem como objetivo trazer uma reflexão sobre o atendimento em psicoterapia online. Para tanto, apoiamos-nos no olhar da Psicologia Fenomenológico-Existencial, de inspiração heideggeriana. A ontologia de Martin Heidegger nos possibilita pensar as questões ônticas do homem em sua cotidianidade e o compreende como o ser que se relaciona com o mundo, com ele coexiste e é atravessado pela historicidade. Para o procedimento deste relato, utilizamos as transcrições das sessões dos atendimentos virtuais de psicoterapia, de março de 2020 a junho de 2021, cuja interpretação se fundamenta na compreensão hermenêutica heideggeriana. As demandas trazidas em sessão atravessam questões como angústia e medo diante da instabilidade do cenário de saúde global e sua expressiva taxa de mortalidade. Observou-se, em muitos casos, um movimento de maior autenticidade e busca pelo sentido da própria existência a partir da percepção da própria finitude. Ainda, devido ao mergulho ainda maior no mundo digital, nota-se uma grande sobrecarga mental nos sujeitos, os quais são interpelados por uma sociedade do desempenho, da midiaticização da existência e da positividade tóxica. O serviço de psicoterapia, neste cenário, permite aos sujeitos um encontro com o próprio horizonte de sentidos, a compreensão de singularidade e, por isso, mostra-se como pilar importante para o acolhimento e apoio emocional dos sujeitos. Devido a relevância deste tema, evidencia-se a necessidade de se debruçar ainda mais na sua reflexão, análise e compreensão.

Palavras-chave: Fenomenologia heideggeriana; Atendimento virtual; Psicoterapia.

COVID-19 E ESTÁGIO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: REFLEXÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA

Alessandra Sawada Bertolucci
Universidade Católica de Pernambuco
Bolsista LACLIFEP/UNICAP

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Universidade Católica de Pernambuco

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite
Universidade Católica de Pernambuco

Kássia Elaine Candeia da Silva
Universidade Católica de Pernambuco

O presente estudo se propõe a compreender a experiência de estágio em Psicologia Clínica, diante do atual cenário pandêmico, em virtude da covid-19. Para tanto, foram utilizados os recursos dos diários de bordo de duas estagiárias: sendo uma delas aluna da graduação e a outra da Pós-graduação, que realizou o estágio de docência vinculada a disciplina de estágio II. As compreensões acerca da situação de estágio e supervisão revelaram-se a partir de um diálogo com as narrativas das estagiárias, à luz da Fenomenologia Hermenêutica. Foi possível, a partir destes diálogos, compreender a pandemia enquanto “crise” que revela-se como possibilidade para a desconstrução/construção dos modos de ser estagiário/estagiária e para a produção de novos sentidos para a formação do Psicólogo. Dificilmente, se imaginaria que a experiência de estágio se daria em meio a uma pandemia, que obrigaria a adoção de protocolos sanitários na tentativa de minimizar o risco de um possível contágio pela covid-19. O medo foi sem dúvida uma tonalidade afetiva bastante presente nesta situação. Medo de se contaminar, medo de contaminar os outros, o medo frente a situação vivida foi companheiro constante. Frente a crise-vivida, o fazer clínico enquanto técnica mostrou-se insuficiente diante desse contexto que escancarou a impossibilidade da mensuração, do controle e da previsibilidade da existência humana. Tal situação convocou a todos os envolvidos a repensarem seus modos de ser psicólogos (estagiários e supervisores). Diante de tal horizonte desafiador, a possibilidade da construção de redes de confiança e colaboração entres os estagiários e entre esses e os supervisores revelou-se fundamental para o encaminhamento do estágio e da prática clínica. O estranhamento frente aos novos limites impostos pelo contexto pandêmico, fez-se companheiro constante. E, nesta direção, a estagiária de docência compartilha seu sentimento frente a “presença-ausente” dos alunos e alunas no contexto da supervisão, na qual muitos se encontravam com as câmeras de seus computadores e ou telefones fechadas. Por fim, a ação clínica, assim como a espaço de supervisão, revelou-se como possibilidade de tessitura de diálogos que convoca o deslocamento, o pôr-se a caminho, tanto para o estagiário/psicólogo, supervisores, como para o paciente. Nesta direção, enquanto situação hermenêutica, a supervisão e a prática clínica revelaram-se enquanto caminho aberto ao inesperado.

Palavras-chave: Formação do Psicólogo; Psicologia Fenomenológica; Supervisão Clínica; covid-19.

A EXPERIÊNCIA DE SER SUPERVISOR CLÍNICO NO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA

Patrícia Regina Bueno Incerpe

Faculdades Integradas Einstein de Limeira

Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Nadini Brandão de Sousa Takaki

Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL)

Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

A autorização pelo MEC para que as disciplinas teóricas e as supervisões de estágios clínicos pudessem ser desenvolvidas por meio de plataformas virtuais, na modalidade remota, nos cursos de graduação em Psicologia das universidades brasileiras, possibilitou a continuidade da formação dos estudantes em meio à pandemia da COVID-19. O ineditismo das práticas e supervisões remotas, somado aos desafios impostos pela pandemia, exigiram rápida resposta do Conselho Federal de Psicologia, bem como a adaptação de todos os envolvidos. A supervisão de estágio em psicologia da saúde/clínica é caracterizada como uma prática formativa essencial que integra o suporte técnico, teórico e experiencial ao estagiário. Numa perspectiva humanista, o supervisor se depara com o desafio de integrar aspectos técnicos e experienciais, ou seja, compreender a dimensão relacional do encontro clínico entre o estagiário e o cliente. Dessa forma, o supervisor assume a função de compreender um relacionamento psicoterapêutico entre estagiário e cliente que aconteceu virtualmente. Ao professor supervisor cabe apreender elementos sutis e significativos da vivência do estagiário em relação ao encontro clínico. A partir da vivência das autoras nesse contexto, alguns limites foram percebidos na experiência de ser supervisor: (1) restrição quanto ao campo visual e perceptivo (a câmera focaliza apenas o rosto do estagiário); (2) estagiários que por algum motivo não ligam a câmera; (3) dificuldades de conexão; (4) tensão por parte do supervisor em garantir que o ambiente do estagiário seja privativo. Por outro lado, percebe-se também potencialidades: (1) apreender os significados por meio da expressão facial, do tom de voz e da presença; (2) possibilitar o cuidado aos usuários do Serviço-Escola em situação de sofrimento em decorrência de luto, ansiedade e outras questões decorrentes da pandemia ou não, garantindo assistência psicológica à população; (3) possibilidade de formar psicólogos preparados para lidar com as adversidades e novas tecnologias, que estarão presentes no contexto da atuação profissional. Considera-se que as supervisões remotas têm potencial de desencadear encontros intersubjetivos com os estagiários pela via da empatia. Espera-se que este trabalho promova discussões e contribua para a prática de docentes que atuam em cursos de graduação em Psicologia, especialmente no momento atual.

Palavras-chave: supervisão clínica; psicologia humanista; intersubjetividade; formação do psicólogo.

PENSANDO A ARTE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM EM UM GRUPO DE ESTUDOS

Luísa Brito Barbosa
Universidade de Fortaleza
Igor Santos Cassiano
Universidade de Fortaleza
Bolsista Universidade de Fortaleza
Clara Regina do Nascimento Evangelista
Centro Universitário Maurício de Nassau
Cláudia Araújo Gomes
Centro Universitário Farias Brito
Anna Karynne Melo
Universidade de Fortaleza
Bolsista Universidade de Fortaleza

Este trabalho trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, em um grupo de estudos sobre plantão psicológico humanista fenomenológico em formato virtual, buscando descrever a experiência de quatro participantes em um espaço virtual acadêmico para estudantes de psicologia e psicólogos graduados. O ensino virtual na graduação, convocado devido à pandemia da Covid-19, trouxe mudanças na forma do aluno de experienciar a formação. Os grupos de estudos, nesse contexto, buscaram novas ferramentas e estratégias a fim de compartilhar a aprendizagem entre alunos vinculados a programas de iniciação científica e alunos interessados no tema oferecido. Devido à pandemia da COVID-19, foi necessário pensar em ajustes das atividades acadêmicas para o ambiente virtual, o que trouxe mudanças na forma do aluno experienciar a formação. Nesse contexto, os grupos de estudos virtuais aparecem como uma possibilidade de se facilitar a aprendizagem. O grupo de estudos "plantão psicológico humanista fenomenológico" tinha como proposta discutir artigos e experiências, sendo realizado semanalmente às quartas-feiras através da plataforma Google Meet, de fevereiro a maio de dois mil e vinte um. Destarte, o plantão psicológico se caracteriza como uma modalidade de atendimento psicológico que se dá no encontro com o outro no momento da sua urgência, é um atendimento emergencial à demanda da pessoa. Dessa forma, a arte foi utilizada como ferramenta de coesão, possibilitando que o grupo não fosse apenas de aprendizado, mas também de cuidado, onde os estudantes puderam compartilhar suas reflexões sobre o tema através da música, do canto, da poesia e da leitura. A arte foi o meio pelo qual o grupo buscou a aproximação genuína do processo de tornar-se plantonista. Experienciar a participação em grupo através do formato on-line tem mostrado várias vantagens no que se refere à superação das barreiras físicas e geográficas, bem como a possibilidade de fomentar socialização, informação e sentimento de pertencimento, que perpassa estudantes e profissionais. Por fim, o grupo, utilizando a arte como ferramenta, possibilitou uma integração dos alunos que permitiu ir além do aprendizado sobre o tema proposto, construindo um espaço potente de cuidado, de compartilhamento de experiências e fortalecimento de vínculos.

Palavras-chave: Arte; Grupo de estudos; Ensino Remoto.

DIÁRIO VIVENCIAL COMO RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM PSICOLOGIA

Nadini Brandão de Sousa Takaki

Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

O processo de ensino-aprendizagem das disciplinas de base fenomenológica e existencial mostra-se, por vezes, desafiador em função da necessidade de integrar elementos vivenciais aos conteúdos acadêmicos. O presente trabalho apresenta uma proposta que visa facilitar o processo de compreensão dos conceitos da disciplina de teorias e sistemas psicológicos humanistas e existencialistas, bem como proporcionar uma aprendizagem significativa aos alunos. Desde 2016 ministrando a referida disciplina, a primeira autora solicita, como parte do processo avaliativo, que os alunos elaborem um diário vivencial das aulas ao longo do semestre letivo. No início do semestre os alunos são orientados a registrar, preferencialmente em um caderno pessoal, suas percepções e sentimentos após cada aula da disciplina. Tais registros são pessoais e a professora responsável não os lê, a fim de que os alunos possam se expressar livremente. Ao final do semestre, os alunos são orientados a reler todos os registros em ordem cronológica, adotando a atitude fenomenológica e percebendo como a leitura os impacta. Após a leitura dos registros, o aluno redige uma síntese em primeira pessoa contendo os elementos mais significativos de sua experiência, visando compreender o sentido da disciplina para ele. Inicialmente os alunos apresentam dificuldade em redigir relatos em primeira pessoa, focados em suas vivências, de modo que os primeiros registros comumente sejam realizados sob a forma de resumo do conteúdo ministrado. Ao se familiarizarem com a proposta, exploram novas formas de expressão e, ao final do semestre letivo, costumam relatar surpresa, tomada de consciência em relação às dificuldades vivenciadas durante o semestre, bem como maior responsabilidade pelos estudos. A confecção dos diários e, principalmente a elaboração da síntese, facilita um processo de autodescoberta nos alunos em relação às dificuldades enfrentadas e ao processo de aprendizagem como um todo, favorecendo a integração da vida pessoal com a vida acadêmica. Percebem-se mais responsáveis pelo processo de aprendizagem, identificando afinidades e como os conteúdos estudados ressoam em sua experiência pessoal. Espera-se que a experiência relatada contribua para a reflexão de metodologias de ensino que integrem a aprendizagem vivencial, considerem a singularidade dos alunos e promovam sua autonomia.

Palavras-chave: psicologia humanista; formação do psicólogo; fenomenologia.

**ALICE NO PAÍS DA AUTENTICIDADE: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-HEIDEGGERIANO
SOBRE SER-NO-MUNDO DAS MARAVILHAS**

Amanda Karênina Galvão de França
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Isabela Pinto Lucena Bezerra
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Pedrita Ádala Soares Bezerra
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho propõe uma análise do filme “Alice no País das Maravilhas” (2010) com o objetivo de refletir acerca de conceitos existenciais teorizados por Martin Heidegger. Para tanto, algumas cenas do filme foram escolhidas como fio condutor desta reflexão sobre as vivências de Alice. Enquanto a personagem explora o País das Maravilhas, protagonizando encontros com múltiplas possibilidades por ela antes desconhecidas, permite que tenhamos apontamentos acerca do Dasein, do Clamor, da Impessoalidade e Pessoaalidade. Logo no início do filme, quando os personagens duvidam da identidade da menina e perguntam se ela é a Alice certa, tendo em vista as mudanças físicas e comportamentais que percebem, há uma representação da fluidez do Dasein, cuja essência não pode ser capturada objetivamente em razão de ser construída ao longo da existência. Outro confronto importante da trama ocorre quando Alice pergunta à mãe quem define o que é apropriado e não obtém resposta, expondo a Impessoalidade do modo de vida de sua mãe, que se apropria dos significados já existentes quando foi lançada ao mundo, sem contestá-los, ocasionando um estado de Inautenticidade. O questionamento de Alice consiste no chamamento à urgência de viver o que faz sentido para si próprio, o Clamor. Neste percurso em busca da Autenticidade, é importante observar que até o ataque da fera Capturandam, Alice não reconhecia os perigos do País das Maravilhas, numa representação do não reconhecimento da finitude de seu projeto de existência naquela realidade. No entanto, à medida que se relaciona com os demais personagens, compreende os riscos dos perigos aos quais se expõe. Assim, considerando que a interiorização do pensamento da morte é o caminho para o Dasein alcançar o autêntico, o processo de assimilação da morte por Alice é representado na batalha final contra o Jaguadarte, e confere sentido ao seu encontro com o McTwisp, personagem do coelho que carrega um relógio. Ao retornar de sua aventura no subterrâneo, Alice decide por se distanciar das expectativas sociais e seguir o caminho singular de sua existência, recuando da inautenticidade do projeto de existência mediado pela vivência inflexível nas estruturas sociais do cotidiano londrino. Portanto, o filme retrata a trajetória de Alice como Dasein na busca por um modo de vida dotado de autenticidade, explorando possibilidades de vir-a-ser amparadas pela abertura às experiências de ser-no-mundo e abandonando o estado de impessoalidade.

Palavras-chave: Fenomenologia; Heidegger; Filme; Análise; Existencialismo.

O SHOW DE TRUMAN: UMA REFLEXÃO À LUZ DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO HERMENÊUTICA

Lucas Matheus de Lima Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria Eduarda de Freitas Moreira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este estudo apresenta uma análise fenomenológico-existencial da obra *O Show de Truman*, do diretor Peter Weir. O filme foi lançado no ano de 1998 e até hoje instiga reflexões diante da problemática proposta. Interpretado por Jim Carrey, a obra cinematográfica conta a história de Truman, um típico jovem adulto americano. No entanto, desde seu nascimento, sua vida é transmitida em um reality show para mais de 1 bilhão de pessoas. Sendo assim, Truman sempre foi um grande astro, ainda que não tivesse conhecimento disso, e, dessa maneira, viveu costumeiramente a sua própria cotidianidade. Confortável com a sua vida repetitiva, não costumava fazer questionamentos ou mudanças significativas, até que, aberto a uma nova ótica da sua própria existência, Truman passou a se sentir preso em uma narrativa que, do contrário que tentavam instituir, não foi construída por ele. Partindo dessa síntese cinematográfica, este estudo tem por objetivo compreender o Dasein enquanto ser de abertura, o qual exerce o ser-aí junto aos outros e existe lançado no mundo. Para isso, pretende-se discutir os aspectos da propriedade e impropriedade nos modos de relacionar-se no ser-com; e refletir o ser-para-morte como abertura para a angústia, o sofrimento existencial e a possibilidade de mudança. Considerando a ontologia heideggeriana, o existir do Dasein está em jogo a partir do momento em que ele é lançado no mundo, sendo assim, variados são os modos de estabelecer as relações sociais e vivenciar os desdobramentos de como este ente escolhe cuidar do seu existir. Inicialmente, Truman apenas vive a história que lhe é dada, mas, no decorrer do filme, começa a buscar a apropriação de si e das possibilidades que o abarcam, provocando o espectador a refletir sobre a sua própria realidade. Conclui-se que analisar o filme permite compreender alguns aspectos do Dasein, pois o personagem Truman é convocado a refletir o seu existir através dos seus momentos de angústia, e isso permite a expansão da compreensão do humano para outras possibilidades do ser.

Palavras-chave: Angústia; Impropriedade; Heidegger; Cinema; Ser-no-mundo.

O PENSAMENTO EXISTENCIAL DE LÉON CHESTOV E BENJAMIN FONDANE

Gabriela Bal
Instituto de Psicologia da USP

Esta reflexão tem como ponto de partida a obra filosófica de Benjamin Fondane (1898-1944), filósofo romeno radicado na França, poeta, dramaturgo, cineasta e crítico literário, e de seu mestre, Leon Chestov (1866-1938), filósofo e escritor russo, que se exilou na França em 1920/1921, fugindo da Revolução de outubro. Impressionam a atualidade, a perspicácia e a nevrálgica sensibilidade destes dois filósofos, pouco conhecidos e que cabe aqui serem lembrados ou redescobertos enquanto pensadores existenciais "avant à lettre", e precursores da filosofia existencial. Em sua ânsia por denunciar os desmandos da razão, a filosofia de Chestov e Fondane esboçava-se enquanto uma "crítica das evidências da razão", uma crítica acirrada e bem fundamentada contra o racionalismo, o cientificismo ocidental, podendo ser considerado, neste sentido, enquanto um pensamento decolonial "avant à lettre". A filosofia de Chestov foi denominada, num primeiro momento, enquanto "filosofia do desenraizamento" e posteriormente de "filosofia da tragédia". Chestov dialogava com os filósofos de seu tempo, e muito especialmente, com Edmund Husserl, Martin Heidegger e Martin Buber. A descoberta de Soren Kierkegaard, após o encontro com Buber, em 1928 em Frankfurt, e com Heidegger, na casa de Husserl, com quem nutria uma rica amizade e interlocução, foi fundamental para o pensamento de ambos. O pensamento de Chestov e de Fondane acabou sendo "esquecido" ou desconsiderado pela filosofia existencial do pós-guerra. Um pensamento atípico e "sem lugar", que ainda não pôde ser escutado, nem mesmo enquanto grito. Este grito nada mais é que um NÃO, uma forma de irrisignação, uma forma de sair do torpor e de ajudar os outros a despertarem. O despertar acontece ou não acontece. Ele é instantâneo, é como um salto para fora do abismo. O grito enquanto forma de irrisignação é ainda atual e pungente, urgente de ser escutado. Dei voz e corpo a este grito em minha pesquisa de pós-doutoramento, realizada junto ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP sob supervisão do Prof. Dr. Gilberto Safrá (2021): "O grito inatendido de Benjamin Fondane para além da dor da humanidade". Recuperar a memória da história do pensamento existencial em seus primórdios, ajuda-nos não apenas a restituir uma parte da história da filosofia existencial ainda desconhecida, mas especialmente a entender a dor e o desamparo ético-político da contemporaneidade.

Palavras-chave: Filosofia existencial; Léon Chestov; Benjamin Fondane; crítica das evidências da razão; crítica decolonial.

**RELAÇÕES E POTENCIALIDADES DA LITERATURA À CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAL: UMA PERSPECTIVA SARTREANA**

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Unifor - Universidade de Fortaleza

João Felipe Leite Costa

Unifor - Universidade de Fortaleza

Bolsista FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

O presente resumo se detém em mostrar os alicerces das tramas literárias de Jean-Paul Sartre, considerando o uso de seu método regressivo-progressivo, mostrando, assim, a grande valia de suas apreensões existenciais feitas através de sua literatura, nas quais se pode inspirar a um olhar sensível acerca da clínica fenomenológico-existencial. O pensamento do autor é característico por suas marcantes apreensões acerca da condição de liberdade e da concretude da existência, considerando a impossibilidade de fundamentar a si mesmo. Nessa medida, a sua literatura foi alicerçada à sua filosofia, procurando evidenciar, de maneira engajada na cultura, a trama humana compreendendo as contradições de ser liberdade. Dado isso, o autor expôs a ambiguidade da existência através do que se chamou de método regressivo-progressivo. Esse empreendimento visa compreender a articulação da existência enquanto tensão universal-singular: ser livre, porém contingenciado por seu horizonte histórico/material. Esse olhar se entrelaça no ônus de sua escrita, que convoca responsabilidade de pensar a si e ao outro, apreendendo a interrelação da existência com a sua época e suas circunstâncias, levantando, assim, possibilidades diversas de descrição da experiência humana. Trazendo essa ótica à clínica psicológica, a ontologia de Sartre nos detém a transitoriedade e a indeterminação existencial, o que viabiliza pensarmos o ser como continuidade de se fazer em lida consigo mesmo. E ao nos apropriarmos dos aspectos psicológicos de seus personagens e biografias, nos é inspirado um olhar cuidadoso às manifestações da singularidade, evidenciando o projeto fundamental e como essas se fazem em situação. Assim, consideramos que a literatura sartreana pode inspirar um olhar sensível ao que se vive concretamente, não buscando adequar a vida à trama, mas aprendê-la em suas múltiplas dimensões e sentidos. Sartre nunca dividiu radicalmente o seu empreendimento literário da sua filosofia, mas mostrou a relação entre esses temas, apontando suas consonâncias no que se poderia inspirar afetação aos seus interlocutores. Ao considerarmos a implicação da clínica psicológica com a literatura, compreendemos que as tramas de Sartre podem inspirar um olhar à existência enquanto vir-a-ser, nos atentando à condição de liberdade que nos faz, podendo proporcionar e potencializar ao contexto clínico maior amplitude de possibilidades ao acolhimento e o cuidado experienciados com o outro.

Palavras-chave: Literatura; Clínica Psicológica; Jean-Paul Sartre.

REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO CLÍNICO ONLINE DURANTE A PANDEMIA: UMA PERSPECTIVA HUMANISTA

Nadini Brandão de Sousa Takaki

Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Patrícia Regina Bueno Incerpe

Faculdades Integradas Einstein de Limeira

Bolsista Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

A prestação de serviços psicológicos por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação já era regulamentada no Brasil pelo Conselho Federal de Psicologia desde 2018 por meio da Resolução CFP nº 011/2018, mas se popularizou apenas em 2020 em função da pandemia da Covid-19 que suspendeu temporariamente os serviços presenciais no país. Diante da necessidade de manter o cuidado à saúde mental à população e atender às medidas sanitárias, as autoras, que até então realizavam apenas psicoterapia de forma presencial e particular, passaram a oferecer a modalidade online. Orientadas pelo referencial humanista que preza pela presença do terapeuta e pela relação intersubjetiva com o cliente, questionavam se era possível estabelecer uma relação que preservasse tais características a distância. A experiência em questão contemplou situações distintas como clientes que já estavam vinculados e desejaram experimentar e manter o processo de forma remota; novos clientes que iniciaram e mantiveram o processo online; ou novos clientes que adotaram um formato híbrido, isto é, foram atendidos nas duas modalidades em função de suas necessidades pessoais. Observou-se que o atendimento remoto possui algumas limitações, tais como: dificuldades com a conexão da internet, que podem gerar interrupções durante a sessão; cansaço pelo tempo excessivo em frente ao computador e variedade de estímulos visuais com os quais não estamos acostumados, como ver a própria imagem na tela. Por outro lado, a abertura à experiência pelo atendimento online proporcionou a atualização da relação terapêutica; a ampliação da percepção tanto das terapeutas quanto dos clientes no que se refere às possibilidades de encontrar-se com o outro; o desenvolvimento da capacidade de estar mais atento ao tom da voz e a expressão facial, sutilezas que muitas vezes são dificultadas pela conexão com a internet ou pela própria qualidade da imagem do cliente, bem como a superação de fronteiras e limites de espaço, sendo possível encontrar-se com pessoas de diferentes cidades, estados e países; o que não seria possível na situação presencial. Essa experiência tem sido importante para afirmar a possibilidade de atuação clínica do psicólogo de forma remota, pautada na ética profissional. Espera-se que este trabalho promova discussões e contribua para a prática de psicoterapeutas que atuam sob a perspectiva da Psicologia Humanista.

Palavras-chave: terapia online; psicologia clínica; psicologia humanista; intersubjetividade.

SER PSICOTERAPEUTA EM TEMPOS DE COVID-19: INTERVENÇÃO EM CRISE VERSUS ENCONTRO GENUÍNO

Daniela Dantas Lima

Pontifícia Universidade Católica da Campinas – PUCCAMP

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica da Campinas – PUCCAMP

As psicoterapias de base fenomenológica-existencial possuem em comum a compreensão de que é a partir do contato consigo mesmo, do que se está vivenciando, que a pessoa tem ampliadas suas possibilidades de desenvolvimento. Desse modo, esses processos psicoterapêuticos, primam por criar condições para que os clientes consigam expressar livremente o que experimentam. Não há técnicas que possibilitem que isso ocorra, ao contrário, trata-se de um acontecimento espontâneo que é parte do processo de vivência da relação terapêutica. Na nossa prática como supervisoras clínicas percebemos as dificuldades que psicoterapeutas iniciantes encontram em não interferir nesse processo, permitindo que o cliente entre em contato com seu sofrimento e encontre seu próprio caminho de reorganização. Confiar na relação intersubjetiva torna-se um desafio diante do peso da tradição biomédica e positivista de nossa cultura que relaciona a definição de cuidado à tutela de quem sofre: o indivíduo precisa ser paciente e passivo, deixando-se guiar pelo caminho eleito pelo especialista, visando a supressão do sofrimento. A psicologia tradicional desenvolve-se a partir dessa mesma perspectiva e prevê, em seus modos de intervenção, as mesmas expectativas do senso comum voltadas à obrigatoriedade de sucesso e felicidade, inadvertidamente, direcionando o indivíduo a produzir, negar a si mesmo e à própria realidade. Além desse contexto cultural, no que se refere à dificuldade de psicoterapeutas em permitir aos clientes o contato consigo, deve-se considerar ainda as dificuldades particulares (também contextualizadas culturalmente) de entrar em contato com o sofrimento do outro. Tal dificuldade, no cotidiano da clínica psicológica, pode tornar-se insustentável nos cenários de tragédia, como na atual pandemia de COVID-19, em que clientes vivenciam momentos críticos e seus psicoterapeutas, por sentirem-se impotentes, são tentados a realizar medidas práticas. Assim, o presente trabalho propõe uma reflexão entre essas duas perspectivas antagônicas no que se refere ao cuidado do indivíduo em situações de crise, dando ênfase à importância da consciência da impotência do psicoterapeuta, mas, em contrapartida, no poder de uma relação de ajuda; apresentando como as recomendações internacionais de intervenção em crise, inclusive da Organização Mundial da Saúde, apontam para a efetividade de ações que seguem pressupostos fenomenológico-existenciais e notadamente da Abordagem Centrada na Pessoa.

Palavras-chave: supervisão de psicoterapeutas; intervenção em crise; redução fenomenológica; fenomenologia; existencialismo.

HABITAR UM MUNDO EM PANDEMIA: CONSIDERAÇÕES À LUZ DE HEIDEGGER

Amanda Melo Queiroz da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Symone Fernandes de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Ana Karina Silva Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este estudo teórico tem por finalidade apresentar reflexões, a partir da filosofia da existência de Martin Heidegger acerca dos possíveis impactos nos modos de ser-no-mundo, no cenário inaugurado pela pandemia da COVID-19. Em tempo recorde, assistiu-se à disseminação do vírus Sars-Cov-2, a nível mundial, de forma a ser declarada pela OMS a pandemia da COVID-19, em março de 2020. Desde então, no Brasil, em meio a uma crise sanitária, política, social e econômica, o distanciamento social é adotado como uma das medidas de enfrentamento à pandemia, trazendo uma nova realidade a parte da população. Para alguns, o trabalho e o ensino passaram a acontecer na modalidade remota, e houve uma intensificação das relações familiares. Para outros, as medidas de distanciamento anunciaram o aumento do desemprego e da pobreza, além do conflito entre a necessidade de se proteger e de subsistir materialmente. Para compreender o que se constitui como sofrimento nesse tempo histórico e o que ganha relevo com a chegada da COVID-19, é preciso lançar luz sobre o mundo em que vivemos, o cenário no qual a pandemia eclode. Ainda que atônitos frente à situação de crise, o vivido nesse tempo convoca à responsabilidade de uma leitura sobre o presente, ancorada historicamente, que aponte possibilidades futuras. Vivendo em um horizonte histórico em que o sentido é dado pela produtividade, consumo e vivência de uma vida pública, este modo de ser incorporado no senso comum da cotidianidade aparece muitas vezes como o único modo de ser-no-mundo possível, afinado a um horizonte técnico. A eclosão de uma pandemia, a adoção de medidas de distanciamento social e a presença da morte como possibilidade no cenário cotidiano podem operar uma quebra nesse paradigma e convocar cada um a novos modos de habitar esse mundo, a um outro modo de ser-no-mundo. Diante da ruptura no cotidiano das pessoas, a filosofia de Heidegger mostra-se atual, nas possibilidades de debate acerca do novo cenário. As noções de angústia, temor, impessoalidade e era da técnica norteiam a discussão tecida. Tematiza-se, no cenário de uma pandemia, sobre o confronto do homem com a facticidade da existência, a inospitalidade do mundo e a possibilidade da morte, como possíveis mobilizadores de um clamor no sentido do ser si-próprio, que pode ser correspondido, ou não, pelo Dasein.

Palavras-chave: COVID-19; Fenomenologia; Heidegger; Habitar.

ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO POR MEIO DE TICS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Clara Regina do Nascimento Evangelista

Este trabalho apresenta um relato de experiência de atendimento em plantão psicológico mediado por tecnologia de informação. Essa modalidade de atendimento psicológico compreendida por atendimentos de urgências psicológicas ofertada no presencial, em decorrência da Covid-19 necessitou migrar para o modo remoto por meio do uso de tecnologias da informação e da Comunicação (TICs). Às práticas no formato online tomaram grandes proporções e como forma de flexibilizar os atendimentos alguns artigos da Resolução 011/2018 foram suspensos, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), precisou emitir a Resolução 04/2020, como forma de possibilitar o plantão psicológico e outros atendimentos que não estavam autorizados. Compreendendo a importância dos atendimentos psicológicos nesse período o projeto de plantão passou a acontecer no formato online. Os atendimentos foram realizados de forma síncrona, pelas plataformas; Skype e Google meet, e bem como por vídeo chamadas pelo WhatsApp. Os agendamentos realizados no mesmo dia dos atendimentos. Objetivo: Relatar as experiências dos atendimentos em plantão psicológico do formato online. Metodologia: Trata-se de um estudo descritivo, de tipo relato de experiência, como psicoterapeuta em um projeto de plantão psicológico da cidade de Fortaleza. Resultados: Os atendimentos psicológicos através do formato on-line têm mostrado vantagens no que se refere à prestação do serviço e atendimento de pessoa em situação de crise, possibilita o acesso de diferentes lugares e alcança um maior número de pessoas. Mesmo acontecendo por TICs o atendimento é potente e se mostra capaz de atender à urgência da pessoa que busca pelo serviço. No atendimento online, percebemos a dimensão terapêutica atuando e as demandas diversas e inesperadas como propõe o a modalidade em plantão psicológico. A ambiência e qualidade da conexão de internet é um aspecto que se torna por vezes desafiador, já que o psicoterapeuta não consegue inferir sobre essas variáveis e o cliente é corresponsável pela garantia das condições de sigilo. Conclusões: Por tratar-se de uma modalidade de atendimento com prática recente e poucos estudos publicados nacionalmente sobre a temática disponível na literatura, percebe-se que o fluxo dos atendimentos e fenômenos psicológicos não diferem do presencial e sendo, portanto, uma possibilidade promissora, entretanto existem limitações quanto a qualidade da conexão de internet.

Palavras-chave: Atendimento Online; Plantão Psicológico; Tecnologia da Informação e da Comunicação (TICs).

**SER-NO-MUNDO E O ISOLAMENTO SOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA ENQUANTO
ACADÊMICOS/ESTAGIÁRIOS**

Beatriz Alencar Nunes Silva
Unidep
Vanuza Flor
Unidep
Tagley Cristina Moras
Unidep

Esta descrição se volta a um relato de experiência de acadêmicas do curso de Psicologia de um Centro Universitário do estado do Paraná, onde atuam como estagiárias desta área na Clínica-Escola. Considerando que o homem é ser-aí-no-mundo, mudanças nesta relação impactam na forma em que se experiencia a existência no-mundo. Deste modo, apresenta-se aspectos considerados significativos na evolução da prática acadêmica, considerando impressões vivenciadas pelos acadêmicos, bem como outros aspectos que impactam de alguma forma o relato. Atualmente vivencia-se uma pandemia ocasionada pela doença COVID-19, suscitando o isolamento social destes sujeitos, por conseguinte, de seus clientes e de todo o contexto relacional vivenciado na prática clínica. Diante deste contexto, as atuações realizadas entre março e junho de 2020 necessitaram de reconstruções e ajustamentos desses sujeitos no-mundo, os quais foram evidenciados pelo novo modo de vivenciar suas práticas e suas novas formas de adaptação tanto em contexto acadêmico em sala de aula quanto às práticas de atendimento a outros sujeitos/pacientes na clínica-escola, voltando-se a estudos de caso clínicos em plataforma virtual. No grupo de acadêmicos em questão, a necessidade de buscar e adequar-se às novas possibilidades acentuou a necessidade da percepção da responsabilidade de escolhas frente à facticidade da existência. Juntamente com a angústia, que ocorre quando o sujeito é lançado no mundo sem garantias pré-definidas, mostrando-se como a incerteza de condições para a construção prática da atuação. Assim, evidencia-se nos estagiários as formas de adaptação do ser-no-mundo, as angústias e responsabilidades diante da situação relacionam-se entre teoria e prática com os conhecimentos desenvolvidos aplicados através dos estudos de caso. Entende-se que o distanciamento de suas atividades acarreta os mais diversos sentimentos como: a angústia e insegurança frente às suas novas possibilidades e necessidades de adaptação, porém é através dela que os acadêmicos como seres-no-mundo constroem-se vislumbrando novas possibilidades. A frustração frente a impossibilidade de realizar suas incumbências conforme pauta em início de semestre se mostrou presente em sua grande maioria, através da própria angústia, porém estes foram adaptados em forma do ensino remoto fazendo com que esse impasse fosse amenizado e a sua formação pudesse ocorrer de maneira regular.

Palavras-chave: Angústia; Isolamento; Ensino Remoto.

**DA OCIOSIDADE AO CANSAÇO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE
PRODUTIVIDADE NO ENSINO REMOTO UNIVERSITÁRIO**

Gêdson Resende de Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho traz reflexões fenomenológico-existenciais a partir das experiências em um ciclo de mesas-redondas e de estágio supervisionado, ambos na modalidade remota. O objetivo foi pensar criticamente sobre a motivação para a participação nestas atividades e sobre como os discursos sobre tédio e ociosidade têm dado lugar aos de cansaço. As mesas-redondas aconteceram em junho-julho de 2020, quando as universidades federais retomaram as atividades de ensino, suspensas por causa da pandemia, mesmo período em que havia, por todo o país, uma miríade de eventos e transmissões online. Isto chama atenção, já que o evento fora considerado como uma forma de “sair da ociosidade acadêmica” e “dar prosseguimento à formação”, apesar dos entraves sociais, sanitários e tecnológicos enfrentados. Dessa forma, é possível relacionar os discursos encontrados nas avaliações feitas com as ideias heideggerianas acerca da questão da técnica que ressalta a importância da permissão de que as coisas aconteçam de acordo com suas possibilidades, e com as ideias de Byung-Chul Han em "Sociedade do Cansaço", que aponta o excesso de positividade da sociedade atual como expressão da exorbitância de estímulos, informações e impulsos, os quais exigem desempenho e produção. De forma análoga, a proliferação de eventos online promoveu também no contexto universitário a necessidade de buscar conhecimento e ter motivação para continuar a formação acadêmica apesar das adversidades. É possível compreender, então, como universitários têm sido levados ao imperativo do poder, ou seja, à ideia de que tudo podem e de que dependem apenas da própria iniciativa para alcançar o que necessitam. Assim, surgem o esgotamento e o cansaço solitário que individualiza e isola. Além disso, passado um ano de atividades acadêmicas remotas, vê-se chegar à clínica queixas sobre frustração, baixa produtividade e cansaço que impossibilitam a realização idealizada das atividades assumidas. O “posso fazer”, presente nos primeiros discursos, perde espaço para o “não aguento mais ter que fazer”. Por fim, as experiências aqui descritas convocam a pensar sobre novos modelos de educação, nos quais os discentes necessitam ultrapassar toda e qualquer adversidade em busca de ter a melhor formação acadêmica possível, destacando que esse movimento leva ao adoecimento e ao cansaço, os quais se revelam dia após dia nas salas de aulas virtuais e, principalmente, nos atendimentos remotos de estágio.

Palavras-chave: produtividade; cansaço; ensino remoto; fenomenologia.

FORMAR-SE PSICOTERAPEUTA A PARTIR DA PRÁTICA CLÍNICA ON-LINE: LIMITES E POTENCIALIDADES

Caroline da Costa Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Gabriela Pessoa Soares
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Lissia Maria Silva de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Symone Fernandes de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de estágio em psicologia clínica, no formato remoto, à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. No cenário da pandemia provocada pelo SARS-CoV-2, foram registrados no Brasil, até junho de 2021, mais de 18 milhões de casos e 500 mil óbitos pela COVID-19 (OMS). A psicologia precisou adaptar-se a tal contexto e, diante do imperativo do distanciamento social, o modelo on-line de atuação foi flexibilizado e ampliado, a partir da Resolução CFP nº 04/2020, o que possibilitou a realização de estágio curricular na área, no decurso da pandemia. Na UFRN, a experiência de estágio em Psicologia clínica, na perspectiva fenomenológico-existencial, na modalidade remota, ao romper com expectativas prévias, suscitou nos psicólogos em formação, inicialmente, disposições afetivas como temor e angústia. O desafio de habitar a clínica em um formato diverso do tradicional, de construir-se como psicoterapeuta por meio de telas, foi vivido na tensão entre familiaridade e estranheza, desvelando, em muitos momentos, a condição humana de um habitar desalojado. A perda da presencialidade, a preocupação em compartilhar o setting terapêutico com o cotidiano da residência, a necessidade de assegurar o sigilo nos espaços ocupados por terapeuta e cliente, as restrições no contato com o cliente, advindas do meio virtual e a vivência da formação clínica em um tempo de pandemia, constituíram-se em obstáculos a serem enfrentados. A experiência evidenciou a dificuldade de acesso aos meios eletrônicos por parte de alguns estagiários e clientes, além de episódios de falhas na conectividade, em um país em que não são igualitárias as condições de inclusão digital. No entanto, a partir da prática, do demorar-se na experiência de uma clínica psicológica on-line, foi possível perceber, para além das dificuldades encontradas, uma abertura de possibilidades para psicoterapeutas em formação e clientes em sofrimento. Tendo em vista um contexto de distanciamento social, inúmeras perdas, processos de luto e outros sofrimentos existenciais latentes, ofertar atendimento e dar continuidade à formação, permitiu-nos o contato com um contexto profissional em mudança e a reflexão sobre o lugar que passamos a habitar, como profissionais em formação e futuras psicólogas, frente ao horizonte histórico vivido. Assim, foi possível pensar sobre uma atuação profissional aberta ao formato on-line, a partir da compreensão de seus limites e potencialidades.

Palavras-chave: clínica; Heidegger; habitar; pandemia; estágio remoto.

**GRUPO DE ESTUDOS VIRTUAL COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E CUIDADO NA
PANDEMIA**

Lana Carolina Silva Pereira
Universidade de Fortaleza
Igor Santos Cassiano
Universidade de Fortaleza
Liliane Brandão Carvalho
Universidade de Fortaleza
Anna Karynne Melo
Universidade de Fortaleza

Este trabalho trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, com o objetivo de descrever a vivência dos facilitadores em um espaço de aprendizado e cuidado desenvolvido no ambiente virtual acadêmico para estudantes de psicologia e psicólogos graduados. O mundo vem atravessando a pandemia de COVID-19, de elevada taxa de transmissão e geradora de diversas consequências na vida de todos. Esse cenário traz em cena uma grande inquietação quanto ao sofrimento psíquico vivenciado por todos, incluindo profissionais de saúde mental. Assim, as próprias universidades atuam como ferramenta para promoção de saúde e formação de profissionais capacitados para lidar com situações emergenciais e de sofrimento como a vivenciada no contexto atual. Dessa forma, destaca-se aqui a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) tanto nas práticas educacionais quanto nas práticas de cuidado. Novas metodologias de ensino-aprendizagem foram, então, demandadas ganhando destaque essencial, principalmente para o desenvolvimento de competências tão emergentes. Nesse cenário, destaca-se o objeto de estudo deste artigo: o grupo de estudos sobre plantão psicológico humanista-fenomenológico. Sendo esta uma modalidade de atendimento emergencial que se utiliza de um encontro único, que se ancora nessa perspectiva teórica, a qual é discutida durante os encontros do grupo e se apresenta como uma das possibilidades de se atuar no plantão psicológico. Em cada encontro do grupo, o espaço é aberto para que os participantes possam partilhar vivências e sentimentos acerca da sua prática profissional – seja a de estagiário, curricular ou extracurricular ou de formado – visto que são profissionais que contribuem na intervenção em saúde mental diante do contexto emergencial da pandemia. Para potencializar a discussão teórica e aproximar os membros do grupo, foram utilizados recursos artísticos, tais como crônicas, poesias, músicas e afins, que suscitaram discussões sobre a vivência do ser plantonista e os desafios dessa prática de cuidado em um contexto pandêmico. Os diálogos e interações ali produzidos possibilitaram o acolhimento das singularidades existenciais, bem como vínculo e morada para cuidar de quem se propõe a cuidar do sofrimento experienciado nesse contexto. Portanto, pode-se destacar que o espaço do grupo de estudos apresenta um caráter não só atrelado ao aprender, mas também se destaca como um espaço de cuidado e de promoção de saúde.

Palavras-chave: Educação à Distância; Saúde Mental; Tecnologia da Informação.

ADOCIMENTO PSÍQUICO E ASSIMETRIAS DE GÊNERO NA MEDICINA

Luiz Henrique Moreira Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Simone da Nóbrega Tomaz Moreira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Elza Maria do Socorro Dutra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Introdução: O curso médico é dotado de um reconhecido impacto nocivo sobre o bem-estar psíquico de seus componentes. Isso se justifica pela comparação das altas prevalências para a depressão e o suicídio na população médica com aquelas relativas à população comum. O olhar estatístico, uma vez voltado aos estudantes da área, revela um aumento em 100 a 200% da frequência de suicídio, em paralelo aos dados da população geral. A tal grupo também foi legada uma prevalência de 30.6% de depressão. Nesse sentido, uma vez consideradas as assimetrias de gênero que permeiam todos os âmbitos de sociedade, a investigação de tal viés no funcionamento da ciência médica se faz mister. A interpretação da bibliografia permitiu acertar a existência de uma maior vulnerabilidade do gênero feminino, uma vez imerso no âmbito médico, traduzido em um maior crescimento dos índices de depressão e suicídio para o gênero. Foi revelada uma prevalência de ideação suicida do grupo de discentes e médicas 130% maior que aquele estimado para a população feminina geral. Em comparação similar, o crescimento do suicídio entre homens na classe médica foi de 40% frente aos valores de homens não-médicos. Além disso, a diferença entre os gêneros frente às comorbidades psiquiátricas destacou uma maior prevalência feminina no desenvolvimento de depressão e de ansiedade. Assim, o projeto objetiva o esclarecimento de possíveis disparidades de gênero no interior da academia médica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). **Desenvolvimento:** A pesquisa lança mão de uma investigação em duas frentes. Num primeiro momento, há a intenção de desenho do perfil sociodemográfico e de bem-estar psíquico dos estudantes de Medicina da Universidade, descrevendo-se as diferenças cabíveis de gênero das respostas. Para tal etapa, um questionário de 41 questões foi idealizado consistindo em questões abertas e fechadas. A segunda frente de pesquisa se baseia na escuta ativa das estudantes de Medicina, utilizando-se, com tal propósito, de entrevistas. Tal movimento, assim, tem o intuito de esclarecer, de forma atenta, a realidade feminina particular no curso, tornando possível a identificação de possíveis discrepâncias, assim como o desenho direcional de futuras propostas de intervenção. **Considerações Finais:** O projeto, por fim, objetiva o esclarecimento da lógica de gênero na realidade da academia médica da UFRN e como tal fenômeno pode estar associado ao perfil de adoecimento dos estudantes de medicina.

Palavras-chave: Suicídio; Depressão; Médicos; Estudantes de Medicina; Educação Médica.

REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O FAZER CLÍNICO E LUGAR GEOGRÁFICO

Milena Rodrigues Souza e Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Francyjonison Custódio do Nascimento
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A existência humana, de acordo com o referencial teórico fenomenológico-existencial, é sempre temporal e espacial. Deste modo, afeta e é afetada pelos acontecimentos do tempo presente e pelo espaço que circunda o ser. O cenário da pandemia, que nos assola desde o início de 2020, impactou as nossas vidas nos mais diversos âmbitos e nos convidou a mudar as formas de relacionamento conosco mesmos, com os outros e com os espaços. Neste contexto, o fazer clínico também foi atingido por todas as mudanças deste tempo específico. Muitos profissionais que até então trabalhavam exclusivamente com os atendimentos presenciais, se viram convocados a uma transição para os atendimentos online. Inúmeros psicólogos que até o momento estavam habituados ao atendimento num setting terapêutico externo, migraram para os atendimentos em home office. Diante de tantas mudanças que eu também vivi como psicóloga clínica, algumas questões começaram a me acompanhar, frutos da minha experiência como psicoterapeuta realizando atendimentos exclusivamente online e em home office. Para além de tantas transformações vividas num cenário pandêmico, o meu quarto também se tornou o espaço de trabalho. O espaço que antes se destinava ao descanso e à minha intimidade, se tornou também o espaço no qual o fazer clínico pôde encontrar morada e dar acolhida a tantas e tantas histórias de cada cliente que eu pude acompanhar neste período. Desta forma, ao mudar a localização geográfica do consultório, o meio pelo qual os atendimentos passaram a acontecer e até mesmo os seus elementos físicos, há uma interferência no psicólogo e, conseqüentemente, no seu fazer como profissional. Desse modo, o espaço laboral passou a coincidir com o meu lugar que, para a Geografia fenomenológica, significa uma relação afetiva e indissociável entre o ser humano e o espaço que o envolve, isto é, um ambiente revestido de afetividade e intimidade. Diante disso, proponho neste trabalho um relato de experiência sobre clinicar em tempos de pandemia. Dialogando com o conceito geográfico de lugar, numa perspectiva da abordagem fenomenológica-existencial da Geografia, quero refletir sobre as repercussões da transição dos atendimentos do modo presencial para o modo remoto em home office. Desejo compartilhar reflexões sobre os impactos da mudança no setting terapêutico no fazer clínico da psicoterapia a partir da minha experiência profissional.

Palavras-chave: psicoterapia; geografia; lugar; psicologia clínica.

A RELAÇÃO DO DASEIN COM OS SMARTPHONES EM UM HORIZONTE PANDÊMICO

Bianca Galván Tokuo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Elza Maria do Socorro Dutra
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

TEMA: Experiências de sofrimento existencial na relação com o smartphone. **PROBLEMA DE PESQUISA:** Os smartphones possibilitam interagir em tempo real com diversas pessoas, diferentes propósitos, contudo, observa-se que seu uso vem trazendo experiências de sofrimento, neste horizonte histórico denominado por Heidegger “A era da técnica”, somada à pandemia da COVID-19. Como será a experiência de pessoas que vêm sofrendo com esta relação, seja pelo uso excessivo do celular, ou pela impossibilidade do uso? **OBJETIVOS:** Este trabalho apresenta resultados parciais de minha pesquisa de doutorado, e propõe reflexões preliminares a respeito de experiências de sofrimento na relação com seu smartphone. **MÉTODO:** Estudo fenomenológico-hermenêutico, com entrevistas narrativas como forma de acesso à experiência do colaborador, que será convidado a narrar sua experiência em relação à temática. A pesquisa fora divulgada nas redes sociais e os colaboradores foram selecionados de acordo com os critérios: ser maior de idade; sentir algum tipo de sofrimento na relação com o seu smartphone; assinar os termos de consentimento livre e esclarecido e termo de autorização de voz. **RESULTADOS PARCIAIS:** Foram entrevistados 04 colaboradores que narraram suas experiências de sofrimento existencial (incluindo angústia, ansiedade, tristeza, baixa autoestima) relacionadas ao uso do seu smartphone. **DISCUSSÃO:** Todos os colaboradores relataram sua experiência devido ao excesso do uso, por questões profissionais, devido ao home office imposto pela pandemia, e dentre as questões mais mencionadas, estão: 1) o excesso de solicitações imediatistas; 2) dificuldade em atender expectativas de outros; 3) sentimentos de comparação em relação aos demais; 3) perda de si, impropriedade e; 4) solidão e a impessoalidade do virtual. **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DA PESQUISA:** Com a pandemia e o isolamento social, o uso dos smartphones foi intensificado, gerando consequências na existência do dasein. Considerando que o modo de ser impróprio faz parte da cotidianidade do dasein, mantém-se na superficialidade, onde é seguro permanecer, sem conflitos, questionamentos. A técnica distrai o dasein do tédio, preenche vazios, aplaca o medo do imprevisível, do desconhecido, dando uma falsa ideia de segurança, de controle e previsão, a fim de negar o óbvio, nossa finitude, contudo, com a pandemia, lançados no isolamento, no tédio, na iminência da finitude e na angústia, colaboradores relatam como foram transformados nesta experiência.

Palavras-chave: Smartphones; Era da Técnica; Fenomenologia hermenêutica; Pandemia; Sofrimento existencial.

A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM DIÁLOGO COM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO

Alexandre Victor Romero
UNESP - Marília

Sabe-se que a psicologia embasada na fenomenologia-existencial enfrenta, diariamente, diversas situações desafiadoras, devido ao seu posicionamento antinatural. Quando efetuada sua aplicação prática dentro de um serviço denominado de “Alta Complexidade”, como é o caso de instituições de acolhimento dentro da rede socioassistencial pública, como modalidades de Abrigos e/ou Casa Lar, torna o trabalho fenomenológico-existencial um marco de superação para os profissionais engajados nestas práxis. Deste modo, nossa proposta tem como intento ser uma descrição fenomenológica da atuação do psicólogo dentro de um serviço de acolhimento institucional para crianças e adolescentes (00 até 18 anos de idade), destacando os pontos centrais desta atuação, como, exempli gratia, as formulações de relatórios institucionais; os diálogos com o Ministério Público, em paralelo com a psicologia jurídica; as diretrizes de ação do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente; os modos de fazer e de olhar fenomenologicamente em equipe multidisciplinar; e, sobretudo, os meios de lidar na acolhida e no cuidado das crianças e adolescentes que têm como campo intencional de vivência figuras profissionais que devem exercer os papéis familiares, ou seja, como a psicologia fenomenológica-existencial pode contribuir com a compreensão e humanização dessas relações in loco, tentando compreender as demandas através da historicidade de cada sujeito, dardejando encontrar caminhos de sentido junto com essas crianças e adolescentes, dialogando com os princípios legislativos, aplicando-os dentro das vivências do acolhimento. Outrossim, é intento deste trabalho ressaltar os paradigmas interdisciplinares e as dificuldades para serem superadas, como ponto de uma prática mais direcionada para a condição humana, em especial para a condição humana em esfera de cuidado, visando transcender o campo petrificado das estruturas públicas que comumente optam por coisificar os seres e se aterem somente a números e protocolos.

Palavras-chave: Psicologia; Fenomenologia-Existencial; Acolhimento; Instituição Pública.

ARTE DA EXPERIMENTAÇÃO NA CLÍNICA GESTÁLTICA COM CRIANÇAS: O USO DA SELF-BOX

Andressa Lima Cordeiro
Centro Universitário Christus
Francilene Soares dos Santos
Centro Universitário Christus
Bolsista Centro Universitário Christus
Joana Rosaria Vasconcelos da Silva
Centro Universitário Christus
Bolsista Centro Universitário Christus
Karen Moura Monteiro
Centro Universitário Christus
Bolsista Centro Universitário Christus
Deyseane Maria Araújo Lima
Centro Universitário Christus

Na clínica gestáltica infantil, é fundamental que o psicoterapeuta utilize recursos lúdicos para auxiliar a criança a exteriorizar sentimentos e ressignificar dificuldades. Um dos recursos é o uso do experimento Self-box (caixa do eu), que possibilita a coleta de informações sobre o mundo vivido das crianças, ao compartilharem objetos que tenham significado para elas. O objetivo do estudo é compreender o processo criativo da criança e o uso da Self-box enquanto instrumento de intervenção de Gestalt-terapeutas e estagiárias do Serviço Escola de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Christus (SEPA) em Fortaleza-CE. Foram realizadas cinco entrevistas online, três com psicólogas e duas com estagiárias que atendem crianças e atuam sob a perspectiva da Gestalt-terapia. A abordagem é qualitativa, com o uso da pesquisa fenomenológica, e o foco é a compreensão do vivido dos indivíduos entrevistados. Foram seguidas três etapas para atingir os objetivos: 1) Estudo bibliográfico; 2) Entrevistas narrativas, e 3) Construção da versão de sentido. Os critérios de escolha dos participantes foram: 1) Atuar com a Gestalt-terapia como abordagem psicológica; 2) Atender crianças; 3) Conhecer a Self-box. A clínica gestáltica compreende a criança como um ser global em constante relação com o meio e as figuras parentais são identificadas como o centro de sociabilização da criança. O gestalt-terapeuta precisa oferecer um ambiente seguro e livre de julgamentos, onde a criança possa desenvolver autonomia e ser quem ela é. O processo criativo é compreendido enquanto forma de ampliação do mundo vivido, desenvolvendo uma maior abertura para as experiências, permitindo à criança o enfrentamento de situações com fluidez, explorando a imaginação e a criatividade. O brincar é utilizado como base do processo terapêutico e facilita a comunicação da criança. O uso da Self-box com crianças, possibilita o estabelecimento da relação terapêutica e a compreensão do seu mundo vivido. Este estudo oferece contribuições significativas, sendo possível compreender como a self-box é utilizada como ferramenta de intervenção no atendimento infantil.

Palavras-chave: Self-box; Gestalt-terapia; Infância; Experimentos.

O ATENDIMENTO REMOTO COMO POSSIBILIDADE NA LUDOTERAPIA DE INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICA

Ingrid de Carvalho Lavor

O tempo de desassossegos e ausência de controle vivido no horizonte histórico que estamos lançados, no contexto da pandemia de covid-19 nos convocou enquanto profissionais da psicologia a pensar formas para estar-com mesmo no distanciamento social estabelecido como medida de proteção. Ao pensar a prática do atendimento infantil, foi ainda mais desafiante pensar caminhos de cuidado diante do temor frente ao novo que se apresentava: como atender crianças no formato remoto/online? O questionamento se fazia presente, tendo em vista uma compreensão prévia de que as crianças são mais vivenciais que reflexivas e que ficariam limitadas neste modo de contato por telas. Pretende-se aqui apresentar compreensões da experiência no atendimento infantil em formato remoto/online na pandemia. O referencial da fenomenologia, convoca ao olhar para a experiência como um acontecimento que nos atravessa, ao entendermos o caráter de liberdade do ser-aí, sua indeterminação como condição, enxergamos na criança e na relação clínica como acontecimento, a possibilidade de um saber-fazer para além das compreensões prévias. Na abertura para a experiência, questionou-se verdades absolutas na atenção psicológica para crianças em um tempo de exceção, crises e rupturas. A ludoterapia se reposicionou na liberdade e na autenticidade do poder-ser, na recriação do lúdico, na reinvenção do ser brincante a partir de uma tela, possibilitando: contações de histórias, uma clínica com brinquedos não estruturados, descobertas de jogos reinventados, a presença do corpo, a imaginação, a proximidade que se apresenta no estar implicado com o outro. Desafios foram percebidos no caminho e compreende-se que o atendimento remoto/online não se desenha como uma regra a ser imposta para todos, é necessário um olhar para as singularidades e diferentes modos de ser, que podem não ser contemplados pelo formato. Por outro lado, o que se apresentou como uma possibilidade em um tempo marcado pelo distanciamento, trouxe também algo concreto diante de situações nas quais, o único caminho para o cuidado seja naquele momento um atendimento clínico nesse formato. No afinamento que se estabelece na relação com cada criança, encontraremos a medida, contudo não é possível invisibilizar aquilo que tomou forma como experiência atravessadora e pode trazer novas contribuições ao campo dos estudos da clínica infantil, das infâncias, especialmente quando falamos de uma clínica de inspiração fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Crianças; Ludoterapia; Fenomenologia; Pandemia; Atendimento remoto.

ENTRE LAÇOS DO AMOR QUE SE FORMA A FAMÍLIA: ADOÇÃO EM CENA

Yasmin Falcão Bezerra

Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Ianna Angel Gonçalves Fernandes

Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Durante muitos séculos não existia a noção de família, tampouco sentimento de cuidado e responsabilidade afetiva, especialmente quando destinada à proteção social de crianças e adolescentes. Atualmente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), além de regulamentar, coloca como dever fundamental da família e sociedade os cuidados prestados aos jovens, logo, a adoção é considerada uma possibilidade de efetivar o direito da convivência familiar e comunitária. No entanto, ainda hoje há muito preconceito relacionado a supervalorização dos laços de sangue e a invalidação das famílias formada por laços de afetos, desta forma, o objetivo desse trabalho é refletir sobre os desafios vivenciados na experiência da parentalidade adotiva. Esses processos envolvem medos, fantasias e expectativas, com isso, considerando a fenomenologia através do pensamento heideggeriano, esses desafios que parecem “vir de dentro” apenas como experiências pessoais, podem ser entendidos principalmente como um sintoma social vindo de “fora”, uma vez que são angústias que decorrem do ser-com-o-outro. Nesse sentido, a perspectiva ontológica apresenta esse sintoma - aqui entendido como social, não como algo individual, mas como uma forma de “ser-no-mundo”. Neste quadro de prática psicológica surgiu o projeto de extensão “Laços do Amor”, atuante na cidade de Mossoró/RN, com o intuito de agir na visão de prestar assistência psicológica às famílias adotantes, bem como aos adotados e instituições de acolhimento, viabilizando assim um espaço de atenção à essas partes. Portanto, os resultados estão relacionados à psicologia que está à serviço de auxiliar na construção dos laços afetivos que formam uma família, bem como de potencializar as chances de sucesso na concretização desse processo. Assim, também foi possível perceber que alguns preconceitos sociais enraizados interferem também na família que adota, o que na experiência prática foi encontrado o “medo” dos pais adotivos de entrar em contato com a família biológica dos adotantes, gerando, entre outros movimentos, uma tentativa de segredo ou apagamento da história das crianças e adolescentes antes de adentrar na família adotiva.

Palavras-chave: Adoção; Família; Parentalidade adotiva; Heidegger.

OS SENTIDOS DE HABITAR PARA CRIANÇAS EM MEDIDA PROTETIVA DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Lucas Araújo Soares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Amanda Melo Queiroz da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ingrid de Carvalho Lavor

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este estudo teórico parte da experiência no Projeto Acolher, de extensão universitária, vinculado ao Serviço de Psicologia Aplicada – SEPA, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O referido projeto prevê atenção psicológica a crianças e adolescentes em medida protetiva de acolhimento institucional, sob a forma de Ludoterapia – psicoterapia por meio do brincar e de atividades de resgate da história de vida, através da construção de scrapbooks – álbuns autobiográficos. No decurso dos dez anos de funcionamento do projeto, a temática do habitar se mostrou presente nas discussões e reflexões da equipe, sendo referenciada também pelas crianças e adolescentes acompanhados ao discorrerem sobre sua casa, seu lugar no mundo, e os sentidos de habitar um Abrigo Institucional, o que instigou o estudo sobre o tema. O encontro com a realidade de crianças e adolescentes institucionalizados suscitou o questionamento sobre como a experiência do habitar, no sentido heideggeriano, se revela no âmbito de uma medida protetiva de acolhimento. Na busca de respostas a esta questão, partimos de alguns objetivos: 1. Estabelecer conexões entre o habitar em Heidegger e os modos de ser criança, 2. Compreender a experiência infantil no acolhimento institucional, 3. Compreender os sentidos do habitar na experiência da criança que vivencia tal medida protetiva. Para tecer tais reflexões, recorreremos à ontologia heideggeriana, mais especificamente ao existencial habitar. Além de Heidegger, outros autores nos acompanham no percurso reflexivo sobre o tema, a exemplo de Bachelard e sua "Poética do Espaço" e de Merleau-Ponty, que nos apresenta a concepção de criança mundo-centrada. Ao construir pontes entre o estudo teórico e a experiência com as crianças no Projeto, destacamos aspectos como: a transitoriedade entre muitas casas; os sentidos que as crianças atribuem à sua casa de origem e à unidade de acolhimento; as possibilidades da personalidade em um ambiente marcadamente coletivo; a experiência de pertencimento na relação com as figuras de cuidado e referência na unidade. No desenvolvimento do estudo, constata-se que o cenário de acolhimento institucional comporta uma multiplicidade de sentidos, desde a referência a um lugar inóspito, onde se reproduzem experiências de desalojamento e desenraizamento no mundo, a uma possibilidade de experienciar um habitar que abriga e protege, sob o signo de uma familiaridade em que a criança é livre para ser si-mesma.

Palavras-chave: Habitar; Crianças; Acolhimento Institucional; Fenomenologia.

**O PROCESSO DE VINCULAÇÃO NO ATENDIMENTO CLÍNICO INFANTIL: UM OLHAR
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Beatriz Alencar Nunes Silva
Unidep
Tagley Cristina Morás
Unidep

Este relato tem como objetivo discutir a respeito do processo de vinculação no atendimento infantil, vislumbrando a importância da utilização da técnica de ludoterapia como facilitador no atendimento clínico infantil para criação de vínculo, propondo liberdade e responsabilização deste paciente em seu existir, através do brincar, a experiência baseia-se na atuação prática realizada durante o estágio supervisionado II do 9º período do curso de psicologia na clínica escola do Centro Universitário de Pato Branco – UNIDEP. Ao olhar para uma criança, a compreendemos como um ser que também já é responsável pelo seu existir, com a facticidade de seu contexto familiar/social, porém, já capaz de escolher dentre suas possibilidades. Acolhê-la e acolher suas demandas é também acolher a forma como essa está aprendendo a dar significado às vivências ao seu redor. Considerando a forma como o mundo é apreendido pelo olhar infantil, abrindo-se frente às possibilidades que este contexto propõe, pode-se construir através deste viés vivências que proporcionem a vinculação entre psicólogo e paciente e também o trabalho de demandas apresentadas pelo pequeno ser que se mostra em atendimento. O afeto e acolhimento colocado no atendimento ao abraçar o mundo infantil do ser em análise, propõe a valorização daquilo que o paciente quer externalizar, sejam suas angústias, suas curiosidades sobre o mundo, ou qualquer outra demanda, valorizando a sua liberdade. Assim, abre-se as representações de um mundo particular que se mostra através do olhar infantil, e com atividades, desde as mais simples, pode-se abordar demandas de grande importância para um sujeito que ainda está aprendendo a significar o mundo ao seu redor, mostrando na prática de estágio no campo clínico a importância do vínculo para o andamento do atendimento. Por fim, podemos concluir que a ludoterapia não é apenas uma ferramenta básica para a atuação do psicólogo no atendimento infantil, mas também sinal de empatia no atendimento infantil e acolhimento, que busca não só levantar demandas, mas também ajudar esse ser a se perceber autêntico sobre seu existir e principalmente responsável por suas escolhas e pela significação de seu ser-no-mundo.

Palavras-chave: Ludoterapia; Atendimento infantil; Vinculação.

A EXPERIÊNCIA DE GRADUANDOS EM PSICOLOGIA NO TRABALHO COM CRIANÇAS AUTISTAS

Bruna Isabelli Ferreira dos Santos
Faculdades Integradas Einstein de Limeira
Patricia Regina Bueno Incerpe
Faculdades Integradas Einstein de Limeira

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na comunicação ou interação social em diversos contextos, na reciprocidade socioemocional, além de dificuldades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos interpessoais. Também é caracterizado por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, podendo ser movimentos motores, uso de objetos e falas repetitivas, insistência nas mesmas coisas, inflexibilidade a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal, interesses restritos e fixos, hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, ou até interesses incomuns a aspectos sensoriais do ambiente. A partir de relatos informais de colegas de classe de uma das autoras, foi possível perceber uma dificuldade por parte dos graduandos em psicologia no acompanhamento e oferecimento de intervenções às crianças diagnosticadas com TEA. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo compreender a experiência de graduandos em psicologia de faculdades privadas, em relação à prática no contexto escolar com crianças autistas. Foi realizada uma pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica norteada pelos princípios do filósofo Edmund Husserl. Realizando-se encontros dialógicos individuais com quatro participantes, dois do sexo masculino e duas do sexo feminino, com idades de 21 a 28 anos e, posteriormente, construída uma narrativa compreensiva. A partir da escrita de todas as narrativas compreensivas, foi desenvolvida uma narrativa síntese, que engloba os elementos significativos da experiência de todos os participantes. Os elementos significativos da experiência foram os seguintes: (A) os participantes percebem que há uma escassez de conteúdo científico sobre o TEA e seus aspectos práticos; (B) os participantes têm dificuldade nas relações com os professores em sala de aula; (C) os graduandos se sentem desamparados no ambiente escolar e (D) a relação dos pais com a criança autista e a importância do vínculo entre o autista e graduando. Ressalta-se a importância de pesquisas que busquem compreender a experiência vivida por professores de crianças autistas, de psicólogos que atuam em escola e pais de crianças com o diagnóstico.

Palavras-chave: Formação em psicologia; autismo; pesquisa qualitativa; fenomenologia.

EVOLUÇÃO DE NARRATIVAS COMPREENSIVAS DE INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICA EM UM GRUPO DE PESQUISA

Ramila I F Alckmin

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)

Geni A J Wolf

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)

Bolsista CAPES

Tiago Bastos de Moura

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)

Bolsista CNPq

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)

O grupo de pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção” da PUC-Campinas têm desenvolvido pesquisas visando o aprimoramento das narrativas compreensivas como estratégia metodológica. O uso de narrativas pelos pesquisadores baseia-se na concepção de narrativa do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que considera esta ação como essencialmente conectada à experiência humana. Constitui-se como um modo de registro da experiência vivida no encontro dialógico entre pesquisador e participante, fruto da relação intersubjetiva que visa desvelar os elementos estruturantes da experiência em relação ao tema da pesquisa. O trabalho objetiva analisar e discutir a evolução das narrativas compreensivas como estratégia metodológica de investigação adotada no referido grupo, entre 2006 e 2021. A metodologia se constituiu em 4 etapas: levantamento, análise, descrição e caracterização das narrativas compreensivas utilizadas nas pesquisas. Da leitura e análise de dissertações de mestrado e teses de doutorado por pesquisadores que utilizaram as narrativas compreensivas, surgiram as seguintes categorias: 1. justificativa da opção metodológica e uso da narrativa; 2. concepção sobre narrativa; 3. processo de elaboração das narrativas; 4. narrativa síntese como resultado da pesquisa. Da análise das pesquisas, destaca-se: tendência teórica na construção das narrativas tendo como base o autor Walter Benjamin; os processos de elaboração das narrativas de forma não diretiva; citações literais utilizadas como ilustração do vivido; desvinculação do uso de gravações ou registros escritos; início de registros de leitura de narrativas no âmbito coletivo do grupo de pesquisa; narrativa síntese como resultado de pesquisa. Observou-se que o uso das narrativas como estratégia metodológica tem sido adotado como possibilidade de acesso ao caráter intersubjetivo da experiência e de apreensão de elementos emergentes nos encontros dialógicos pesquisador-participantes. A cada pesquisa, o método que caracteriza esse grupo tem sido aprimorado no trilhar de cada pesquisador que decide com ele iluminar seu percurso investigativo, consolidando as narrativas compreensivas como estratégia frutífera em pesquisas qualitativas de base fenomenológica.

Palavras-chave: prevenção e intervenção psicológica; fenomenologia; narrativas compreensivas; pesquisa fenomenológica; psicologia clínica.

FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA COMO MÉTODO CRÍTICO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Henrique Shody Hono Batista
Universidade Federal do Paraná
Joanneliese de Lucas Freitas
Universidade Federal do Paraná

Este trabalho busca apresentar uma proposta de articulação e reflexão da fenomenologia-hermenêutica como método crítico de pesquisa para uma investigação em psicologia clínica, que tem por objetivo analisar a experiência de cuidado psicológico em situações de terminalidade e fim de vida. Da fenomenologia-hermenêutica, herdamos os projetos da destruição da história da metafísica e da hermenêutica da facticidade, que nos colocam diante de um confronto com a tradição que nos antecede e nos convidam a resgatar sentidos mais originários para os fenômenos que se apresentam em nossa relação existencial e mundana. Ao resgatarmos o sentido do método como caminho que se faz ao caminhar (metà-hódos), privilegiamos o fenômeno em seu próprio desenrolar no processo da pesquisa, de modo que os recursos metodológicos e a análise de dados devem ser pensados em harmonia com os caminhos da investigação, seja nos trabalhos de revisão teórica ou de estudos com enfoque empírico-qualitativo. Apresentamos, então, o nosso metá-hódos nessa pesquisa, que se inicia com a reflexão sobre o sentido originário da clínica. A clínica como debruçar-se diante do outro concebe o ato de pesquisar também como um ato clínico e que, nesta direção, se deixa interpelar por aquilo que o fenômeno investigado revela no próprio caminhar da pesquisa. Tal atitude também nos convoca a pensar o sentido ético do pesquisar diante do sofrimento humano, que neste momento de pandemia em solo brasileiro, encontra-se atravessado por uma atmosfera de desamparo ético-político. A ética do pesquisar envolve um rigor teórico-metodológico e uma postura de acolhimento da experiência humana, atentando também para a dimensão social e histórica que perpassa as experiências do mundo de seus envolvidos, seja o pesquisador ou participantes da pesquisa. Assim, uma articulação crítica da fenomenologia-hermenêutica na pesquisa destaca a possibilidade da quebra de pré-concepções e paradigmas teórico-interpretativos que sustentam os modos como abordamos os fenômenos, exigindo uma escuta atenta às experiências vividas e a reivindicação de outros contornos ao ato de investigação, explicitando seu caráter ético e político diante do horizonte histórico que busca investigar.

Palavras-chave: Fenomenologia; Hermenêutica; Psicologia Clínica; Pesquisa Qualitativa.

“SHOW DE TRUMAN”: SHOW DA VIDA À LUZ DA ANALÍTICA HEIDEGGERIANA

Maria Eduarda Araújo Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Thainá Souza Cruz Belmiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Frederico Noronha Clemente

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O filme “O Show de Truman” (1998) conta a história de Truman Burbank, um vendedor de seguros que possui uma vida feliz e estável. Em dado momento, começa a perceber inconsistências em seu cotidiano, passando a estranhar e questionar sua vida até descobrir que vive em um reality show. Este trabalho analisou o referido filme à luz da analítica heideggeriana, tendo sido possível desenvolver diálogos com as ideias sobre ser-aí, cuidado, clamor e angústia. Ao considerar a noção de ser-aí como o modo como o homem existe ontologicamente, sendo capaz de compreender e questionar a si mesmo e a sua própria existência, bem como de ir construindo quem é ao passo que existe, observou-se que, embora nunca tenha se questionado acerca disso, Truman passa, em um dado momento, a ser convocado a apropriar-se da própria existência para vivê-la com autenticidade. Em relação à noção de cuidado, observa-se o modo substitutivo, aquele que livra o sujeito de suas próprias ações como o mais presente na trama, isso porque, o protagonista podia experienciar apenas o que lhe era dado de modo que não vivesse uma realidade diferente da que fora lhe apresentada desde o nascimento. O outro tipo de modo de cuidado possível de ser identificado é o ante positivo, que coloca o sujeito diante de suas próprias possibilidades de existir, desempenhado pelas personagens que questionam o show e tentam alertar Truman da farsa que estava vivendo. Acerca do clamor, entendido pelo filósofo da existência como um chamado da consciência que possibilita a singularização do ser-aí, um modo de ser autêntico e aberto a novas possibilidades, sendo este, ao mesmo tempo, o chamado e aquele quem o faz. Nesse sentido, o clamor pode transformar a compreensão temporal, sobre o mundo, os outros entes e o próprio ser-aí. Truman experimenta o clamor a partir das contradições daquele mundo e de seus questionamentos acerca destas. Assim, é a partir da inquietude da angústia advinda dessas indagações que Truman pôde apropriar-se de sua própria existência, reencontrar a vontade de sair da ilha e conhecer novos lugares, libertando-se, finalmente. Sendo assim, a leitura fenomenológica dessa obra permitiu a expansão da analítica heideggeriana na sua relação com a sétima arte, dado que assim como esta, se debruça sobre a existência humana e ao que a ela é inerente.

Palavras-chave: Fenomenologia-Existencial; Analítica da existência; Arte.

ALICE E HEIDEGGER: UMA TRAJETÓRIA PELO MUNDO SUBTERRÂNEO

Cecília Abreu de França Gonçalves
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Symone Fernandes de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho consiste em uma análise dos filmes “live action” de “Alice no País das Maravilhas” (2010) e “Alice Através do Espelho” (2016) sob uma perspectiva fenomenológico-existencial de base heideggeriana. Na adaptação do enredo criado por Lewis Carroll, a menina imaginativa e sonhadora retorna ao País das Maravilhas, aos 19 anos de idade, em uma aventura de redescoberta do próprio ser. A partir da interpretação do Mundo Subterrâneo como uma representação do modo de ser e estar no mundo de Alice, as ideias de Dasein, cuidado, temor, angústia, habitar e ser-para-a-morte permeiam a obra. Ademais, a figura do psicoterapeuta fenomenológico-existencial se faz representada por Absolem, a lagarta, que nunca propõe respostas, mas reflexões sobre voltar a si mesmo. Ao ser questionada sobre quem ela é, a protagonista encontra-se com a angústia, que a mobiliza no decurso da trama. Um intenso desalojamento se configura frente ao questionamento alheio do seu Eu, que se intensifica quando Alice se depara com uma decisão muito importante a tomar. Desse modo, Alice é mobilizada pela angústia a renascer e dar luz a novas possibilidades de ser e estar no mundo. Na continuidade da história, “Alice Através do Espelho” nos mostra uma Alice 3 anos mais velha, convocada mais uma vez ao seu mundo. Lá, ela descobre que seu fiel amigo Chapeleiro Maluco está bastante melancólico, pois este pensa que sua família, dada como morta, não havia morrido. Desse modo, Alice trava uma luta arriscada e impossível contra o tempo, voltando ao passado e tentando reverter o ocorrido. Nessa conjuntura, o tempo ganha uma figura personificada, que controla tudo e todos. Para Heidegger, o Dasein, em sua cotidianidade, leva em conta o tempo sem compreender existencialmente a temporalidade. Os relógios de bolso no Castelo do Tempo usados na película para representar cada ser mostram claramente como o ser-aí existe refém da finitude. Nesse contexto, Alice falha na tentativa de controlar o tempo, mas entende que não se pode mudar o passado, mas se pode apenas aprender com ele. Aos olhos heideggerianos, o passado nunca perde o vigor de ter sido e pode influenciar no processo de morte e renascimento constante do Dasein, em decorrência das escolhas que mobilizam a vida. Por fim, a obra de Alice nos mostra, no encontro entre literatura e cinema, o processo fenomenológico do existir essencialmente presente no ser--aí, nos fazendo pensar nas nuances do nosso existir finito e angustiante.

Palavras-chave: Alice; Fenomenologia; Angústia; Ser-para-a-morte; Dasein.

A TEMATIZAÇÃO DA MORTE NA SÉRIE “THIS IS US”

Andrielly Raysa de Medeiros
Núcleo poiesis

A morte é um fenômeno existencial inerente ao homem, porém, a sociedade ainda costuma tratá-la como um assunto velado e, de tempos em tempos, ela aparece na mídia e em obras de arte. Desse modo, *This is Us*, série de televisão norte-americana lançada em 2016, obteve destaque ao representar de modo profundo as condições próprias da existência e, com isso, oportuniza valiosas reflexões sobre os conceitos do luto e o ser-para-a-morte. Com este relato de experiência, pretende-se contribuir para o diálogo interdisciplinar entre a psicologia e a arte televisiva. A fim de discorrer sobre os construtos fenomenológicos observados na obra, utilizamos como referencial teórico a fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Heidegger apresenta o homem como um *Dasein* ou ser-aí, isto é, como um ser em constante relação com o mundo. Para ele, a morte limita a unidade originária do ser-aí e o oferece a possibilidade de não-ser. Com isso, o *Dasein* pode refletir acerca da própria existência e assume o seu ser-para-a-morte, ou seja, compreende o morrer como fenômeno produtor de autenticidade da própria existência e não o seu término. Desse modo, a narrativa da série em questão retrata a dinâmica da família Pearson, a qual anuncia desde o início a morte de Jack, patriarca admirado e protagonista da série. Realizada em três linhas temporais - passado, presente e futuro -, a obra ilustra a vivência familiar entre os pais, Rebecca e Jack, e os filhos, Kate, Kevin e Randall. Ao passo do desvelar do enredo, percebe-se nos personagens uma tendência à supressão dos sentimentos mais delicados, diante de uma exigência silenciosa para se manterem ilesos após o sofrimento e, assim, o doloroso assunto da morte é interditado. Na linha temporal do presente, é possível observar as consequências da falta de diálogo sobre a morte, sobretudo na vida dos filhos, os quais passam a adotar atitudes autodestrutivas como compulsão alimentar, alcoolismo e esgotamento no trabalho. Diante disso, ressalta a importância de tematizar o assunto da morte, a fim de permitir a vazão dos sentimentos dolorosos e favorecer a elaboração do luto como vivência. Assim, a arte e a psicologia podem dialogar e facilitar debates importantes para a existência humana.

Palavras-chave: Fenomenologia heideggeriana; Arte; Luto; Morte.

**SER(KOM)BI: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-HEIDEGGERIANO SOBRE O FILME
PEQUENA MISS SUNSHINE**

Isabela Pinto Lucena Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Amanda Ashiley Lima Pires

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O trabalho em questão consiste numa análise do longa-metragem “Pequena Miss Sunshine” (2006), que se propõe a discutir, à luz da fenomenologia heideggeriana, sobre as vivências e afetações dos personagens ao entrar em contato com questões tão íntimas e densas que se dão ao longo do enredo. Nesse sentido, para ilustrar o caráter existencial do filme e sua relação com o pensamento de Martin Heidegger, foram selecionados cenas e elementos, dos quais dois foram destacados para o presente resumo. Tem-se, primeiramente, a kombi amarela, que é a base, simbolicamente, do processo de constituição do ser de cada um dos integrantes da família a partir de seu contato outros mundos. Para Heidegger, o Dasein, ente mundano, é constituído como Ser-no-mundo, que se faz presente num universo compartilhado. Logo, ele está em constante relação com o outro, Ser-com, e constrói sua existência a partir disso. Nesse sentido, os Hoover, inicialmente, são um núcleo muito disfuncional, porém, ao se unirem em prol do sonho de Olive, nota-se uma abertura de sentidos para todos e que as relações intrafamiliares dão espaço para cada um existir mais autenticamente, aproximando-os, consequentemente. Assim como a família, a kombi precisa do “empurrãozinho” de todos dali para ter funcionalidade. Finalmente, destaca-se a cena a do concurso de beleza, na qual Olive se utilizou da dança, e recebeu muitos olhares de julgamento de todos ali presentes por estar se movimentando de forma inapropriada. Porém, o que se nota nesse momento é a felicidade inegável da personagem, e conclui-se que ela estava emergindo enquanto Dasein, saindo da Impessoalidade para a sua forma mais autêntica. Além disso, é possível enxergar na cena o que Heidegger falava sobre Clamor: uma voz na consciência instigando o Dasein a ser ele mesmo, a abrir-se para outras possibilidades. Diante da situação, o restante da família se junta à personagem no palco para lhe dar apoio, evidenciando que a disfuncionalidade da família, muito visível no começo do filme, após a abertura de sentido e de mundos pelas quais os personagens passaram, mostrou-se ser o que os mantinha juntos e unidos o tempo todo. Porém, agora, estavam muito mais próximos uns dos outros por estarem em seus estados mais autênticos. Portanto, a análise pôde explorar a narrativa do filme e mostrar como o que teorizou Martin Heidegger sobre fenomenologia está presente de forma tão simples e ordinária no cotidiano de nossas vidas, assim como na rotina dos Hoover.

Palavras-chave: Análise; Heidegger; Filme; Pequena Miss Sunshine; Fenomenologia.

O ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO SEGUNDO ROLLO MAY

Maria Virgínia Valadares Borges
Universidade Federal de Minas Gerais
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Universidade Federal de Minas Gerais

A partir de um estudo que se propôs a pensar estratégias de cuidado psicológico a estudantes de uma universidade pública, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o Aconselhamento Psicológico na perspectiva fenomenológica existencial de Rollo May. Esse autor traz uma importante concepção teórica acerca da prática do aconselhamento, construída com base em uma significativa vivência no atendimento a estudantes em uma universidade norte-americana. Frente ao sofrimento existencial tão recorrente na nossa sociedade, especialmente entre os jovens universitários, May revela os caminhos utilizados nessa modalidade de atendimento, com o intuito de auxiliar os sujeitos a encontrarem melhores ajustamentos para lidar com os conflitos que vivenciam. O autor concebe a personalidade como dinâmica e criativa, referindo-se à fluidez e capacidade de transformação que caracterizam a existência humana. Nesse sentido, ser saudável é uma condição vinculada aos fundamentos da criatividade, liberdade e individualidade. A partir desse entendimento, o aconselhamento tem a intenção de possibilitar ajustamentos novos e construtivos diante das tensões que surgem, cabendo ao conselheiro ouvir atentamente o aconselhando e auxiliá-lo a expressar e perceber outros aspectos do problema. A empatia é apontada como primordial para que o aconselhamento alcance seus objetivos, em um processo capaz de levar à transformação tanto o aconselhando quanto o próprio conselheiro. May demonstra que, por meio da expressão dos conflitos e de uma maior compreensão de si mesmo, essa modalidade clínica de cuidado, caracterizada por uma intervenção mais breve, sem uma necessária continuidade e constância, pode contribuir para que o sujeito alcance uma atitude responsável e autônoma rumo à tomada de decisões. No decorrer do aconselhamento, é provável que o aconselhando se sinta menos confuso, que consiga ter um maior entendimento de si e dos outros, que tenha maior flexibilidade para lidar com os conflitos que apareçam, que se sinta mais livre para fazer suas escolhas e seja capaz de utilizar criativamente suas potencialidades. Tais entendimentos, ao serem interiorizados, darão sequência a um processo de mudança e de desenvolvimento existencial após o fim do aconselhamento.

Palavras-chave: aconselhamento psicológico; psicologia fenomenológica existencial; cuidado psicológico; saúde mental.

PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA MODALIDADE CLÍNICA DE CUIDADO E ACOLHIMENTO

Luciana Fernandes de Medeiros
Facisa/UFRN

Évillia Karielly Fernandes
Facisa/UFRN

Bolsista UFRN

Amanda Luiza de Oliveira Silva
Facisa/UFRN

Antonia Andrelandia Jácome de Oliveira
Facisa/UFRN

O presente trabalho é uma revisão teórica sobre o plantão psicológico e tem como objetivo apontar as possibilidades de trabalho, sobretudo nesse contexto de pandemia de COVID-19. O plantão psicológico é compreendido como uma modalidade de atendimento clínico, no qual busca acolher pessoas em momentos de crise. Comprometido com o contexto social no qual os sujeitos estão inseridos, o serviço é aberto e acessível à comunidade. Há alguns aspectos que caracterizam esse tipo de atendimento, como o acolhimento, escuta atenta, compreensão empática, o não julgamento, sendo pautados na relação dialógica entre o usuário e o plantonista, buscando compreender esse outro de acordo com sua experiência de mundo e significados atribuídos; o atendimento tem um fim em si mesmo, no sentido de compreender o sofrimento e buscar possibilidades naquele momento. O plantão psicológico não é sobre buscar uma resposta imediata para a resolução dos problemas, mas procurar outras formas de trabalhar o sofrimento. Sendo uma perspectiva recente, há poucos estudos aprofundados sobre o tema e seus impactos na sociedade. Nosso trabalho, de pesquisa e extensão, é ambientado em Santa Cruz, no Serviço Escola de Psicologia Aplicada (SEPA), funcionando através da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairí (Facisa) ofertando atendimento psicológico aos alunos e à toda comunidade santacruzense. O projeto de extensão “Cuidar da existência: plantão psicológico e psicoterapia na Facisa/UFRN”, disponibiliza estudantes para realizar atendimento de plantão psicológico à comunidade, complementando os serviços que já são ofertados pelo poder municipal. Atualmente, esse serviço está sendo oferecido no formato remoto e isso tem trazido desafios para os estudantes e supervisores, mas também as potencialidades desse trabalho. A prática do estudante é pautada em sua capacidade de refletir de maneira crítica, para que sua escuta seja comprometida com os aspectos éticos e políticos pautados nas diretrizes da prática profissional. Além do projeto de extensão, está em andamento uma pesquisa que busca identificar e analisar os resultados do atendimento sob a perspectiva do usuário. É um trabalho promissor que visa identificar as possibilidades e as limitações no atual cenário sempre com o intuito de contribuir para o fortalecimento da clínica fenomenológica-existencial.

Palavras-chave: plantão psicológico; fenomenologia-existencial; serviço-escola.

PLANTÃO HUMANISTA FENOMENOLÓGICO: A EXPERIÊNCIA DO INESPERADO EM UM SERVIÇO-ESCOLA

Igor Santos Cassiano
Universidade de Fortaleza
Lana Carolina Silva Pereira
Universidade de Fortaleza
Liliane Brandão Carvalho
Universidade de Fortaleza
Anna Karynne Melo
Universidade de Fortaleza

O plantão psicológico, compreendido como uma prática exercida por profissionais de psicologia ou estudantes sob supervisão de um profissional da área que se disponibilizam a atender, em local, dias e horários pré-estabelecidos pessoas que procuram espontaneamente o serviço a partir de uma demanda emergente ou quase emergente vivenciada, desdobra-se sobre o cuidado e acolhimento, possibilitando espaço de compreensão da queixa, de escuta e reflexões sobre o modo de existir, além do fornecimento de informações. Este trabalho objetiva compreender a vivência do inesperado nos atendimentos realizados pela equipe de plantonistas que utiliza a lente humanista fenomenológica nos atendimentos de uma clínica-escola na cidade de Fortaleza. Trata-se de um estudo qualitativo, em que foram entrevistados 9 estagiários plantonistas desse serviço-escola. Os achados revelam que o fenômeno do inesperado se apresenta como uma das características do plantão psicológico que emergiram a partir das entrevistas. A atitude de abertura ao desconhecido que chega à procura desse serviço impõe ao plantonista uma necessidade de uma disponibilidade incondicional para o encontro, o que favorece não só o acolhimento do sofrimento psíquico, mas também lidar com possibilidades de clarificação e de enfrentamento daquilo que emerge. Nesse sentido, o fenômeno do inesperado revelou ser uma característica fundamental no serviço dessa equipe de plantão psicológico. Portanto, a equipe investigada precisa estar em contínua capacitação quanto aos fundamentos de uma clínica humanista fenomenológica mundana para se assegurar de um olhar e um ouvir diferenciados. Espera-se, com isso, que esse estudo, pautado na própria experiência de plantonistas, auxilie na compreensão do funcionamento do plantão psicológico, que apresenta o fenômeno do inesperado como uma das características principais do serviço, e das implicações teóricas-práticas no exercício de um serviço que se pretende ser ancorado na perspectiva humanista fenomenológica.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Acolhimento; Fenomenologia; Clínica-escola.

SOFRIMENTO E MODOS DE EXISTÊNCIA NA PANDEMIA DE COVID-19

Samira Meletti S Goulart

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

A pandemia do novo coronavírus vem impondo a necessidade de maior atenção à saúde, mudanças nas relações e distanciamento social, o enfrentamento cotidiano das mortes, além das outras mazelas econômicas e sociais, tornando-se fonte de diversos sofrimentos, expressos nos relatos de estresse, ansiedade, incertezas, tédio, depressão, compulsão e solidão, que chegam aos serviços de acolhimento psicológico. Diante deste contexto, que impôs ao homem contemporâneo uma nova dinâmica de vida e de relação com as coisas e com as outras pessoas, começamos a nos perguntar sobre os novos arranjos existenciais requeridos e os sofrimentos que parecem expressar todos os medos, conflitos e incertezas experimentados nos dias atuais. Quais experiências de sofrimento têm emergido na pandemia e como estão relacionadas aos novos modos de vida? Com o objetivo de refletir sobre a existência e sofrimento que se desvelam em meio ao contexto pandêmico, recorreremos ao pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger para pensar o tédio como atmosfera epocal e a era da técnica como horizonte de sentido, e as suas repercussões nas experiências de sofrimento descerradas em meio às novas dinâmicas de vida. A partir da reflexão ontológica de Heidegger podemos compreender mais originariamente os sentidos e afetos que sustentam as possibilidades de ser e sofrer no contexto da pandemia, permitindo refletir como os arranjos existenciais atuais tentam se esquivar do tédio na busca de novos passatempos e rotinas, e continuam correspondendo à provocação técnica de exploração, produção e controle, intensificada a necessidade de domínio técnico sobre a vida. Ao mesmo tempo, é possível observar que a pandemia fomentou modificações no ritmo cotidiano de realização da existência, pelas transformações comportamentais e relacionais, mas também por favorecer a emergência de experiências que confrontam o ser-á com a sua temporalidade, indeterminação e finitude, abrindo oportunidades de uma escuta mais aguçada do tédio como tonalidade afetiva fundamental e epocal. Assim, ao trazer o desconhecido e diferente, ao remeter à vulnerabilidade e finitude da existência, a pandemia confronta o homem contemporâneo com a dor própria do seu existir, favorecendo ainda a emergência de muitas experiências designadas como sofrimento a partir da tentativa frustrada de esquivar do tédio e de domínio técnico da vida, que se mostra especialmente desamparada e vulnerável nesse novo contexto.

Palavras-chave: Sofrimento; Contemporaneidade; Pandemia; Fenomenologia-existencial.

PLANTÃO PSICOLÓGICO E PANDEMIA: FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA ENTRE O TECNOLÓGICO E O TERAPÊUTICO

Ana Karina Silva Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Felipe de Oliveira Ramos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Morgana de Gusmão Moraes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Thainá Souza Cruz Belmiro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Viviane Assunção Campelo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

A emergência da pandemia da COVID-19 trouxe consigo uma série de rompimentos significativos na cotidianidade e mudanças imprevisíveis nos modos de existir de muitas pessoas. Inevitavelmente, derivou-se disso uma alta nas manifestações de sofrimento psíquico expressa no aumento dos números de interessados e inscritos em serviços-escola de Psicologia com oferta de vagas para atendimento psicológico no território. Para além disso, o ineditismo da conjuntura, marcada por uma pandemia, convocou a necessidade de pensar a formação de novos terapeutas, levando em conta as novas necessidades técnicas impostas pelas restrições do isolamento social e, em consequência disso, a tentativa de habitar um novo espaço: o virtual. Singularizada pelas circunstâncias já mencionadas, a conjuntura desta pandemia encontra-se diuturnamente tensionada pela necessidade da entrada do tecnológico no campo do terapêutico, o que trouxe reflexões éticas, teóricas e profissionais. O objetivo deste relato de experiência é narrar as inventividades na organização desse espaço formativo tecido pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a partir de um grupo de estágio e sua experiência com o dispositivo terapêutico de Plantão Psicológico, cuja prática esteve fundamentada na analítica existencial de Martin Heidegger. Visa-se narrar de que maneira sua filosofia (angústia, habitar, cuidado, ser-para-morte) e discussões suscitadas por ela — em especial sobre a era da técnica — contribuíram sobremaneira na lida com a angústia de se perder caminhos formativos socialmente consagrados, a saber, caracterizado pela presencialidade, e ter-se de refletir e aprender caminhos de ser terapeuta em uma formação marcada pela atuação remota. Em tempos como o nosso, é preciso compreender de que forma o setting terapêutico tornou-se habitação provisória para muitos e as implicações de se estar ativamente engajado na feitura desse espaço, produzindo insights que podem contribuir para o processo formativo de novos profissionais.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Era da técnica; Formação Profissional; Serviço-escola; Pandemia.

**A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGOS COM PSICOTERAPIA REMOTA: UMA COMPREENSAO
FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL**

Sílvia Raquel Santos de Moraes
UNIVASF

Queila Andrade Haine Campos
UNIVASF

O objetivo desse estudo foi compreender a experiência de psicólogos ao ofertar psicoterapia remota durante a pandemia da COVID-19, tematizando seus principais desafios e possibilidades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica hermenêutica ao modo de Heidegger, utilizando-se de entrevistas narrativas e pergunta disparadora. As narrativas foram colhidas mediante videochamadas individuais, sendo gravadas, transcritas e interpretadas pela analítica do sentido. Participaram desse estudo sete psicólogos de diferentes abordagens, residentes em Petrolina-PE e com pelo menos um ano de atuação clínica. Emergiram três temáticas orientadoras de sentido da experiência: Afetações da pandemia e do trabalho remoto; Desafios e possibilidades da psicoterapia remota e Modos de enfrentamento no trabalho remoto. A experiência foi marcada pela exaustão, acentuada pelo trabalho remoto e em casa; e ainda, pelas novas configurações de vida, que envolve redução de movimentos, 'presencialidade ausente' e sensação de insuficiência do 'manejo' clínico. Angústia, medo e tédio foram tonalidades afetivas expressas pelos colaboradores e ultrapassam o momento dos atendimentos. A ampliação da assistência para um maior público de diferentes regiões, as vantagens de se resguardar dos riscos de contaminação e a não descontinuidade das sessões foram vistas como possibilidades da psicoterapia remota. Já os desafios envolvem as constantes quebras de setting, a instabilidade de conexão com a internet, as dificuldades para oferta de atendimento infantil remoto e para manutenção de privacidade. O autocuidado e o cultivo das redes de apoio foram mencionados como modos de enfrentamento, proporcionando um certo alento diante das tonalidades afetivas emergentes. As incertezas do momento vivido e a ameaça de morte tem desalojado e arrancando os psicólogos de seu modo cotidiano outrora estabelecido, desafiando-os a criarem novos modos de ser/estar mediados pelo uso de tecnologias. A tarefa de suportar a nãidade existencial inerente à escuta clínica parece desassossegar mais agora. O esforço para articular fala-escuta e o desamparo intensificado pela ausência de respostas afetam não só o trabalho remoto, mas também, as relações com o tempo-espço. Por fim, ainda se observa uma prática pautada em enquadramentos pré-estabelecidos e agora, diluídos. Tal situação nos convoca a recriar modos de se tornar presentes no trabalho e na vida, dada as circunstâncias do tempo vivido.

Palavras-chave: Pandemia; Psicologia clínica; Teletrabalho.

TORNAR-SE MÉDICO: REFLEXÕES A PARTIR DA ESCUTA DE ESTUDANTES DE MEDICINA

Lucas Araújo Soares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natália Nogueira de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bolsista CNPq

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho objetiva compartilhar experiências de estágio curricular realizado no Serviço de Atenção Psicossocial a Estudantes de Medicina (SAPEM) à luz da ontologia heideggeriana. O SAPEM é um serviço para acolhimento psicológico e existencial dos graduandos de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) por meio da oferta de diversas ações clínicas e pedagógicas, entre elas, atendimentos de plantão psicológico e psicoterapia realizados por estudantes de Psicologia. Um dos cursos mais tradicionais e concorridos da UFRN, o curso de formação de médicos tem experimentado uma série de mudanças que demandam um olhar diferente sobre questões até então pouco discutidas. O novo perfil socioeconômico dos estudantes, as transformações teórico metodológicas, a expansão dos cursos de medicina e as particularidades de fazer parte de uma universidade federal de referência, são aspectos que compõem o horizonte e a trama de significados em jogo no existir de jovens estudantes de medicina. A rigidez da tradição e a emergência do novo tensionam a cultura desse curso e demandam um espaço de cuidado que abrigue sofrimentos desvelados nesse contexto. Nas falas dos estudantes, alguns temas costumam aparecer com frequência: o imperativo da produtividade, a interdição do erro, a solidão, a fragilidade da vida, as iniquidades sociais, a pressão e o estresse. Os relatos clínicos revelam um sofrimento desvelado no horizonte histórico vivido atualmente e descortina aspectos importantes de uma contemporaneidade marcada pela exigência por desempenho. A esse respeito, ganha destaque o que Heidegger denomina como "Era da Técnica", período que nos permite refletir sentidos acentuados na atualidade e também presente nos discursos de jovens acadêmicos de medicina, sobre eficiência, foco na produção de diagnósticos e a instrumentalização da vida – assim como a impessoalidade, sendo esta um modo de ser do homem que carece de apropriação de si mesmo. O ambiente acadêmico, que pode ampliar possibilidades, também pode produzir restrições e, portanto, adoecimentos na medida em que delimita quais modos de ser e corresponder às demandas acadêmicas são aceitáveis e desejáveis. No SAPEM, os estudantes têm encontrado um espaço onde é possível se demorar, lançar luz sobre suas questões, se haver com a angústia e legitimar o que é ou não sentido e possibilidade para cada um.

Palavras-chave: Clínica Fenomenológica Hermenêutica; Educação Médica; Produtividade Acadêmica; Era da Técnica; Clínica Psicológica.

AJUSTAMENTO CRIATIVO NA GESTALT-TERAPIA: A EXPERIÊNCIA DE CADA UM NA PANDEMIA

Mariana de Holanda Roque Pires
Vincular

Deyseane Maria Araújo Lima
Unichristus e Vincular

RESUMO Atualmente, a sociedade teve que se adaptar a uma nova realidade por causa da pandemia pelo novo coronavírus. O isolamento social foi uma das medidas adotadas em diversos locais e no Brasil. Ficar em casa isolado é uma maneira de enfrentar o novo coronavírus, ou seja, se ajustar a uma nova realidade. Viver determinadas experiências é algo que nos permite pensar e enfrentar as situações com um novo sentido. Para a gestalt-terapia, o ajustamento criativo refere-se à capacidade do indivíduo de interagir com o campo/ambiente na fronteira do contato, ajustando-se criativamente, quando é necessário. Este trabalho visa investigar a experiência das pessoas na pandemia com enfoque na noção de ajustamento criativo na Gestalt-terapia. A metodologia utilizada foi a da abordagem qualitativa com a pesquisa do tipo fenomenológica. Foi aplicado questionário como forma de coleta de informações sobre o ajustamento criativo na pandemia. Foram realizadas seis entrevistas com sete perguntas com o tema “ajustamento criativo na pandemia”. No questionário, as perguntas abordavam as estratégias que as pessoas estão utilizando para lidar com a pandemia, se conseguiram se adaptar com as problemáticas, o que fez sentido nesse momento, que tipo de desafios tiveram, se incluiu ou excluiu atividades, que valores foram expostos e quais necessidades que o entrevistado teve. A gestalt-terapia trabalha no aqui-e-agora como forma de investigação e, dessa forma, mostra como o contato com o mundo é preciso, ajustando-se criativamente quando as necessidades do ser humano não são atendidas. Este estudo nos convida a compreender esta nova conjuntura e seus desafios que promovem novas maneiras de funcionar e estratégias que possibilitam a autorregulação, ampliando a awareness, para selecionar novos recursos para propiciar uma vida saudável. O ser humano é um ser que abrange sua totalidade, buscando se adequar, viver e reagir às situações propostas pelo ambiente. Mostramos a emergência de prosseguir na direção do ajustamento criativo para vencer suas dificuldades. **Palavras-chave:** Ajustamento criativo. Pandemia. Gestalt-terapia. Aqui-e-agora. Contato

Palavras-chave: Ajustamento criativo; Pandemia; Gestalt-terapia; Aqui-e-agora; Contato.

A MATERNIDADE PARA SIMONE DE BEAUVOIR EM “O SEGUNDO SEXO”

Maria Clara de Vasconcelos Romero
UNIFOR

Georges Daniel Janja Bloc Boris ORIENTADOR
UNIFOR

Simone de Beauvoir foi uma filósofa francesa conhecida por sua leitura fenomenológica-existencial sobre a situação da mulher, principalmente em sua obra “O Segundo Sexo”, publicado em 1949, a qual ela discute a mulher nos aspectos científicos, históricos e na vida concreta das mulheres em seu tempo. Nessa investigação, a filósofa conclui que a mulher foi construída historicamente como o Outro do homem; a humanidade é masculina e não define a mulher em si mesma, mas relativa a ele, nunca é visto como um sujeito autônomo. A mulher foi construída na história sendo-lhe negada a condição de possibilidade, toda determinação lhe é imputada como limitação. Nesse sentido, a maternidade tem um papel importante na dinâmica dos sexos; sendo esse exclusivo da fêmea e que teve, até hoje, grande impacto na construção social dos papéis de cada sexo, será neste ensaio investigado a discussão que a filósofa faz sobre a maternidade em “O Segundo Sexo. É sabido, que o corpo da fêmea é o único que pode engravidar e que esse processo de gerar filhos exige muito dela, mas é uma dinâmica natural e necessária para a reprodução da vida. Contudo, Beauvoir coloca que o corpo humano não se dá pela mesma regra de outros animais que estão destinados em si mesmo; o corpo humano não se justifica na natureza, para além disso, marcada pela condição de possibilidade, a maternidade ou gravidez não tem significado prévio, mas é dado sentido em um contexto sócio-histórico. Portanto, esse fator não deve ser visto como um destino natural, mas como uma escolha feita no mundo. O trabalho de reproduzir seres humanos, papel destinado às mulheres desde o começo da civilização, é visto pela autora como uma atividade de iminência, ou seja, uma função que não cria nada novo, não transforma a realidade; em oposição à transcendência que inova, supera e conquista; é o que nos diferencia dos outros seres e historicamente papel masculino. Beauvoir reconhece, no entanto, que no começo da humanidade a mulher não tinha tantas condições concretas para negar a maternidade, hoje a tecnologia e a ciência já permitem materialmente que a maternidade seja assumida diante da vontade. Apesar da tecnologia, as leis e a moralidade seguem negando essa escolha às mulheres na maioria das culturas, encerrando-lhes, ainda hoje, ao espaço da reprodução, da iminência.

Palavras-chave: Simone de Beauvoir; Maternidade; Fenomenologia-Existencial.

ENTREGA LEGAL: O MITO DO AMOR MATERNO

Yasmin Falcão Bezerra
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte
Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Ao levar em consideração o preconceito que figura no imaginário social acerca da mulher que não deseja ou não pode maternar e que, conseqüentemente, quando gestante tem afetado o seu direito em decidir ou não pela realização do procedimento de entrega da criança gerada para Adoção, o presente estudo intenta compreender os processos sociais envolvidos na Entrega Legal realizada pela genitora que não deseja ou não pode exercer a maternagem. Dessa forma, destaca-se que esse procedimento de entrega passou a ser reconhecido apenas através da Lei nº 12.010, de 2009, conhecida como Lei da adoção, que apesar de ser conhecida assim, também regulamenta o acolhimento da gestante que manifesta interesse em entregar a criança. De acordo com essa legislação, a mulher que busca o judiciário deve ser acolhida e ter resguardado o seu direito ao sigilo, pois se intenta atenuar o desgaste psicológico, tanto da genitora como do neonato. Porém, tendo em vista o preconceito relacionado ao mito do amor materno, que coloca a mulher como única responsável por gerar e maternar a criança gerada, há discursos que possuem capacidade de dificultar o acolhimento da gestante pela equipe de profissionais que trabalham na área. Considera-se, portanto, o processo de Entrega Legal como uma possibilidade, supondo que a genitora, com responsabilidade, possa refletir sobre seu desejo de cuidar da criança. Além disso, estima-se que a gestante seja acolhida de forma humana por uma equipe que compreenda, minimamente, que existem diferentes formas de ser mulher e de escolher exercer ou não a maternagem. Seguindo essa lógica, a fenomenologia existencial defendida por Simone de Beauvoir considera o sujeito como um ser que precisa escolher, sendo então a escolha uma exigência do existir humano que está intimamente relacionado com a liberdade existencial. Corroborando com isso, para Heidegger, o conceito de Dasein é descrito quando há a escolha de uma possibilidade em favor de outras, onde é necessário que o ser assuma a responsabilidade por sua escolha, apesar das conseqüências. Desta forma, a mulher possui liberdade para escolher a partir de seu contexto de vida, no qual a maternidade pode se apresentar como uma possibilidade, não existindo uma escolha ou modo de ser pronto e definido, mas sim a escolha das pessoas como responsáveis pelo seu projeto de vida.

Palavras-chave: Mulher, Maternidade; Entrega legal; Simone de Beauvoir; Heidegger.

**FILHOS POR ESCOLHA E AMOR: VIVÊNCIA DE CASAIS HOMOAFETIVOS QUE
ADOTARAM FILHOS**

Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Faculdade Católica do RN
Ana Andréa Barbosa Maux
Unifacex
Geovânia da Silva Toscano
UFPB

As famílias não são mais representadas apenas por um modelo normatizado, mas percebe-se a coexistência de diversas configurações familiares. Na contemporaneidade, um componente primordial para definir família é a presença da afetividade, em contrapartida, sua ausência compromete a manutenção dessa instituição. Desse modo, a família se constitui de pessoas que compartilham entre si um mesmo sentimento, e nesse conceito incluem-se as novas configurações familiares, sendo uma delas a família adotiva homoafetiva. Assim, essa pesquisa buscou compreender e refletir sobre a adoção de filhos por casais homoafetivos. Fizeram parte do estudo três casais homoafetivos masculinos. O caminho tomado para o processo de construção e análise das entrevistas realizadas foi por meio do método fenomenológico, mais especificamente, pela utilização do círculo hermenêutico compreensivo do filósofo Heidegger, partindo da percepção prévia, fazendo o recorte do olhar, a partir da visão prévia e elaborando novas compreensões mediante a concepção prévia. No tocante aos resultados obtidos, um que emergiu de forma expressiva em todas as entrevistas foi o questionamento dos “papéis de gênero” engendrada na experiência dessas famílias, no processo de assumirem o papel de pais, ficou nítida a necessidade de questionarem as concepções socialmente construídas, de que certas tarefas e cuidados eram primordialmente femininos. Desse modo, os colaboradores precisaram abandonar o velho lugar delegado ao homem socialmente, e se debruçar sobre todas as necessidades biológicas, materiais, físicas, sociais e afetivas de seus filhos, e dessa forma, demonstrarem para os demais e para eles próprios, com suas vivências, que filhos precisam de cuidados, mas não necessariamente esses têm que ser exercido por uma figura feminina. Nessa direção, tal experiência colocou os colaboradores diante do que Heidegger denomina de angústia, a qual é constituinte da existência do Dasein como ser-no-mundo. Nela, segundo esse filósofo, o homem se sente dominado por uma estranheza, que é como um sentir-se fora de casa. É também nesse estranhamento que o homem é provocado a revisar o estar-no-mundo e que, no caso dos entrevistados, possibilitou reflexão sobre sua existência enquanto pais. Por fim, percebeu-se que essa possibilidade de constituição familiar, apesar de ser juridicamente aceita, ainda é alvo de questionamentos sociais, pois rompe com noções cristalizadas a respeito do ser família.

Palavras-chave: Adoção; Homoafetividade; Círculo hermenêutico.

RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS E O CUIDADO NO CICLO GESTACIONAL

Cintia Souza de Abreu

Pontifícia Universidade Católica PUC-Campinas

Bolsista CAPES

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica PUC-Campinas

Este trabalho apresenta uma proposta de pesquisa em andamento para uma tese de doutorado, subsidiada pelos resultados obtidos numa dissertação de mestrado já concluída. A pesquisa de mestrado teve como foco investigar a inserção da psicologia na atuação com um grupo de gestantes na preparação para o parto. Pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica pautada na perspectiva da psicologia humanista, especificamente a Abordagem Centrada na Pessoa. Realizada em grupo, entre os meses de junho e novembro de 2018, com 12 mulheres em acompanhamento de pré-natal em duas unidades básicas de saúde do município de Cuiabá, Mato Grosso. Os encontros foram gravados e transcritos, em seguida compreendidos mediante a busca pelo vivido no espaço grupal. O estudo evidenciou que o cuidado psicológico na perspectiva da promoção de saúde viabiliza o fortalecimento de recursos subjetivos durante o processo gestacional e parturitivo e que as práticas de atenção e cuidado estiveram demarcadas pelas relações intersubjetivas estabelecidas entre quem cuida e quem é cuidado. Diante da acentuação das relações intersubjetivas balizadas na dissertação, a pesquisa em construção para a tese de doutorado objetiva compreender, fenomenologicamente, a experiência vivida por mulheres gestantes e por profissionais de saúde em relação aos cuidados disponibilizados durante o processo de gestar e parir no contexto da rede pública de saúde do Município de Cuiabá, Mato Grosso. Propõe-se como pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica, norteadas epistemologicamente pelas ideias de Husserl, Edith Stein e Angela Alles Belo e pelos pressupostos teórico-práticos da Abordagem Centrada na Pessoa. Justifica-se pela importância de se compreender o cuidado ao ciclo gestacional para além dos aspectos fisiológicos de forma a ter como foco as relações intersubjetivas entre gestantes e profissionais da rede pública de saúde. Serão realizados encontros dialógicos da pesquisadora com dois grupos: gestantes e profissionais de saúde. Propositamente, os encontros não serão gravados, pois o intuito é deixar-se impactar e impregnar-se pelos sentidos e significados da experiência dos participantes. Posteriormente, serão escritas narrativas compreensivas sobre cada encontro. Uma narrativa síntese será construída a partir dos encontros da pesquisadora com os dois grupos de participantes de forma a compor uma interpretação dos elementos essenciais da experiência vivida em relação ao cuidado.

Palavras-chave: Gestação; cuidado; psicologia; pesquisa fenomenológica.

O ATENDIMENTO PSICOLÓGICO COMO UM DESOCULTAR-SE EM OBRA DE ARTE

Alisson de Oliveira Santos
Rede de Ensino Grau Técnico

Ana Andréa Barbosa Maux

Tribunal de Justiça do estado do Rio Grande do Norte

O espaço em que se produz psicoterapia é marcado pela indefinição e estranheza do contato com o que aparece, desocultado pela relação entre o psicoterapeuta e o vivente. Ocorre em um tempo e lugar determinado, sob o nome de atendimento psicológico. Relacionar-se com os conteúdos emergentes durante o atendimento é mergulhar na linguagem que fala sobre a indeterminação daquele que deseja reconhecer-se em si mesmo, permitindo que ele se expresse de modo livre, original e artístico. Estar aberto ao que surge é fundamental para apreciar o atendimento como uma obra de arte. O presente trabalho tem por base a experiência como psicoterapeuta fenomenológico-existencial e objetiva tecer reflexões a partir de inquietações sobre como o ato clínico de atender é um descortinar dos sentidos como obra de arte, a partir do pensamento de Heidegger. Pensar o fazer clínico é não definir previamente o que será feito na relação, mas deixar que o estado de obra de arte apareça. Fundamentalmente, o estado de obra de arte diz de um expressar-se que se constitui no espaço não preenchível da linguagem, totalmente desestruturado, fluido; que só pode ser acessado pelo ato de criar, pela própria poiesis. O psicoterapeuta é convocado a relacionar-se de modo poético com a existência que aparece, colocando-se como um instrumento para que o vivente construa sua arte. Não há uma determinação pré-estabelecida dessa forma de fazer-se, mas sim, uma possibilidade constante de vir-a-ser, que passa a ser iluminada ao passo que vai sendo contatada. A psicoterapia será o espaço no qual a falta de estruturação é bem-vinda. No atendimento psicológico, se perceber com apreciador e apreciado, em obra de arte, é compreender a necessidade de utilizar-se do conhecimento com base na *téchne* para poder criar com o outro de modo artesanal. Enquanto esse entendimento marcar o atendimento psicológico as coisas se apresentam a mim e eu as darei a ver. Como psicoterapeuta, poder me pôr como abertura significa demorar-se ao que me chega ao encontro. Significa não ficar restrito a diagnósticos ou buscar nomear o fenômeno da existência nos seus diversos modos de apresentação. A consequência de se colocar enquanto abertura é poder conectar-se ao que se desvela, ainda que, aparentemente, se mostre como uma comunicação sem organização, sem ordem. A condição de sermos nós mesmos, no atendimento e fora dele, aproxima-se da condição de arte pela presença de estar-com-o-outro e permitir que ele seja.

Palavras-chave: Fenomenologia; Arte; Poesia; Linguagem; Psicoterapia.

ARTETERAPIA GESTÁLTICA E VALORIZAÇÃO DA VIDA: EM BUSCA DE SI MESMO

Francimeire França de Lima

Rexistir/Vincular

Deyseane Maria Araújo Lima

Rexistir/Vincular

A arteterapia é uma prática que utiliza a arte como ferramenta terapêutica. Com a arte é possível acessar diversas situações de conflitos que fazem parte da vida, facilita na busca do autoconhecimento e autoexpressão. Na Gestalt-Terapia o ser humano é visto como potencialmente saudável, já a doença é vista como um bloqueio de energia, com suas fragilidades. Dessa forma a pessoa fica contida, onde o gestalt-terapeuta compreende como formas de evitação do contato. O objetivo é caracterizar o uso da arteterapia como facilitador no processo criativo dos participantes do grupo na busca do equilíbrio emocional como ferramenta no processo de cuidado e de valorização da vida. O método de investigação é de abordagem qualitativa com enfoque na pesquisa do tipo bibliográfico. Através de um relato de experiência realizado a partir da facilitação do grupo, foi percebida nessa prática a arteterapia como forma de cuidado. As pessoas eram direcionadas ao grupo no Movimento de Saúde Mental e a partir da triagem junto ao CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) da Regional V em Fortaleza, dando prioridade aos que sofriam de depressão e ansiedade. Inicialmente, de forma presencial, o grupo teve a composição de 23 membros, homens e mulheres, com idades entre 19 a 58 anos. No período pandêmico, já de forma online, ficaram 14 participantes. O grupo tinha encontros semanais às terças-feiras, das 10h às 11h30min, tendo como facilitadora uma psicóloga. No grupo era utilizado a arteterapia como ferramenta de cuidado no processo terapêutico com os participantes que estavam em sofrimento psíquico. Esse processo facilita por meio da imagem que os participantes possam entrar em contato com seus sentimentos e emoções com a utilização da arte no contexto terapêutico, despertando o processo da criação. Na psicoterapia em grupo, o gestalt-terapeuta procura facilitar a participação e interação dos membros que podem se expressar de forma livre, descobrir e resolver suas dificuldades interpessoais e reconhecer-se em sua intersubjetividade, mantendo o trabalho em grupo na busca de objetivos compartilhados. Cada membro tem oportunidade de perceber e sentir o mundo e a si mesmo, com o olhar do outro, assim como também de se ouvir e ouvir o outro com a percepção do outro. Conclui-se que foi possível perceber que o uso da arteterapia é um fator que contribui e influencia no equilíbrio psicológico e reorganização dos pensamentos em prol da valorização da vida e da busca de si mesmo.

Palavras-chave: Arteterapia; Depressão; Cuidados; Equilíbrio emocional.

LOUCURA E ARTE: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA

Ana Izabel Oliveira Lima
Universidade Potiguar

Melina Séfora Souza Rebouças
Poiesis - Núcleo de Psicologia Fenomenológica

O presente trabalho pretende tematizar caminhos possíveis para o desenvolvimento de intervenções em saúde mental a partir da interseção entre loucura, arte e clínica. A partir da perspectiva fenomenológico-existencial, que compreende a loucura como um modo de existir, de estar-no-mundo, propomos o desenvolvimento ações de atenção à saúde mental para além da concepção de verdade sedimentada na clínica psicológica/psiquiátrica enquanto ciência. O referido modo de pensar baseia-se em códigos diagnósticos que classificam o sofrimento e os comportamentos humanos a partir de uma norma, desconsiderando a condição de indeterminação da existência. Nesse sentido tudo que é diferente e foge a essa norma é considerado doença/loucura. Que intervenções outras poderíamos oferecer que não aprisionassem ou reduzissem o homem a um diagnóstico? Que não o apartassem de uma vida coletiva? Mas que considerem o indivíduo em sua singularidade e historicidade? Nesse sentido, objetivamos apresentar o projeto de extensão universitária Poetas do Deck, que através da arte, propõe um caminho para estar junto a alguém em sofrimento buscando compreender seu modo de existir. Promovendo atividades artísticas no âmbito da clínica psicológica e como meio de interação entre universidade e comunidade externa, o projeto tem algumas ações, são elas: (1) grupo de reflexão, que ocorre semanalmente, utilizando produção artística como forma de expressão, seja pintura, poesia, cordel ou canto. Nesses encontros são apresentados (remotamente) as produções reflexivas de cada participante; (2) Uso da arte na psicoterapia. Os estagiários que fazem parte do projeto apresentam a arte como uma forma de caminho para comunicação com os clientes. Relacionar arte e clínica é vislumbrar possibilidades que abram caminho para a liberdade do existir. A arte aqui é apontada como uma dessas possibilidades de expressão e contemplação da existência diante do fenômeno da loucura. As reflexões heideggerianas sobre a arte seriam um oásis em meio à técnica, que nos ajudariam a sobreviver para além do que está constantemente instituído. Ou seja, o investimento na arte como intervenção é uma forma de nos aproximamos da loucura, do estranho, daquilo que o discurso racional não acessa. Inclinar-se com atenção em direção as pessoas em sofrimento abrindo espaço para a emergência da voz, do discurso, da expressão é uma forma de estimular a autonomia e protagonismo social, promovendo a possibilidade de habitar.

Palavras-chave: clínica fenomenológica; saúde mental; arte.

**ARTE NA GESTALT-TERAPIA COMO INSTRUMENTO PSICOTERAPÊUTICO EM PESSOAS
COM ESQUIZOFRENIA**

Francimeire França de Lima
Universidade Estácio de Sá
Érica Silina de Almeida Meneses
Universidade Estácio de Sá
Deyseane Maria Araújo Lima
Unichristus e Vincular

A arteterapia é uma técnica utilizada nos atendimentos terapêuticos e que tem variações de expressões artísticas, é um processo que expressa uma comunicação não verbal, por meio das artes plásticas e da dramatização. Na Gestalt-terapia trabalhamos com a arte de maneira mais profunda, não apenas percebendo as expressões, mas também as sensações e os sentimentos, pelas quais as pessoas poderão encontrar novas possibilidades buscando novas formas criativas. O artigo tem como objetivo investigar o manejo clínico das pessoas que têm esquizofrenia, utilizando a arteterapia gestáltica como forma de inserção dos mesmos no meio social, visando desencadear o ser humano em sua subjetividade e melhorar as relações interpessoais. O método de pesquisa é a abordagem qualitativa com enfoque na pesquisa bibliográfica, fazendo a leitura dos materiais já produzidos em relação ao tema para gerar um maior aprofundamento. A seguir, são analisados os pressupostos fundamentais que norteiam a arte nessa prática, assim como os aspectos conceituais e metodológicos em arteterapia gestáltica. A esquizofrenia na visão gestáltica, não é vista como uma patologia, como uma doença, pois ocorrem ajustamentos psicóticos, uma criação na fronteira de contato, na qual o sujeito tem dificuldades em se perceber, dessa forma ele não consegue o contato consigo mesmo, nem com o outro e com o mundo a sua volta. Com o uso da arteterapia, o gestalt-terapeuta facilita a expressão dessa realidade, onde o contato criativo ocorre nos pensamentos, nas sensações e emoções. Observa-se que a arte vem possibilitando ao sujeito uma vivência de suas dificuldades, de seus medos e angústias de um modo mais humanizado. Conclui-se sobre a importância da inclusão social, minimizando o adoecimento psicológico e proporcionando uma melhor qualidade de vida para as pessoas com esquizofrenia perpassadas pela arteterapia como forma de expressão das emoções e dos sentimentos e ainda poderá servir de base para outras pesquisas relacionadas ao tema.

Palavras-chave: Arteterapia; Esquizofrenia; Gestalt-terapia; Intervenção psicológica.

**PROCESSO DE ENLUTAMENTO NO CONTEXTO DA NOVA COVID-19: UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Sílvia Raquel Santos de Moraes
UNIVASF

Camilla Kelly Rodrigues dos Santos
UNIVASF

João Paulo Rodrigues Bezerra Tavares
UNIVASF

O objetivo dessa pesquisa foi analisar como o enlutamento de pessoas que perderam entes em decorrência da COVID-19 tem sido abordado por periódicos publicados no Brasil em 2020. Trata-se de um estudo teórico de caráter qualitativo no formato de revisão narrativa de literatura. Utilizou-se termos oriundos dos Descritores em Saúde, tendo como base de dados, a Biblioteca científica eletrônica online e a Biblioteca Virtual em Saúde. Ao todo, foram encontrados 58 artigos, e após exclusão dos trabalhos duplicados e aplicação dos critérios de inclusão, chegou-se ao total de oito estudos teóricos, sendo 4 deles oriundos da Enfermagem, 3 da Psicologia e 1 da Psicanálise. Os dados foram interpretados mediante três categorias temáticas: Rupturas provocadas pelo luto na vida social; Modos de elaboração/enfrentamento do luto e Possibilidades de Patologização do Luto na pandemia. O luto foi visto como evento complexo, solitário, e com pouco espaço para expressão de rituais fúnebres devido restrições sanitárias em vigor. O uso de tecnologias de informação e de comunicação foi visto como instrumento facilitador da comunicação/interação, podendo promover momentos de despedidas entre os envolvidos e acolhimento aos entes enlutados. A rede de apoio e o cultivo da espiritualidade foram mencionados como modos de elaboração/enfrentamento das perdas. As investigações atentam para uma possível epidemia de luto, apontando que aqueles que hoje estão enlutados poderão enfrentar, mais adiante, um processo de luto complicado. A interrupção ou a privação dos rituais de despedida, as altas taxas de óbitos, inclusive de membros da mesma família, a instabilidade e a insegurança geradas pela falta de medicamentos ou vacinas no Brasil foram vistos como agravantes para a elaboração do luto. Os efeitos da privação/limitação de rituais de despedida, embora ainda pouco conhecidos, podem afetar a saúde mental dos enlutados, haja vista que a vivência do luto em seu curso “esperado” contribui para organização da vida em sociedade. O pequeno número de artigos encontrados aponta para a complexidade do tema em questão. Assim, sugere-se a realização de novos estudos, incluindo pesquisas de campo e revisões sistemáticas de literatura em outras localidades, a fim de se contrastar modos de lidar/enfrentar o luto antes e depois da pandemia.

Palavras-chave: Terminalidade; luto; COVID-19.

SUICÍDIO E SERIDÓ POTIGUAR: UM ESTUDO DE INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICO- HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Elza Maria do Socorro Dutra
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Pensando o suicídio no território norte-rio-grandense, observamos altos índices no município de Caicó, Região Seridó do Estado. Tal região compõe o semiárido nordestino, região desgastada pela exploração dos recursos naturais e pela seca. Apesar de tais características, desponta um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado, evidenciando as lutas históricas da população por melhores condições de vida. O Seridó traz ainda em sua história e cultura características marcantes de religiosidade e lutas políticas. Este trabalho tem como objetivo compreender a experiência da tentativa de suicídio na região do Seridó potiguar. Tal estudo configura-se como uma pesquisa fenomenológico-hermenêutica, inspirada na ontologia heideggeriana. Foram entrevistados cinco sobreviventes da tentativa de suicídio, residentes no município de Caicó-RN. A análise do material compreendeu as narrativas dos colaboradores e as afetações da pesquisadora, por meio da interpretação fenomenológico-hermenêutica. Os resultados do estudo apresentaram os sentidos da experiência de desistir de viver em meio ao semiárido nordestino. Percebemos a presença da historicidade construindo sentidos para as pessoas que residem na região do Seridó potiguar. As interpretações das narrativas apresentaram relatos de sentimentos de falta de sentido, medo de julgamentos sociais, conflitos amorosos, culpa e tristeza, dentre outros. Observamos nas narrativas que o suicídio ainda é um tema atravessado de muitos preconceitos sociais e que causam ainda mais sofrimento a quem sobrevive a uma tentativa. Por ser um tema tabu, as pessoas que pensam em cometer o ato encontram dificuldades em se expor, guardando para si a sua dor. Os relatos revelaram a influência de alguns aspectos sociais e culturais seridoenses nos modos de vivenciar o fenômeno do suicídio, aspectos esses que são fruto da história, crenças e tradições da região. Nas falas dos colaboradores deparamo-nos com o fenômeno do suicídio atravessado pela cultura do território seridoense: tradicionalismo, falta de abertura para as mudanças, terra marcada pela religiosidade, falta de espaços de escuta e de abertura para o sofrimento. Algumas vezes tais características apareceram como limites para novas possibilidades de ser, outras vezes como sentidos de vida. Esperamos que a aproximação existencial da condição ontológica vivida por essas pessoas, quando de suas tentativas suicidas, contribua com um novo olhar sobre o fenômeno do suicídio.

Palavras-chave: Tentativa de suicídio; Fenomenologia Hermenêutica Heideggeriana; Seridó Norte-Rio-Grandense.

ADOÇÃO E SUAS REVERBERAÇÕES: FAMÍLIA QUE SE FORMA ENTRE LAÇOS DO AMOR

Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Faculdade Católica do RN
Catarina Leonila Costa Amorim
Faculdade Católica do RN
Ianna Angel Gonçalves Fernandes
Faculdade Católica do RN

Adoção pode ser compreendida como um processo de acolher, afetiva e legalmente, uma criança e/ou adolescente em uma família substituta. Ressalta-se que todo o processo da adoção, desde a espera do filho até sua chegada, tanto por parte da família, quanto do adotando é envolto de medos, expectativas, de frustrações, alegrias e dúvidas. Sendo necessário que os candidatos e os adotados elaborem as diversas fantasias, crenças, valores e desejos que permeiam este tipo de parentalidade, para que o processo de adaptação e acolhimento deste novo membro seja mais tranquilo. Essas vivências podem gerar dúvidas tanto nos adotantes quanto nos adotados, os quais precisam muitas vezes de cuidado e orientações, inclusive do campo psicológico, para que o processo possa fluir. Foi nesse sentido que o grupo “Laços do Amor” situado na cidade de Mossoró/RN foi criado, justamente com a proposta de oferecer um espaço acolhedor de cuidado e expressão para as crianças e adolescentes adotados, assim como, um consequente espaço de cuidado e orientação para as famílias adotivas, para que juntos possam construir um processo de vinculação familiar mais harmonioso e saudável. O grupo é constituído de uma coordenadora, e 14 extensionistas do curso de psicologia da Faculdade Católica do RN, que juntos desenvolvem atividades de grupo com crianças e adolescentes, atendimentos psicológicos individualizados, capacitações de profissionais de instituições de acolhimento, capacitações em geral e palestras/rodas de conversas sobre o tema da adoção. Compreendendo que, como traz o filósofo Heidegger, o Dasein é “com os outros”, mesmo quando não há outras pessoas por perto, esse projeto visa auxiliar as crianças/adolescentes estar com esses outros, no caso com essas novas famílias ou com as pessoas da instituição de acolhimento, encontrando a melhor forma de estar no mundo nesse contexto que muitas vezes lhe é imposto. No tocante aos atendimentos clínicos realizados com esses sujeitos, há uma valorização do encontro no aqui-agora, onde o outro comparece com sua alteridade própria, afetando e sendo afetado, buscando abrir um espaço para que eles se conquistem em sua alteridade. Por fim, percebe-se por meio do retorno das pessoas acompanhadas e da avaliação dos próprios condutores do processo, que o projeto vem alcançando seu objetivo de ser um facilitador da vivência de famílias, crianças e adolescentes no tocante ao processo de adoção.

Palavras-chave: Adoção; Acolhimento; Projeto de Extensão; Heidegger.

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE: PROJETO DE
EXTENSÃO PROLVIDA**

Vitória dos Anjos Noletto Moura
Universidade Potiguar
Ana Izabel Oliveira Lima
Universidade Potiguar

Este trabalho apresenta os elementos que constituem a estrutura do relato de experiência no projeto de extensão ProlVida - Grupo de Cuidado em Saúde Mental, ofertado pela escola da saúde, do curso de Psicologia na Universidade Potiguar, localizada em Natal/RN campus Roberto Freire, com intuito de promover espaços de diálogos entre alunos e a comunidade sobre saúde mental, automutilação e suicídio, ofertando promoção, prevenção e proteção ao cuidado a saúde mental. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2019), o suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, perdendo apenas para acidentes de trânsito. Com índices crescentes do suicídio nos últimos anos, se fez necessário possibilitar espaços de falas e formação de (futuros) profissionais de diversas áreas como Psicologia, Medicina, Direito, Enfermagem, Farmácia, Serviço Social, Odontologia, Biologia e entre outros cursos para poderem lidar de uma forma mais preparada com essas demandas, assim como a comunidade externa. Este projeto de extensão acaba sendo um convite para refletir sobre saúde mental e suas formas de afetação no cotidiano, diante da pandemia de COVID-19 foi reformulado sua atuação com o Grupo de Reflexão Finitudes e o ProlSeguir com eventos sobre saúde mental, bem como a oferta de acolhimento, plantão psicológico e psicoterapia de forma presencial e on-line. Tem como base teórica a psicologia fenomenológica-existencial, mas também permite a comunicação entre convidados de diferentes abordagens para relatar suas visões sobre o mesmo fenômeno com outras perspectivas. Com surgimento do ProlVida, foi possível oferecer palestras, oficinas, workshops, minicursos, eventos, capacitações e grupo de reflexões, até mesmo dentro dos serviços-escolas da universidade, Serviço Integrado de Psicologia (SIP) e Centro Integrado em Saúde (CIS). Portanto, tive vivências em diversas perspectivas, tanto como ouvinte, em meados de 2018 e 2020, quanto por ser estagiária dessa extensão universitária no ano atual, atuando em conjunto como os estagiários e extensionistas para ofertar o cuidado e espaço para abertura do ser-aí.

Palavras-chave: prolvida; saúde mental; extensão.

**SARTRE SERVIDO À PLATEIA: TEATRO DE SITUAÇÕES NA DITADURA CIVIL-MILITAR
BRASILEIRA (1964-1969)**

Rodolfo Rodrigues de Souza
Centro Universitário Celso Lisboa

Escritor múltiplo, Jean-Paul Sartre apontou seu texto para diversas formas e gêneros literários. Uma das expressões mais relevantes de sua produção foi o teatro, arte que considerava potente para colocar a plateia diante de situações-limite. Estas, sendo reveladoras da condição humana como liberdade que se constitui por seus atos no mundo, trazem consigo sempre a possibilidade de um contato com aquilo que chamava de autenticidade ou, nos escritos de Simone de Beauvoir, sua companheira de pensamento e de vida, o homem autenticamente livre. Esta comunicação de estudo teórico parte dos resultados da pesquisa empreendida no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS/UERJ) e apresenta, dentre outros temas, como este teatro de Sartre chegou ao Brasil durante um período específico de nossa história (1955-1969). Tal pesquisa se deu por meio do levantamento de matérias presentes no jornal O Globo, fio condutor do olhar lançado para a recepção das ideias de Sartre no período, que mencionavam o filósofo francês ou os termos existencialismo e existencialista. Dentro deste recorte cronológico mais amplo, escolhi aqui me aprofundar nas reflexões sobre a recepção durante a Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985). Marcado pela censura e perseguição política, o regime ditatorial impôs restrições ao fazer artístico e, principalmente, às reflexões afinadas com as chamadas esquerdas políticas. Ainda assim, mesmo que desde 1945 Sartre tenha sido recebido no país como um pensador “comunista”, isso não impediu a encenação de espetáculos de sua autoria durante o período ditatorial. Os achados da pesquisa apontam para uma circulação de seus textos teatrais em encenações sobretudo realizadas em festivais amadores em cidades do interior ou em estados fora do Eixo Rio-São Paulo. Nesse sentido, a comunicação dá luz a uma circulação das peças de Sartre ainda não tematizadas por pesquisas anteriores, sobremaneira centradas nos grandes grupos teatrais – Oficina, Teatro de Arena, Teatro Brasileiro de Comédia etc. – e neste referido eixo, permitindo perceber uma maior capilarização das propostas do pensador francês no território brasileiro.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre; Teatro; Ditadura Civil-Militar brasileira; Existencialismo; Recepção.

FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE: UMA INTERPRETAÇÃO CRÍTICA A PARTIR DO PENSAMENTO DE SARTRE

Geise Campêlo Ferreira
UMESP

Cleber Baleeiro
UMESP

O fundamentalismo é um dos grandes desafios para os estudos de religião na atualidade. Tal desafio se dá especialmente por não se restringir a um grupo religioso específico, mas a um modo de se relacionar com a modernidade utilizando como fundamentação para suas práticas e discursos as tradições dos diferentes grupos religiosos. Diferentemente do que muitos pensam, o fundamentalismo não é puramente um movimento de radicalização religiosa que apareceria de forma recorrente na história ocidental, mas sim, um fenômeno reativo ao surgimento e consolidação das características da modernidade. Este trabalho é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Religião, onde objetivou-se fazer uma leitura crítica do fundamentalismo protestante, utilizando para isso o pensamento existencial do filósofo Jean-Paul Sartre. Para tanto, apresentamos uma caracterização do fundamentalismo protestante, seu surgimento e sua relação com a modernidade; depois procuramos compreender o fenômeno a partir de importantes conceitos do pensamento de Sartre, a saber: liberdade, angústia, projeto existencial e má-fé, tendo como base suas obras *O existencialismo é um humanismo* e *O ser e o nada*. A partir de tal articulação compreendeu-se que tanto os estudiosos da Modernidade quanto Sartre observam a presença de uma angústia característica do homem moderno, que lançado em um contexto onde os antigos absolutismos se mostram dissolvidos, muitas vezes vê neste movimento religioso reativo respostas à essa angústia. Não obstante todas as violências presentes em tal contexto, parece sobressair para os fiéis o apelo de um suposto retorno à um estado de segurança existencial e a promessa de dissolução da angústia de construir o próprio projeto. Considera-se o fundamentalismo protestante como uma possível atitude de má-fé diante da liberdade, onde há um enrijecimento da dimensão em-si e pouco estímulo à vivência da dimensão para-si. Sem orientações de como escolher e como constituir-se no mundo, muitas pessoas podem encontrar um modo-de-ser já delimitado, aprovado por um grande número de pares e considerado por muitos como um projeto existencial que carrega a chave da felicidade não só terrena mas também eterna. Conclui-se sobre a urgente necessidade de promover mais debates a respeito do Fundamentalismo por um viés da Filosofia Existencial a fim de promovermos outras reflexões sobre formas mais autênticas de manejo da angústia diante dos desafios da Modernidade.

Palavras-chave: Fundamentalismo; Sartre; Religião; Existencialismo; Modernidade.

MÁ-FÉ E INCONSCIENTE: SARTRE CONTRA FREUD

Alexandre Victor Romero
UNESP - Marília

O presente trabalho pretende investigar e apresentar a obra de Jean-Paul Sartre, mais exatamente a noção de "má-fé", assimilando-a como uma crítica frontal à psicanálise freudiana. Assim, ao contextualizar a recepção sartriana da psicanálise, o intuito é o de demonstrar que a teoria da má-fé, exposta por Sartre na primeira parte de *O Ser e o Nada*, pode ser explorada como uma rejeição radical da ideia de inconsciente, na medida em que ocupa seu lugar. Ao pensar a consciência como "puro ato", desde seus trabalhos em psicologia fenomenológica, Sartre já indicava que sua leitura da hipótese freudiana do inconsciente não seria animadora para a psicanálise, pois o inconsciente compromete a espontaneidade da consciência, concepção à qual Sartre se vinculava desde seus trabalhos de juventude, como *A Transcendência do Ego*. Além disso, sua concepção radical da liberdade também encontra na psicanálise um adversário explícito, uma vez que o sujeito freudiano é determinado por pulsões e complexos sobre os quais não tem domínio. Enfim, é contra uma concepção passiva da subjetividade, flagrantemente presente na obra de Freud, na psicologia empírica de modo geral e em algumas filosofias, que Sartre apresenta sua tese da consciência como "espontaneidade impessoal" e "translucidez". Como se sabe, essa nova concepção do sujeito, lentamente tecida em *A Transcendência do Ego* e *O Ser e o Nada*, bem como a oposição à teoria freudiana, irão desembocar na "Psicanálise Existencial", esboçada por Sartre na última parte da obra. Assim, nosso objetivo neste trabalho é o de indicar que a crítica da metapsicologia freudiana culminará na Psicanálise-Existencial, tendo nestes diálogos e críticas, a formação desta vertente filosófica e psicológica. Através deste prisma, poder-se-ia desvelar as nuances que acompanham o enfoque de uma psicologia embasada nestas ponderações, vindo a pensar na psicologia contemporânea sartriana também como uma resposta a psicanálise freudiana, em especial, como uma recusa ao posicionamento acerca do inconsciente.

Palavras-chave: Sartre; Freud; Má-fé; Inconsciente; Psicanálise-Existencial.

SIMONE DE BEAUVOIR: ESPANTO E LIBERDADE EM UM MUNDO NA MÁ FÉ

Luciana Fernandes de Medeiros
Facisa/UFRN

Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa e escritora francesa, conhecida por obras como “O segundo sexo”, “A velhice”, entre outros, tem sido mal interpretada e mal afamada ao longo desses anos, sobretudo em função de um projeto conservador que tem ganhado força no Brasil. É possível conhecer melhor seu contexto de vida e suas reflexões a partir de seus textos autobiográficos (“Memórias de uma moça bem comportada”, “A força das coisas” e “A força da idade”). O objetivo desse ensaio é tecer considerações sobre a obra autobiográfica de Simone de Beauvoir, numa perspectiva fenomenológica existencial, apontando para a compreensão de uma época, sob seu ponto de vista, e identificando *modus de descrição* fenomenológica através do desvelamento de suas experiências, contradições, reflexões e espanto com o mundo. Assim, nos escritos autobiográficos de Beauvoir, encontra-se o gosto pela vida, bem como o movimento em experimentar os sabores e as cores do mundo. Ela busca também, sempre em um exercício crítico-reflexivo, compreender os acontecimentos sociais e políticos de seu tempo, desde os sentimentos evocados pela ocupação alemã durante a II Guerra Mundial, até a tristeza com sua pátria diante da guerra com a Argélia, nos anos 1955-1960. A coragem em assumir uma existência fora dos padrões de uma época, sobretudo em suas relações afetivas, em fazer aquilo que tinha sentido e não se submeter aos padrões exigidos para uma mulher branca de sua cultura, são as marcas dos seus escritos. O contexto social e histórico vivenciado por Beauvoir pode ser considerado como envolto em má fé, no sentido de não enxergar a existência como única e singular, bem como em estabelecer padrões de comportamento, sobretudo para as mulheres. Foi um período com muitos eventos dolorosos em função de um sistema que se desenvolvia ao longo do século XX, mais voltado para o poder, o consumo e a dominação. Na atualidade, as ideias de Beauvoir têm sido mal interpretadas justamente em função de um ideário de extrema-direita, que tem contribuído fortemente para um retrocesso em todas as conquistas nos últimos anos, sobretudo no que concerne às questões de gênero.

Palavras-chave: Simone de Beauvoir; Autobiografia; Fenomenologia-existencial.

PANDEMIA E ABERTURA DO SER: REFLEXÕES SOBRE O SER-PARA-MORTE E O SUICÍDIO

Vitória dos Anjos Noletto Moura
Universidade Potiguar
Ana Izabel Oliveira Lima
Universidade Potiguar

O ser-para-morte refere-se sobre lidar com as inúmeras possibilidades do modo de ser dentro da própria finitude. Sendo assim, a morte é algo dada a sua existência, já que somos seres finitos. Visto que a ideação suicida e as tentativas de suicídio aumentaram no período de pandemia da COVID-19, a morte tem se tornado cada vez mais próxima para o ser humano, devido ao sofrimento e estar vulnerável ao vírus, tendo que lidar constantemente com a possibilidade e reflexão sobre a morte. A existência do ser-no-mundo neste período está entrando em crise por conviver com a incerteza, logo a finitude deixa interrogações que abrem as possibilidades para o desconhecido. Deste modo, esta pesquisa objetiva refletir, a partir da perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial heideggeriana, sobre a relação entre a pandemia da COVID-19 e a finitude. Para isso, o método escolhido para essa pesquisa foi de cunho qualitativo e teórico, possuindo base narrativa para seu desenvolvimento, ao buscar a reflexão sobre a temática. O suicídio sendo um fenômeno de saúde pública, reflete em índices mundiais crescentes a cada ano que afeta diferentes classes sociais, raças, culturas, faixas etárias, gênero e sexualidades, por ser uma questão multifatorial, podendo ser resultado um sofrimento gerado pela interação com um mundo, da sua existência enquanto ser-no-mundo. Em 2018, a Organização Mundial da Saúde apontou que um dos fatores de risco para o suicídio é o isolamento social, no contexto atual foi sugerido a população mundial estar em isolamento como protocolo de saúde pública. Visto que a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) no mês de setembro de 2020 alertou que a pandemia de COVID-19 aumenta os riscos de suicídio, afetando a saúde mental de muitas pessoas por diversos motivos: seja pelo isolamento, rompimento brusco de atividades cotidianas e limitações nas relações sociais. Levando em consideração todos os fatores da vivência do ser-para-morte, buscamos a reflexão sobre essa proximidade com a possibilidade da morte deste ser-finito no período de pandemia de COVID-19 ao lidar com o desconhecido e o incerto na sua existência.

Palavras-chave: suicídio; fenomenologia-existencial; covid-19.

RITUAIS FÚNEBRES, A ELABORAÇÃO DO LUTO E A PANDEMIA

Maria Eduarda Araújo Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Thainá Souza Cruz Belmiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Nas sociedades humanas, rituais surgem como pontes capazes de facilitar as transições da vida, conferindo sentido às mudanças inerentes ao existir. Rituais fúnebres, desse modo, apresentam forte caráter simbólico para a elaboração da perda de um ente querido. No contexto da pandemia da COVID-19, a vivência desses rituais tem sido limitada devido à necessidade de reduzir riscos de infecção, afetando diretamente o sofrimento dos enlutados. Nesse sentido, o presente trabalho buscou compreender o papel dos rituais fúnebres na elaboração do luto, bem como a singularidade desses fenômenos no contexto pandêmico. A vivência de uma perda significativa implica transformações que podem significar intenso sofrimento existencial, uma vez que a ausência do “outro” suscita novos modos de ser-no-mundo para aquele que a sofreu. Assim, os rituais de luto surgem como possibilidades de significar o morrer, gerando espaços de fundamental importância para expressão da dor frente à morte e, simultaneamente, para a continuidade da vida, que é colocada em perspectiva diante da evocação da própria finitude do ser-para-a-morte. Essa dualidade característica dos rituais fúnebres surge de um momento de forte conexão interpessoal, base para a vivência do apoio mútuo, da livre expressão das emoções e do suporte do grupo familiar e de amigos, criando um ambiente de segurança. Na atualidade, a autenticidade desses rituais se revela ameaçada pela interdição da morte, banalizada e oculta quanto aos seus significados mais profundos, uma vez que é, por essência, a negação da lógica de produtividade dominante. Tais atributos reverberam em rituais de luto rígidos, automatizados e esvaziados de sentido, pois evitam a manifestação da angústia. Na pandemia, esse cenário se mostra agravado, uma vez que, para evitar a contaminação, caixões são lacrados e velórios e enterros estão proibidos ou realizados com restrições. A impossibilidade de visualização do corpo dificulta a concretude da perda, assim como a ausência do apoio emocional e do conteúdo simbólico inerente aos rituais fúnebres. A realização de rituais virtuais e o amplo uso da tecnologia têm sido alternativas exploradas nessa situação particular. Nesse sentido, compreende-se a importância dos rituais fúnebres para a elaboração do luto e a necessidade da busca por estratégias que amenizem o sofrimento decorrente da ausência desses rituais em um duro contexto de perdas em massa.

Palavras-chave: Rituais fúnebres; Luto; Pandemia.

A SINGULARIDADE EM (RE)SIGNIFICAR PERDAS: VIVÊNCIA DO LUTO DURANTE A INFÂNCIA

Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Faculdade Católica do RN

Catarina Leonila Costa Amorim
Faculdade Católica do RN

Ianna Angel Gonçalves Fernandes
Faculdade Católica do RN

Questões de lutos e perdas sempre foram vivenciadas de acordo com expressões específicas em cada época e cultura. Todas as relações significativas estão sujeitas ao luto. Somos parte uns dos outros e nosso sentido existencial está atrelado ao sentido do que somos a alguém e do que podemos ser na relação com alguém. Contudo, percebe-se que na cultura ocidental há uma evitação da angústia e uma busca pela neutralização do desconforto e da dor psíquica, havendo assim um afastamento de situações e temáticas que evoquem a questão da perda. Nesse contexto, quando se trata de falar sobre esse tema com crianças a dificuldade é ainda maior, é socialmente comum os argumentos de que elas não entendem o que está acontecendo, causando assim, a retirada da criança de cena. Mas, a criança vivencia o luto, contudo o elabora de uma forma diferente. A forma como ela vive o luto e o representa internamente varia de acordo com idade, personalidade, desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento social. O momento atual de pandemia tem nos colocado a reflexão de que não tem como e nem se deve mais tentar “proteger” e/ou impedir as crianças de entrar em contato com o luto, como se as mesmas não fossem capazes de assimilar tudo aquilo que o mesmo pode vir acarretar. A respeito dessa temática o filósofo Heidegger já trazia reflexões pertinentes, pois para ele o Dasein é sempre posto diante de possibilidades ainda não realizadas. Todavia, há para o Dasein uma possibilidade final, a qual faz cessar todas as outras possibilidades, que é a morte. Mas a morte não é simplesmente nem mesmo primordialmente algo que acontece ao final da vida da pessoa. A consciência que o Dasein tem de que vai morrer, pode perpassar toda sua vida, assim como suas escolhas. Pois, uma vida sem a perspectiva da morte seria uma vida de perpétuo adiantamento. Compreende-se que falar com a criança sobre a morte de forma clara e natural apesar de desafiador, permite a ela lidar com os medos que podem surgir pelo desconhecido, tendo a possibilidade de elucidar algumas dúvidas e mitos que lhe são transmitidos, sendo ainda mais necessário no contexto atual de pandemia vivenciado mundialmente, em que esse tema invade a vida repentinamente, das mais diversas formas, sem nos pedir licença, sem aviso prévio, sem controle, pedindo-nos ajustamentos diversos no nosso modo de viver.

Palavras-chave: Perdas; Luto; Infância; Heidegger.

SAÚDE NA GESTALT-TERAPIA EM "SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA NOITE"

Deyseane Maria Araújo Lima
Unichristus

Este trabalho tem o intuito de realizar uma investigação teórica sobre o conceito de saúde e de adoecimento na Gestalt-terapia, em que usaremos exemplos do filme “Sete minutos depois da meia noite”, para aprofundar e clarificar o estudo a partir das vivências terapêuticas de cuidado. O método do artigo é de pesquisa qualitativa com enfoque na pesquisa bibliográfica. Ocorreu então o diálogo entre o filme e os materiais teóricos coletados, em que o filme é relevante para apresentar exemplos e ser material ilustrativo das concepções apresentadas, configurando-se como uma totalidade descritiva, afetiva e significativa da experiência do protagonista da produção. O filme “Sete Minutos depois da meia noite” foi baseado no romance de Patrick Ness e representa o gênero drama e fantasia. Retrata a história de Conor, que é um jovem de 12 anos, que vivencia o adoecimento de sua mãe, que sofre com um câncer em estágio terminal. Na Gestalt-terapia, a noção de saúde e de adoecimento constitui-se de maneira relacional e contextualizada, compreendendo assim o ser humano de forma total em interface com o seu meio, que implica em reconhecer-se como ser biológico, social, emocional, ambiental e espiritual. O adoecimento e o luto podem ser ressignificados por meio de estratégias terapêuticas, como o trabalho com sonhos, que permitem revivenciar situações inacabadas no momento. Na relação terapêutica, manifesta-se o cuidado entre terapeuta e cliente como forma de potencializar os fatores de saúde e ressignificar os processos de adoecimento, a partir de um contato que promova satisfação de necessidades, congruência com os seus sentimentos e possibilidades de escolhas responsáveis. No filme, percebemos que Conor realiza reflexões a partir de sua fantasia sobre momentos da existência, promovendo estratégias de ressignificação de situações dolorosas, como por exemplo, o adoecimento da sua mãe, a vivência do luto e a relação com a sua avó. Percebemos que a possibilidade de transformação surge do entendimento do cliente a partir das vivências em uma relação terapêutica de cuidado e de encontro, em que ele pode ser quem se é, sem julgamentos. O gestalt-terapeuta promove o cuidado com o outro, baseado em uma relação terapêutica acolhedora, respeitosa e ética. A Gestalt-terapia preconiza relações éticas que se expressa no compromisso social com a sociedade, que percebe seus direitos e seus deveres (responsabilidade) consigo e com a coletividade.

Palavras-chave: Saúde; Adoecimento; Gestalt-terapia; Cuidado; Psicoterapia.

A PANDEMIA DE COVID-19 E A SITUAÇÃO DAS MULHERES: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Aneliana da Silva Prado
Universidade Federal do Paraná
Camila de Barros Dutra
Universidade Federal do Paraná

Os impactos da pandemia da Covid-19 têm afetado diferentemente homens e mulheres, atingindo as últimas sobremaneira. O cuidado com crianças, idosos e pessoas doentes passaram a ser ainda mais atribuídos às mulheres, sendo elas as mais impactadas pelo trabalho doméstico não remunerado. Elas também estão em maior número na linha de frente do enfrentamento da pandemia, sendo mais propensas à contaminação. A partir da fenomenologia crítica, que compreende que as estruturas sociais organizam como experienciamos o mundo, objetiva-se refletir sobre o aumento das condições de desigualdade de gênero ao longo da pandemia e suas implicações na limitação das possibilidades existenciais da mulher como ser-no-mundo. Para tanto, utilizaremos a perspectiva interseccional que indica que ao falarmos sobre mulheres estamos tratando de um grupo multifacetado e heterogêneo em termos de raça, classe e gênero. Simone de Beauvoir fala sobre a situação da mulher, compreendendo que a existência é marcada pela individualidade transcendental, mas também pela facticidade. Nesse momento pandêmico, a mulher está sobrecarregada do trabalho relacionado ao cuidado, pois tradicionalmente tem sido associada a "ser essencialmente" cuidadora e em uma crise sanitária, econômica e política observa-se uma intensificação dessa situação. Ademais, a feminização da pobreza também se intensifica nesses contextos, o que afeta o acesso ao direito à moradia, alimentação, atendimento médico, ao planejamento familiar, e também dificulta o acesso aos canais de atendimento em caso de violência - apesar de ser um problema precedente à pandemia, a violência contra a mulher aumentou nesse período. Esse cenário desnuda a desigualdade de gênero e limita as possibilidades e projetos existenciais da mulher. Diante disso, discutir as implicações da pandemia da Covid-19 para as mulheres considerando o entrelaçamento sujeito-mundo convida à realização de políticas públicas que considerem as diferenças de gênero, raça e classe.

Palavras-chave: COVID-19; Mulheres; Situação; Fenomenologia Crítica.

PSICODIAGNÓSTICO NO EXTREMO SUL DA BAHIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Maira Prieto Bento Dourado
UFSB

O presente trabalho consiste na explicitação do percurso metodológico da primeira etapa da pesquisa de doutorado que visa questionar as práticas em psicodiagnóstico com crianças residentes de uma região periférica no extremo sul da Bahia, para além daquilo que a psicologia do desenvolvimento de viés cognitivo e etapista postula. O fio condutor do trabalho é a fenomenologia hermenêutica de Heidegger, fundamentado no método fenomenológico-hermenêutico. Os testes e técnicas de avaliação psicológicas foram criados e validados em uma realidade distinta daquelas nas quais são aplicadas, desse modo se questiona a insuficiência dos testes ao serem aplicados em crianças de modo universal. Temos como hipótese que, ao aplicar testes e técnicas em uma perspectiva generalizante, corremos o risco de recair em um grande equívoco: silenciar e invisibilizar os modos de ser da criança em sua existência. A primeira etapa visa a reconstrução das práticas psicológicas de avaliação e sua possível relação com psicologia do desenvolvimento infantil de Piaget e de seus desdobramentos. Para isso se realizou uma revisão de literatura integrativa de publicações brasileiras dos últimos 5 anos, com os descritores psicodiagnósticos e avaliação psicológica, em inglês e português, nas plataformas Google Scholar, Scielo e CAPES. Foram excluídas pesquisas sobre validação de testes e pesquisas exclusivamente quantitativas. Os resultados da análise de 23 publicações foram divididos em 4 grupos: a) História dos testes psicológicos e da psicologia do desenvolvimento; b) Demandas das solicitações de psicodiagnóstico; c) Ensino e formação de avaliações psicológicas e psicodiagnóstico; d) Situação de psicodiagnóstico e suas fundamentações. Concluímos que o grande número de encaminhamentos descritos nos artigos, está ligado à valorização do desenvolvimento infantil a partir da cognição e encontra eco no processo de ensino e formação do psicólogo. Consideramos que colocar a inteligência como um critério padrão do desenvolvimento humano evidencia a negligência à complexa e multifacetada perspectiva da vida humana.

Palavras-chave: psicodiagnóstico; fenomenologia; criança; periferia; Revisão integrativa de literatura.

INFLUÊNCIAS DA FENOMENOLOGIA E DO EXISTENCIALISMO NO PENSAMENTO DE FRANCO BASAGLIA

Daniela Dantas Lima

Pontifícia Universidade Católica da Campinas – PUCCAMP

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica da Campinas – PUCCAMP

A perspectiva de cuidado e intervenção do psiquiatra italiano Franco Basaglia se tornou um marco na história da saúde mental do ocidente e serviu como fundamentação teórico-metodológica para o Brasil. A chamada psiquiatria democrática italiana afirmava a importância da criação de serviços totalmente substitutivos ao hospital psiquiátrico, assinalando a premência da eliminação dos muros do manicômio e da estrutura hierárquico-autoritária de cuidado que sustentava essa instituição na sociedade. Também foram postos em questão os aparatos científicos, legislativos e administrativos, assim como o que disso estava entranhado na cultura e definia relações de poder em relação à doença e, conseqüentemente, às pessoas em sofrimento, fomentando uma verdadeira revolução social e política. Dentre tantas influências que compuseram a visão crítica de Basaglia estavam a fenomenologia e o existencialismo que, apesar de declaradas, não costumam ser reconhecidas. Com base na obra do próprio Basaglia e em registros de outros autores, o presente trabalho pretende estimular reflexões em relação ao que se conhece sobre tal influência. Ratifica-se então que o ativista valorizava a psiquiatria inovadora de Binswanger e Minkowski, assim como era influenciado pela fenomenologia crítica de Husserl e Heidegger. Tinha ainda uma relação próxima com Sartre, quem considerava seu mestre. Acredita-se que a compreensão da psicopatologia pelas lentes fenomenológico-existenciais está relacionada às suas críticas sobre a limitação da psiquiatria para a função de tutora da saúde mental e à constatação da necessidade de uma consideração mais ampla e complexa do que é ser humano. Do mesmo modo, esse vínculo se torna evidente na ação revolucionária de pôr a “doença mental” e a classificação nosográfica entre parênteses. Assim, pode se dizer que a atitude de consideração da individualidade e conseqüente respeito à vivência da alteridade, premissas eminentemente fenomenológico-existenciais, seria o ponto de partida para a estruturação dos serviços de saúde mental italianos a partir dali, assumindo um compromisso prático, civil e político.

Palavras-chave: saúde mental; reforma psiquiátrica; Basaglia; Franco; fenomenologia; existencialismo.

**DE PESSOA PARA PESSOA: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS QUE FAVORECEM O
TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA**

Gabriela Abreu Veloso Isidoro

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG)

Raquel Cassimiro dos Santos

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG)

Guilherme Wykrota Tostes

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG)

O presente trabalho visa compreender o que a literatura científica de língua portuguesa tem publicado, entre 2015 e 2020, sobre aspectos psicossociais no tratamento da esquizofrenia no cenário brasileiro. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática metassintética de artigos publicados em periódicos revisados por pares, dos quais foram selecionados nove estudos, analisados a partir dos seguintes eixos: (1) de pessoa para pessoa: um enfoque centrado no paciente: marca a importância de conferir à pessoa em sofrimento uma participação ativa nas decisões referentes ao seu tratamento; (2) o encontro com a diferença e os limites da empatia: sinaliza dificuldades quanto à compreensão empática das vivências psicóticas por serem inalcançáveis àqueles que não as experienciam; (3) a relação paciente-família: destaca os benefícios e malefícios do vínculo entre o paciente e seus familiares/cuidadores para o tratamento; (4) reinserção social: explora as contribuições de oficinas terapêuticas e de práticas voltadas para a reabilitação do paciente e inserção no ambiente laboral; (5) recovery: propõe novas e promissoras perspectivas tangentes aos cuidados em saúde mental quanto à assistência das pessoas esquizofrênicas. A partir dos achados reunidos, foi evidenciada a existência de uma uniformidade quanto ao conteúdo da literatura investigada acerca da importância de se pautar os cuidados em saúde mental na centralidade da pessoa em sofrimento, distanciando-se, assim, da impessoalidade de um tratamento restrito a uma busca apriorística pela remissão sintomática dos quadros psicopatológicos. Tais resultados vão ao encontro dos aportes de estudos realizados por Carl Rogers na Universidade de Wisconsin, bem como da crença, sustentada pelo recovery, na capacidade das pessoas com sofrimentos psíquicos severos de apropriação de suas experiências singulares. Posto isso, encoraja-se a produção de mais estudos científicos por parte da Psicologia, de maneira a despertar uma maior sensibilidade nos profissionais de saúde quanto aos cuidados em saúde mental.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Aspectos psicossociais; Recovery.

**SER-CRIANÇA COM TDAH NA CONTEMPORANEIDADE: COMPREENSÕES NA
FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA-HEIDEGGERIANA**

Débora C G de A Vale
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Ana Karina Silva Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) surgiu na literatura médica na primeira metade do século XX, e a partir de então, sua sintomatologia foi nomeada e renomeada várias vezes. Vários fatores históricos e culturais influenciaram no diagnóstico do transtorno e suas comorbidades. As décadas entre 1960-1980 marcaram parte das produções nas teorias humanistas, as quais preconizavam a Liberdade Experiencial como estado interno de reconhecimento das próprias experiências e sentimentos, o que fez com que comportamentos como: retraimento, temores, solidão e agitação motora em crianças pudessem ser compreendidos como manifestações de sofrimento infantil. Em paralelo, no entanto, acontecia o advento da distribuição de anfetaminas e dos estudos neurológicos acerca do transtorno. Estas crianças passaram, então, a ser medicalizadas, tendo sido este o caminho adotado para acolhê-las. Pensamos se esse pensamento naturalizante não seria um caminho para um enquadramento das esferas do existir, instituindo-se aquilo que é saudável e normal. Sendo assim, a partir da ontologia heideggeriana, tentaremos refletir se categorizar crianças apenas por critérios diagnósticos de TDAH seria suficiente para compreender suas existências. Para a fenomenologia hermenêutica de Heidegger, ser-no-mundo é uma estrutura originária, e constantemente total, e ele nos convida a visualização do fenômeno através de um olhar de questionamento, de desconhecimento, afastando-se de uma posição que naturaliza a realidade como dada, acabada. Perguntamo-nos se o olhar medicamentoso oferecido a crianças diagnosticadas com TDAH não seria um esforço para adaptar o desempenho dessas crianças às demandas da era da técnica, e desta forma, pensamos sobre os modos de ser-criança para além do diagnóstico neste transtorno. Nesse sentido, a proposta do presente estudo teórico é, à luz da fenomenologia hermenêutica-heideggeriana, pensar o sofrimento de crianças que recebem o diagnóstico de TDAH, e refletir sobre se essa categorização poderia trazer o encobrimento dos modos-de-ser-como-criança. Outrossim, acerca da normatização tão presente nos discursos da contemporaneidade, pensamos se limitar o tratamento ao prisma medicamentoso não seria privilegiar um único aspecto de seu sofrimento. Nesse sentido, pretendemos sustentar um espaço para pensarmos o sofrimento infantil presente na psicoterapia, problematizando modos menos hegemônicos de intervenção e cuidados terapêuticos infantis.

Palavras-chave: Fenomenologia; Heidegger; Infância; TDAH.

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA INTERSUBJETIVIDADE NA LUDOTERAPIA HUMANISTA

Mharianni Ciarlini de Sousa Bezerra

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR)

Vera Engler Cury

PUC-Campinas

Apresentamos os resultados de uma pesquisa interessada na experiência intersubjetiva vivida em contexto clínico. Esta pesquisa qualitativa objetivou compreender, fenomenologicamente, a experiência vivida por psicoterapeutas e crianças no acontecer clínico da ludoterapia de orientação humanista. A fenomenologia, desenvolvida por Husserl e Stein, norteou epistemologicamente o estudo. A pesquisadora desenvolveu encontros dialógicos individuais com nove psicoterapeutas e sete crianças, que foram registrados sob a forma de Narrativas Compreensivas. Uma Narrativa Síntese foi elaborada, culminando o processo de análise e interpretação de sete elementos estruturais: (1) o acontecer clínico da ludoterapia humanista estimula uma relação intersubjetiva entre psicoterapeuta e criança que promove crescimento psicológico; (2) essa experiência desencadeia um processo vivenciado de modo contínuo pela criança; (3) a presença subjetivamente implicada do terapeuta no acontecer clínico é fundamental para o envolvimento e motivação da criança; (4) a corporeidade vivenciada no encontro psicoterapêutico potencializa o desenvolvimento na criança de um processo de tomada de consciência sobre si mesma e sobre os limites e potencialidade dos próprios atos; (5) o brincar durante as sessões congregam múltiplos sentidos e integram elementos da experiência vivida pela criança ao estar na relação intersubjetiva com o/a terapeuta; (6) a relação psicoterapêutica intensifica o desenvolvimento subjetivo e revela a singularidade da criança; (7) essa relação estimula a criança a envolver-se em um processo psicológico de descoberta de si mesma e do mundo, possibilitando novos significados e sentidos da experiência vivida, quando evocada reflexivamente. Evidenciou-se que a estruturação do processo psicoterapêutico é desenvolvida a partir do relacionamento com a criança, conforme a concepção da ludoterapia que prioriza o ato de compreensão dirigido ao estilo pessoal de cada cliente considerando seu modo de sentir e expressar-se no mundo. Essa experiência intersubjetiva promove a constituição de singularidades que imprimem um sentido existencial próprio ao seu mundo de relações e a sua historicidade. A relevância do processo psicoterapêutico para o crescimento psicológico da criança apresentou-se, também, a partir das repercussões geradas nos pais e adultos responsáveis, revelando seu caráter psicoprofilático.

Palavras-chave: Fenomenologia; Intersubjetividade; psicologia humanista; ludoterapia.

**COMPREENSÃO DE MERLEAU-PONTY ACERCA DO DESENHO INFANTIL:
CONTRIBUIÇÕES PARA PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS**

Willyan da Costa Mota

Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Bolsista Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Rosa Angela Cortez de Brito

Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Virginia Moreira

Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Ao longo do tempo, o desenho tem sido utilizado como recurso na psicoterapia com crianças. Independente da perspectiva teórica do psicoterapeuta, este instrumento se faz presente na prática clínica, buscando contemplar uma especificidade que se apresenta no tratamento deste público, a saber, o acesso à experiência infantil a partir de outras possibilidades de linguagem. O desenho possui a finalidade de facilitar o desvelamento dos conflitos infantis que, no uso da linguagem falada, poderia encontrar limitações de expressão. O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty dedicou-se, dentre outros campos, ao estudo do desenho infantil. Por meio da fenomenologia, refletiu criticamente sobre os estudos de sua época e buscou contribuir com sua compreensão acerca desse fenômeno. O presente estudo tem por objetivo discutir, através de uma revisão de literatura, as possíveis contribuições de Merleau-Ponty acerca do desenho infantil para a psicoterapia com crianças. Como resultados, verificamos que o desenho infantil não se apresenta como uma percepção enfraquecida das coisas, nem como coisa “psíquica”, mas sim como uma convicção global. Quando a criança desenha algo, não há o algo da imagem e o algo da realidade só existe o que está ali. Há na criança uma sensibilidade para a comunicação via desenho e é preciso uma abertura do adulto para compreender este fenômeno, não com uma descrição negativa do mundo, como um malogro do desenho adulto, mas uma ação expressiva autêntica e original. O mundo percebido pela criança é diferente do mundo visto pelo adulto; a primeira tenta representar toda a realidade que a circunda, nunca uma simples imitação, enquanto o segundo realiza sínteses que suprimem partes do mundo. Na infância, o desenho corresponde a um modo de comunicação, a um posicionamento afetivo, à expressão de uma atitude reveladora das coisas e não do que se parece com elas ou a um conhecimento pré-estabelecido. Ao representar os objetos, estes possuem uma gravidade afetiva: peso, consistência, temperatura, é como se a criança possuísse uma capacidade latente de pintar não só formas e cores, mas odores, sabores etc. Para psicoterapia com crianças, compreendemos que este olhar crítico acerca do desenho infantil, reposiciona o clínico quando a potência desse instrumento interventivo e sua capacidade de viabilizar uma exploração profunda do mundo vivido da criança, pois o psicoterapeuta passa a visar os significados afetivos e não os traços pintados.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; Desenho; Psicoterapia; Criança; Fenomenologia.

DOS RECORTES À FORMAÇÃO DE SENTIDOS: UMA PROPOSTA DE PSICOTERAPIA COM AUTISTAS

Gisella Mouta Fadda
PUC-Campinas
Vera Engler Cury
PUC-Campinas

A compreensão do fenômeno do transtorno do espectro do autismo (TEA) no nível estrutural pode auxiliar o psicólogo humanista na sua atuação clínica. Observa-se que as pessoas autistas têm uma experiência de mundo fragmentado que resulta em uma vivência hiper reflexiva. A intensa racionalidade torna-se uma compensação para a crise que se forma na compreensão de sentido. A dificuldade em apreender o sentido, que é proveniente das estruturas fundantes do psiquismo, pode ser observada a partir, por exemplo, da fixação por detalhes. Essa característica se apresenta nos autistas desde elementos mundanos concretos, passando pela expressividade humana de senso comum até a compreensão dos contextos sociais vivenciados. Por isso, um dos objetivos da psicoterapia é ajudá-los na formação de sentidos. Ao destacar mais a forma como estão se sentindo e percebendo, os autistas vão construindo seus próprios caminhos que viabilizam a promoção de sínteses. Enquanto que, ressaltar apenas os conteúdos pode deixá-los ainda mais capturados pelos detalhes e sem a compreensão do todo; com isso, sentem-se angustiados, irritados e exaustos, levando-os a se retirarem do mundo com mais frequência. Como ilustração, será mostrado um caso clínico com uma mulher adulta autista sob o nome fictício de Luiza. Os atendimentos ocorreram em um consultório particular na modalidade online. Após alguns meses em psicoterapia, Luiza encontrou um meio para reconectar-se consigo usando recortes de imagens durante as sessões. Os recortes se transformaram em colagens com pedaços da vivência que Luiza pouco entendia. Desse modo, abriram-se possibilidades de intervenções terapêuticas, para juntas, psicóloga e Luiza, tentarem acessar uma parte do seu mundo vivido e captar o sentido pré-reflexivo. As intervenções devem estar em sintonia com as necessidades da pessoa autista para que ela possa se beneficiar. Assim, com um pouco mais de confiança em si e na sua forma de perceber o mundo, Luiza evoluiu das colagens para desenhos e, por fim, para escritos. Com isso, ela foi rememorando fatos isolados de seu passado na medida em que compreendeu suas vivências de infância e adolescência, construindo assim, uma vida de sentido. Uma perceptível mudança foi observada tanto no auto respeito pelo seu modo peculiar de ser quanto na sua forma de lidar com questões interpessoais, que lhe possibilitam estar no mundo de um modo mais aprazível.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo; Psicoterapia; Psicoterapia Centrada na Pessoa; Psicologia Clínica; Psicopatologia Fenomenológica.

LGBTQIA+: A PLURALIDADE DAS VIVÊNCIAS

Hiago de Carvalho Batista dos Santos
Centro Universitário Celso Lisboa
Luanda Cristine Arruda Correa
Centro Universitário Celso Lisboa

Atualmente o Brasil é o país que mais mata indivíduos travestis e transexuais, ao passo que também é o país que mais realiza paradas de orgulho LGBTQIA+. Podemos perceber que a realidade dos integrantes dessa comunidade é permeada por inseguranças, de todos os âmbitos, e pela marginalização presente em suas vivências, principalmente entre os indivíduos não-cisgêneros. Dentro de muitas características desenvolvidas por essa comunidade, podemos destacar o tão falado “orgulho”, que se estabelece como forma primordial de sobrevivência desses sujeitos ao se depararem com a realidade social que está sempre submetendo-os à invisibilização. Esse “orgulho” foi construído através de um percurso histórico único, uma busca incessante pela identidade dessa comunidade e é por conta disso que identificamos a importância da disseminação de informações voltadas a esse tema. Dentro da própria comunidade há discussões sobre a viabilidade de tantas letras para compor a sigla inteira, inclusive não havendo um consenso sobre como a mesma deveria ser grafada. Não por acaso, encontra-se artigos mencionando LGBT’s, LGBTI’s etc. Contudo, a adoção de uma sigla com mais letras se justifica, quando se leva em consideração a importância da representatividade de cada elemento, que possui sua individualidade e sua história. O trabalho buscou expor o percurso histórico LGBTQIA+, desenvolver as definições de termos importantes para o entendimento da pluralidade dessa comunidade e definir, através de uma tabela, breves explicações sobre cada letra que compõe a sigla LGBTQIACAPF2+. Também procuramos desenvolver uma visão fenomenológica, de modo que fosse captado o como das experiências dos integrantes dessa comunidade e para isso foram realizadas entrevistas com questões abertas nos indivíduos integrantes da comunidade estudada. Após tais definições, foi possível entender um pouco da historicidade envolvida no processo de formação da comunidade LGBTQIA+ e pôde ser desconstruído parte do estigma acerca da sigla, visto que a complexidade dela pode se justificar na medida em que toda essa diversidade de vivências é levada em consideração. Finalmente, esse trabalho expõe a importância da produção de pesquisas na área e que a disseminação de informações pode ser o cerne para a busca de direitos básicos dessa comunidade.

Palavras-chave: LGBTQIA+; Experiências; Diversidade; Pluralidade; Pesquisa fenomenológica.

O SUICÍDIO ENTRE A POPULAÇÃO LGBTI+: VIDAS INVISÍVEIS E SUICIDADAS?

Maria Vanessa Morais da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bolsista CNPq

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho é um ensaio teórico e questiona-se aqui os sentidos atribuídos à tentativa e aos suicídios para uma pessoa LGBTI+, que segundo à Organização Mundial da Saúde é considerada como população vulnerável para o risco de suicídio. A literatura também aponta que essa população tem cinco vezes mais chances de tentar suicídio. Embora existam estimativas sobre os dados de suicídios, eles são extremamente subnotificados e quase inexistentes no Brasil. O Estado brasileiro não produz dados sobre essa população, nem tampouco sobre seus suicídios e sofrimentos. A declaração de óbito não assinala orientação sexual/identidade de gênero e as notificações de violência não aparecem nas plataformas oficiais. É uma comunidade invisibilizada na vida e na morte, criminalizada e exterminada, que sofre e morre anonimamente como não-existentes. Experimentam cotidianamente o preconceito, a discriminação e a violência. Assim, ao nos inclinarmos sobre esse fenômeno não deixaremos de considerar que ele está inscrito e relacionado ao mundo que habitamos, pelo qual nos é revelado um horizonte histórico. Este ensaio convida-nos a pensar sobre o sofrimento ético-político da população LGBTI+ e os seus suicídios a partir da perspectiva fenomenológico-existencial norteada pela ontologia hermenêutica do filósofo Martin Heidegger. Ele retoma a questão do sentido do Ser, do homem enquanto ser-no-mundo, outrora esquecida pela filosofia e pela metafísica. Questiona quem e como é esse homem, como se constitui no mundo e proporciona uma reflexão sobre as condições fundamentais da existência, trazendo algumas noções, como: historicidade, temporalidade, ser-no-mundo, habitar, corporeidade e ser-para-a-morte. Nosso modo de existir na contemporaneidade aponta para o desamparo humano, um habitar que surge mediante diversas crises de caráter social, político, econômico, sanitário e humanitário. Logo, é impossível nos descolarmos desse horizonte histórico para tematizar o fenômeno do suicídio, uma vez que ele permeia questões complexas da própria existência. Diante disso, cabe uma reflexão sobre a saúde mental, sofrimento, suicídio e a existência da população LGBTI+, salientando que o que encontramos na literatura aponta que essa comunidade habita um sofrimento sem lugar, uma violência estrutural, uma invisibilidade doída e seguem padecendo nos armários abaçanados da existência. É preciso, então, problematizar e questionar: Por que muitas pessoas LGBTI+ decidem por não mais viver?

Palavras-chave: Suicídio; LGBTI+; Fenomenologia-existencial; Heidegger.

ACOLHER A DOR NA VULNERABILIDADE: ISSO QUE VOCÊ FAZ É SER HUMILDE

Yasmin Falcão Bezerra

Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Ianna Angel Gonçalves Fernandes

Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

O sofrer, na modernidade, é um fenômeno existencial que varia de acordo com o ponto de vista. Nesse sentido, esse trabalho propõe-se a pensar o sofrer no ângulo dos usuários do CAPS II, localizado especificamente na cidade de Mossoró-RN. A observação essa feita por um estágio profissionalizante com duração de um ano letivo. Nessa experiência, rodas de conversas foram propostas a cada semana um novo tema, em consonância, dessa forma, com o modo de pensar heideggeriano, que sugere uma formação do psicólogo que rompa os modelos ancorados no domínio das teorias e técnicas psicoterápicas e de tal modo na direção contrária ao pensamento preponderante na psicologia científica. Então, a fenomenologia-hermenêutica heideggeriana considera a indeterminação do Dasein e sua impermanência que foi possível de ser percebida, nessa experiência, com o fazer psicologia norteado pela abertura do psicólogo às possibilidades que se desvelam na sua existência, na sua condição de ser-no-mundo-com-outros, cujos sentidos de ser não poderão ser dados a priori, o que significa arriscar-se na aventura de ser-no-mundo com todas as implicações da sua condição existencial. Uma delas é a disponibilidade de lançar-se no desconhecido, na experiência originária de ser-com-o-outro, ou seja, lançar-se ao nada, ao não-saber. Os resultados obtidos ao lançar-se para o desconhecido nesse contexto foi o surgimento de palavras para se referir ao papel do psicólogo como “humildade”, “generosidade” e sentimento de gratidão por parte dos usuários do equipamento pela escuta e acolhimento. O que torna interessante de refletir sobre o papel do psicólogo, ao acolher nesse contexto. Sabendo que o CAPS II é uma instituição destinada a acolher pessoas com sofrimento psíquico grave e persistente, é entendido o objetivo de estimular sua integração social e familiar, apoiando-os em suas iniciativas de busca da autonomia, levando em conta os princípios da equidade do SUS – ou seja, de clínica ampliada. Dessa forma, o fazer saúde mental, no que compete ao psicólogo, assiste principalmente na inscrição de diferentes estratégias que visam a produção de algum modo de inclusão de questões subjetivas na produção de bem-estar e de saúde, alcançando a diferentes sujeitos e situações, não se deixando confundir com o senso comum latente nesse contexto que remete à humildade e generosidade o que é, por direito, desses usuários.

Palavras-chave: Saúde mental; Prática psicológica; Heidegger.

**PROJETO DE VIDA E MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE MEIO ABERTO: REFLEXÕES
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS**

Sinthya de Cássia Oliveira da Rocha
Brenda Seabra Rodrigues Lima

Neste trabalho nos propomos a apresentar relato de experiência de um atendimento socioeducativo, realizado no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) – Parnamirim/RN. Refletiremos acerca de questões emergentes a partir da experiência de atuação, com enfoque no percurso de construção de projeto de vida pelos adolescentes e as intervenções possíveis a partir da perspectiva fenomenológica-existencial heideggeriana. Atualmente são atendidos 25 adolescentes com idade entre 14 e 18 anos, encaminhados pela justiça. São executadas Medidas Socioeducativas (MSE) de meio aberto, Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço à Comunidade (PSC). O acompanhamento dos adolescentes nas referidas medidas compreende a elaboração de Plano Individual de Atendimento (PIA), participação em oficinas semanais (LA), prestação de serviço em instituição pública (PSC), acompanhamento da família e atendimento individual aos adolescentes, encaminhamentos externos para rede. A adolescência, com a inauguração do ECA e sua doutrina da proteção integral, é compreendida como estágio peculiar do desenvolvimento em que está sendo construído o repertório de referências importantes para o processo de tomada de decisões que marcam a vida. É a partir das experiências, das relações, do acesso a direitos básicos que o adolescente vai dando sentido a sua existência e realizando suas escolhas. A história de vida dos adolescentes e jovens que se encontram em cumprimento de MSE é, na maioria das vezes, marcada pela violência, desigualdade, exclusão, e carregada de sentidos preestabelecidos de como ele pode ser. A ação socioeducativa tem como objetivos garantir ao adolescente o acesso aos seus direitos, a inclusão social e comunitária, o favorecimento do seu pleno desenvolvimento e a (re)construção do seu projeto de vida. Investir na (re)construção de um projeto de vida implica, para esses jovens, colocar em questão os sentidos sedimentados que lhes foram apresentados. E ainda, no reconhecimento do seu protagonismo e na abertura às possibilidades da existência. Para que seja possível alcançar esses objetivos, se faz necessária uma metodologia que permita a participação ativa do jovem no processo de cumprimento da medida e a ampliação das suas referências por meio do fortalecimento da sua relação familiar e comunitária.

Palavras-chave: Medida socioeducativa; Metodologias participativas; Fenomenologia-Existencial; Juventude; Projeto de vida.

ATRAVÉS DA TELA: PANDEMIA, DISTANCIAMENTO SOCIAL E A QUESTÃO DA TÉCNICA

Andrea Cristina Tavelin Biselli
PUC SP

Ida Elizabeth Cardinali
PUC SP

Esse estudo visa fazer correlações sobre o contexto da pandemia, o distanciamento social e a questão da técnica segundo o pensamento heideggeriano. O decreto da pandemia do Coronavírus revolucionou modos de ser e estar no mundo. No Brasil, foram e estão sendo tomadas diversas medidas de controle e prevenção da doença pelas autoridades sanitárias, dentre elas o distanciamento social para que se diminua a velocidade de transmissão do vírus, o uso de máscaras e álcool e a vacinação. O distanciamento social propõe a diminuição de interação entre as pessoas para diminuir a velocidade de transmissão do vírus. Consequentemente, essa situação coloca em evidência a desigualdade social do país, a velhofobia, o racismo, a violência doméstica, entre outras, instalando-se uma crise na saúde pública e potencializando a crise política brasileira. O contexto atual, em múltiplas dimensões, apresenta um deslocamento do tempo e do espaço, em que o quando já não equivale ao onde; torna o tempo vazio e passível de ser operado tecnicamente. Desse modo, ao se estabelecer uma relação de confiança, com os agentes do saber técnico, pautada no reconhecimento das alternativas e na tentativa de calcular os riscos, simultaneamente se constitui uma relação de corresponsabilidade. Assim, a técnica passa a ser um instrumento que rege nossas vidas e comportamentos, notadamente na pandemia, em que a possibilidade de adoecimento e morte, se nos apresentam, sem exceção, nos meios de comunicação e como tema principal na relação com o outro. O pensamento heideggeriano indica que não podemos fugir da questão da técnica negando-a ou afirmando-a, mas é possível estabelecer com ela uma relação mais livre abrindo-se a sua essência. A chegada da pandemia nos ofereceu a perda da familiaridade com o mundo, quebrou o cotidiano. Os sentimentos de desamparo, ansiedade e solidão envolvem os dias nebulosos restringindo a visão do horizonte. Tal situação, nos possibilitou estar com o outro através da tela, mas também, abriu espaço para o diálogo quanto ao respeito, à impessoalidade e modos-de-ser e cuidar engessados e capturados por uma técnica pondo em xeque as certezas e despertando para a solicitude como um dos modos de cuidado.

Palavras-chave: pandemia; questão da técnica; distanciamento social; cuidado.

SUSPENDENDO A BUSCA POR RESULTADOS: A ATITUDE FENOMENOLÓGICA EM PSICOTERAPIA

Tiago Bastos de Moura

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Bolsista CNPq

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Na contemporaneidade, marcada pelo predomínio da técnica e do produtivismo, a preocupação com a eficácia e resultados da psicoterapia se reflete tanto em diversas pesquisas científicas como na clínica psicológica, podendo ser vivenciada pelo psicoterapeuta, pelo cliente ou por ambos. Por outro lado, o método fenomenológico em psicoterapia é uma perspectiva que contempla a experiência vivida; não busca avaliar eficácia e resultados, mas compreender o sentido dos atos psíquicos. Este estudo teórico visa discutir a atitude fenomenológica em psicoterapia, partindo-se da pergunta: como o psicoterapeuta pode sustentar uma atitude fenomenológica com o cliente e assim abrir mão da intenção de produzir resultados e ser eficaz? A partir de um levantamento da literatura científica sobre psicoterapia, verificou-se que a eficácia das psicoterapias tem sido objeto de estudo desde a primeira metade do século XX e foi reconhecida na década de 50. Eficácia refere-se à realização dos objetivos propostos, isto é, se os objetivos foram alcançados, portanto, diz respeito a resultados. Essa perspectiva pertence ao universo das ciências positivistas, pois privilegia os métodos de pesquisa objetivos, a técnica, a busca por evidências científicas, instrumentos de avaliação e categorias diagnósticas. Por sua vez, a Fenomenologia foi proposta por Edmund Husserl no final do século XIX na Alemanha como uma filosofia, uma epistemologia e um método rigoroso, questionando o modelo naturalista e denunciando a coisificação do homem como a raiz da crise das ciências ocidentais. Em psicoterapia, a atitude fenomenológica consiste em suspender a atitude natural, ou seja, a tese das coisas do mundo enquanto factuais, existentes por si mesmas independente de uma presença. Esta mudança de perspectiva, da atitude natural para a atitude fenomenológica, foi definida por Husserl como epoché. Colocamos entre parênteses os conhecimentos objetivos a priori, os preconceitos, as técnicas, os fatos e as teorias, para nos dirigirmos às coisas mesmas, à essência dos fenômenos que se mostram à nossa consciência. Quando o foco do psicoterapeuta se volta para os resultados e ele tenta ser eficaz e produtivo com seu cliente, ele abandona a atitude fenomenológica e assume uma postura natural, positivista. Este estudo sugere a necessidade de um aprofundamento dos conhecimentos sobre os princípios fundamentais do olhar fenomenológico na prática da psicoterapia, em especial para psicoterapeutas em formação.

Palavras-chave: Fenomenologia; psicoterapia; psicologia clínica; eficácia da psicoterapia; método fenomenológico.

O SENTIDO DAS REDES DE APOIO PARA ESTUDANTES MIGRANTES

Thainá Souza Cruz Belmiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria Eduarda Araújo Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natalie Aguiar Cavalcante

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ralina Carla Lopes Martins da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho se trata de um estudo fenomenológico motivado pelo recrudescimento da migração interna no contexto universitário a partir do Sistema de Seleção Unificada do Ministério da Educação (SISU), que possibilita a concorrência a vagas de graduação em diversas regiões do país, assim como a vivência de diversas mudanças, rompimento de laços e encontros com o novo. Diante desse cenário, as autoras mobilizaram-se na direção de compreender o sentido das redes de apoio na experiência de ser estudante migrante. Para tal foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com as perguntas norteadoras “Como foi o seu processo de mudança para a cidade atual?”, “Como se deu a formação dos novos vínculos?” e “Qual é o sentido desses vínculos na sua vida atualmente?”. Pretendeu-se com esta metodologia delinear o discurso acerca daquilo que se busca aproximar, ao passo que haja liberdade para a emergência e elaboração dos fenômenos e sentidos. Contou-se com a participação de duas mulheres, migrantes exclusivamente em razão do estudo, de nomes fictícios Nuvem e Onda, ambas com 22 anos. Os discursos coletados na entrevista foram organizados em temas e compreendidos à luz da hermenêutica heideggeriana, quais sejam as noções “ser-com”, referente a disposição ontológica do ser-aí de constituir-se em relação, e “habitar”, que implica na acepção de familiaridade e pertencimento entre presença e mundo. Os resultados evidenciaram a importância da formação de vínculos afetivos e amigáveis, considerando o contexto ímprobo no qual se inserem os estudantes migrantes, tendo sido apontado pelas estudantes que as relações sociais e vínculos formados na nova morada são aspectos que influenciam positivamente suas vidas, a partir da construção de uma nova rede de apoio e da sensação de pertencimento. O estudo pôde desvelar a experiência e os sentidos das participantes, compreendendo-os hermeneuticamente, de modo que se evidenciou a importância dos vínculos afetivos para as estudantes migrantes, que vão além de somente redes de apoio, pois também colaboram para a sensação de pertencimento, suporte e companheirismo.

Palavras-chave: Fenomenologia-Existencial; Migrantes; Universitários; Rede de Apoio; Martin Heidegger.

GRUPOS REFLEXIVOS COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO COMBATE À COVID-19 NUM HOSPITAL

Maria Paula Marques Macêdo

Universidade Católica de Pernambuco

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite

Universidade Católica de Pernambuco

A situação de grupo pensada a partir da noção de fusão de horizontes proposta por Hans Georg Gadamer, objetiva a elaboração da experiência e de novas possibilidades compreensivas acerca do fenômeno interrogado por meio da troca dialógica construída entre os participantes. No grupo, há um jogo compreensivo que requer dos envolvidos abertura à alteridade do outro, disponibilidade de se colocar em questão, sem nenhuma intenção de condução ou sobreposição de saberes. O presente relato pretende descrever a experiência de grupos reflexivos, destinados aos profissionais de saúde que atuam no enfrentamento da Covid-19, prestando assistência aos pacientes internados em diversos setores de um hospital particular de Recife (PE), que durante a pandemia passou a ser exclusivo para atendimento de Covid-19. Trata-se de uma proposta interventiva que objetiva proporcionar um espaço de reflexão acerca do momento pandêmico atual e suas ressonâncias nas existências dos participantes. Desde abril de 2021, foram realizados grupos mensais, contando com a participação de até cinco colaboradores, em diferentes turnos e em local amplo e apropriado. A vivência da experiência grupal oportunizou a apropriação e expressão dos sentimentos mobilizados pela situação de crise, evidenciando o sofrimento compartilhado entre os profissionais de saúde e a necessidade de ampliarmos nossas estratégias de cuidado. Enquanto facilitadora dos encontros e psicóloga hospitalar da instituição, estive intimamente envolvida durante todo o processo, estando aberta à possibilidades de mudança e apropriação de novos sentidos provenientes do diálogo. As compreensões desveladas a partir do encontro, apontaram o despertar das tonalidades afetivas de temor e impotência diante de um cenário que anuncia a finitude da vida como possibilidade eminente através do adoecimento e morte do outro. Por outro lado, também desvelam formas coletivas de autoproteção percebidas a partir da tendência de adotar um viver automático, irrefletido, imerso nos deveres e exigências do cotidiano numa tentativa de fuga e entrega ao impessoal.

Palavras-chave: prática psicológica; coronavírus; profissionais de saúde.

**A POPULAÇÃO LGBTI+ BRASILEIRA E A PANDEMIA DE COVID-19: ALGUNS
APONTAMENTOS**

Maria Vanessa Morais da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bolsista CNPq

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A proposta deste ensaio teórico é sinalizar, refletir e problematizar as dificuldades da população LGBTI+ na pandemia de COVID-19 a respeito dos impactos do isolamento social que se entrelaçam às questões de saúde e direitos humanos. Para tanto, adentramos a literatura mais recente, publicada em forma de artigos científicos e/ou jornalísticos, que tratam sobre a experiência dessa população em meio à pandemia. Apesar da existência de poucos artigos, foi possível perceber que o entrelaçamento entre a pandemia e a população LGBTI+ refletiu-se em uma maior vulnerabilidade e marginalização. É importante lembrar que mesmo em uma situação de crise global, como a de uma pandemia, cujo contexto propicia impactos psicológicos para todas as pessoas de maneira geral, há algumas populações e comunidades que apresentam maior vulnerabilidade bio-sócio-político-econômica, em especial no Brasil, um país culturalmente tão diverso e economicamente tão desigual. Destacamos aqui a população LGBTI+, que tem direitos violados, experienciam a fragilidade e carência de políticas públicas de saúde e assistência adequadas, e são massacradas diariamente por causa da LGBTIfobia. É uma população que habita uma sociedade e uma cultura as quais manejam o entendimento das questões de gênero e sexualidade por meio de um viés moral, separatista e preconceituoso. Desta forma, cabe-nos interrogar sobre como a vivência de um isolamento/distanciamento social na pandemia de COVID-19 podem acentuar questões já vivenciadas, mesmo antes da pandemia, por algumas pessoas LGBTI+ como: solidão, isolamento, fragilidade dos direitos humanos, desemprego, fome, desmonte de políticas públicas de saúde e assistência, além de um cardápio de violências. Como tem habitado a população LGBTI+ nesse tempo marcado por desalojamentos e sofrimentos? A ontologia heideggeriana nos convoca a pensar o habitar do homem sobre a terra. Um habitar que não é apenas físico e geográfico, mas implicadamente, ontológico e existencial. É preciso refletir que habitamos uma sociedade marcada por inúmeras crises que apontam para o desassossego e desamparo humano, que empenhamos nossa condição fundamental de ser-no-mundo em meio a tempos sombrios e inóspitos, sobretudo, que experienciamos um sofrimento ético-político acentuado por uma necropolítica e negacionismo da ciência. Com a pandemia de COVID-19, percebemos que esse contexto atinge com maior força algumas populações em maior vulnerabilidade social, como a LGBTI+.

Palavras-chave: Pandemia; LGBTI+; vulnerabilidades; habitar; Heidegger.

**CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA CRÍTICA PARA A COMPREENSÃO DA
BRANQUITUDE COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA**

Carolina dos Santos Garbelotti
Universidade Federal do Paraná
Joanneliese de Lucas Freitas
Universidade Federal do Paraná

O racismo é parte da estrutura social capitalista, sendo assim, ele opera por meio de tecnologias que reproduzem relações desiguais e opressão que moldam o contexto social contemporâneo. Nesse contexto, há um silenciamento sobre o lugar de privilégio do branco, colaborando com a desigualdade racial e social. Há diversos estudos que mostram que o conceito de raça é um mito, no sentido de que não há nenhuma distinção biológica ou comportamento inato que implique nessa diferenciação, no entanto a raça é vivida concretamente, trazendo consequências materiais e simbólicas para as pessoas. O método fenomenológico clássico tem como objetivo descrever a estrutura transcendente da experiência vivida, porém a fenomenologia crítica compreende que também é necessário entender como as estruturas históricas e sociais condicionam nossas experiências e a nossa forma de refletir sobre elas. Estruturas como o patriarcado, o racismo e a heteronormatividade permeiam o mundo da atitude natural, fazendo com que as diferenças sociais entre grupos privilegiados e oprimidos sejam tratadas de forma naturalizada. Desse modo, esse trabalho tem como objetivo apresentar contribuições da fenomenologia crítica para a compreensão da branquitude como experiência vivida, e mais especificamente compreender essa experiência a partir de seus horizontes interpretativos situados corporalmente. Consideramos que o homem branco é tomado como norma, enquanto os outros é que precisam proclamar a sua identidade: negros, homossexuais, mulheres e indígenas. Nesse sentido, a branquitude não é um conceito estático e dependendo do contexto cultural, raça, gênero e classe, diferentes pessoas podem ocupar este lugar de privilégio. Tomando a branquitude como ponto de partida, os corpos brancos não são um ponto de estresse em sua relação com o mundo, eles sentem-se habituados a ocupar os espaços, estendendo o seu alcance, as suas possibilidades. Além disso, a branquitude tem papel importante em categorizar o não branco, fazendo com que apenas o corpo do outro pareça ser racializado, assim o não branco encontra maiores dificuldades em ocupar espaços, principalmente espaços de poder. Nesse sentido, a experiência vivida do branco expressa mobilidade e transcendência, enquanto a experiência vivida do não branco traz restrições e limites. Desse modo, a fenomenologia crítica nos ajuda não só a compreender a branquitude, mas torna-la visível, tencioná-la, como possibilidade de transformação social.

Palavras-chave: Branquitude; Fenomenologia crítica; Experiência vivida.

UM OLHAR DIALÓGICO SOBRE AS RELAÇÕES COM A DIFERENÇA

Lucas Barbosa da Silva
Faculdades Integradas Einstein de Limeira
Patrícia Bueno Regina Incerpe
Faculdades Integradas Einstein de Limeira

O advento de um mundo líquido, no qual as relações se dão de forma cada vez mais superficiais e carente de diálogo, tem sido palco de um constante aumento da intolerância nos diversos âmbitos da convivência em sociedade, devido a divergência de crenças, pensamentos, ideologias, entre outros fatores. Diante deste cenário de constante atrito e gradual desconsideração pela pessoa humana, tratar de possibilidades dialógicas e empáticas diante do outro tende a contribuir para reflexões e possibilidades de convivência pacífica e harmoniosa em diferentes grupos e contextos sociais. O presente trabalho terá como objetivo compreender fenomenologicamente a experiência de pessoas nas relações humanas, especialmente no que diz respeito ao diálogo com as diferenças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica, norteada pelos princípios do filósofo Edmund Husserl. Pretende-se realizar encontros dialógicos individuais com 3 a 7 participantes e posteriormente, será construída uma narrativa compreensiva, que será retomada de tempos em tempos. A partir da escrita de todas as narrativas compreensivas, será desenvolvida uma única narrativa síntese, que compilará os elementos significativos da experiência de todos os participantes. A pesquisa propõe primeiramente uma passagem pelo conceito do outro, ou alteridade, que se apresenta como um ser diferente e separado dos demais, e não uma extensão do interlocutor. Em seguida, se apresenta algumas reflexões sobre o convívio em sociedade, seus impasses agravados pela modernidade líquida e atitudes de fechamento diante da diferença e por fim suas possibilidades dialógicas de convivência e de consideração humana. Através desta pesquisa é esperado que a temática do diálogo com a diferença seja fomentada ainda mais no meio científico, agregando sentidos e espaços de discussão no meio da psicologia e das relações sociais, além de novas propostas de reflexão para atuação clínica, tanto a partir dos relatos, como das narrativas desenvolvidas.

Palavras-chave: Fenomenologia; Diálogo; Relação; Diferença; Alteridade.

**SER-MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: EXPERIÊNCIA DE UM PROCESSO
PSICOTERAPÊUTICO**

Amanda Melo Queiroz da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Ana Karina Silva Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho se constitui como um relato de experiência de estágio curricular em clínica com uma mulher em situação de violência, a partir da analítica da existência de Martin Heidegger. O caso foi encaminhado pelo CREN, instituição especializada no atendimento a mulheres vítimas de violência em Natal/RN. Devido ao contexto pandêmico, os atendimentos foram realizados na modalidade virtual. Helena (nome fictício) é uma mulher que acionou a medida protetiva, após ter sido vítima de violência sexual por parte do ex companheiro. Atualmente em processo de divórcio, a paciente tem três filhos e está desempregada devido aos impactos emocionais da violência sofrida. Os encontros com Helena desvelaram, a seu tempo, um modo de ser-no-mundo como mulher marcado pela restrição do seu poder-ser. Em sua historicidade, a violência perpetrada pelas referências masculinas, a submissão social e econômica ao companheiro, o contexto de pobreza e vulnerabilidade social, junto ao sofrimento psíquico decorrente do desenraizamento nesse mundo são marcas que a fazem questionar a validade da própria existência. Helena se encontrava restrita a um modo de existir como mulher em que a violência era parte do cotidiano. Quando finalmente encontrou recursos pessoais e institucionais para sair do ciclo de violência, viu-se em desamparo existencial ainda maior: o afastamento da família, o cerceamento do lugar de mãe e um modo de existir na impessoalidade cuja trama de sentidos se dá pela tutela do outro. Ao questionar sobre o sentimento suscitado por toda sua narrativa, a paciente responde “é o sentimento de ficar sozinha”. A solidão de Helena nos convoca a pensar o ser mulher em um horizonte histórico cujo enraizamento cultural se dá pela hegemonia do patriarcado, que influencia projetos encontrados na tradição como o casamento feliz e a maternidade. A possibilidade de romper com tais projetos parece lançar a paciente a um lugar inóspito e de incompreensão. Como habitar esse mundo como mulher, vítima de violência, longe do signo da tutela? Como ser cuidada frente a tantos desamparos? O processo psicoterapêutico permitiu à paciente habitar esse espaço de um outro modo possível, devolvendo a ela a responsabilidade do seu existir. Vivenciar um outro modo de existir com-o-outro e consigo mesma, diferente da indiferença do modo violento e da substituição de um modo de tutela, permitiu à Helena resgatar-se em sua potência de escolher a si mesma e empunhar o seu projeto de ser.

Palavras-chave: Ser-no-mundo; Mulher; Heidegger; Historicidade.

A EXPERIÊNCIA DE MULHERES MASTECTOMIZADAS POR CÂNCER DE MAMA: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Ramila Isa de Alencar Alkimim Ferrari
PUC-Campinas

A pesquisa, qualitativa exploratória, foi desenvolvida a partir dos pressupostos epistemológicos da fenomenologia proposta por Husserl e dos norteadores teóricos e ontológicos da psicologia humanista. Teve como objetivo compreender psicologicamente a experiência vivida por mulheres que foram submetidas ao procedimento cirúrgico de mastectomia em função do diagnóstico de câncer de mama. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Nacional de Câncer (Inca), o câncer de mama é o segundo mais incidente em mulheres, sendo que no ano de 2020 são estimados cerca de 66 mil casos. Compreender o impacto do diagnóstico e do tratamento – que inclui procedimentos cirúrgicos invasivos e terapêuticas adjuntas – na vida dessas mulheres torna-se cada vez mais importante. As participantes da pesquisa foram mulheres adultas, mastectomizadas, que estavam em atendimento no ambulatório de ginecologia e oncomama de um hospital universitário localizado no interior do estado de São Paulo. Os encontros dialógicos, realizados individualmente, foram iniciados com uma questão norteadora, que teve como função estimular as participantes a discorrerem livremente sobre suas vivências acerca do fenômeno estudado. Após cada encontro dialógico, a pesquisadora escreveu uma narrativa compreensiva, estratégia metodológica utilizada para registro e análise, contendo elementos significativos da experiência da participante apreendidos por via da intersubjetividade. Posteriormente, uma narrativa-síntese foi construída contendo, simbolicamente, uma interpretação acerca dos principais elementos constitutivos da experiência pesquisada. Os elementos estruturais da experiência vivida por mulheres mastectomizadas foram: 1) a temporalidade como dimensão subjetiva da experiência vivida desde o diagnóstico até ao final do tratamento; 2) a consciência da finitude e angústia; 3) a vivência da solidão; 4) a experiência do corpo modificado e alteridade. Concluindo, a retirada da mama e o tratamento têm implicações que vão além da amputação de uma parte do corpo, afetando a percepção delas sobre si, nas dimensões constitutivas do ser humano, sob uma perspectiva fenomenológica: corpo, psique e espírito.

Palavras-chave: Pesquisa fenomenológica; Psicologia humanista; Saúde da mulher; Câncer de mama; Mastectomia.

IDOSAS E LAR DE LONGA PERMANÊNCIA: TECENDO REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite

Universidade Católica de Pernambuco

Kássia Elaine Candeia da Silva

Universidade Católica de Pernambuco

O propósito deste trabalho é refletir sobre uma experiência como voluntária em um lar de longa permanência para idosas na cidade do Recife, Pernambuco. Para tanto, foram utilizadas as experiências narradas no diário de bordo e tecer diálogos com estudiosos do envelhecer humano. O estudo proposto, nesta direção, reflete os modos como a autora/voluntária foi afetada, possibilitando um horizonte compreensível possível pelo qual tal experiência pode ser vista. O trabalho visou, ainda, aproximar-se de questionamentos na direção de privilegiar compreensões acerca da singularidade daquele que envelhece, de modo a assumir uma perspectiva do ser do humano que reconheça suas peculiaridades. Envelhecer mostra-se como um modo de ser-no-mundo, assim como a infância, a adolescência e/ou a adultez, que não pode ser reduzido a uma mensurabilidade cronológica ou mesmo a determinações prévias. A localização da velhice no asilo parece não ser apenas geográfica, mas também representativa: o asilo vira um lugar de espera para o que há de vir; o tema da morte passa a tomar forma e se materializa ao passo que nos dias seguintes, umas chegam e outras morrem. Neste sentido, o pensamento coincide com os estudos feitos para elaboração deste trabalho, onde se destaca o fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades. A partir deste trabalho, mostrou-se necessário, para projetos futuros, um debruçar ainda maior junto à temática, assim como, de modo fenomenológico, articularmos com os pressupostos heideggerianos. Importa ressaltar que a vivência com a idosas desvelou-se como um despertar desse modo de encontrar-se consigo, com o mundo e com outros, aberta pela experiência do tédio. Com isso, novos horizontes compreensivos acerca do envelhecimento, da morte e da experiência com a tonalidade afetiva do tédio foram desvelados. Essas possibilidades compreensivas, assim como as articulações feitas a partir dos diálogos com os autores, revelam a importância e necessidade de um novo modo para estarmos diante dos idosos. Durante toda a elaboração, a angústia, companheira inseparável, fez-se presente e, por diversos momentos, lembrou-me, tal como amiga, de dar voz a essas idosas que tanto contribuíram para a elaboração deste trabalho. Abrir espaço para um dialogar junto a elas virou comprometimento para trabalhos futuros.

Palavras-chave: Envelhecer; Relato de experiência; Fenomenologia heideggeriana.

REFLEXÕES SOBRE A COMPREENSÃO CLÍNICA A PARTIR DO CASO DRA. COBBLING

Rafael Monho Ribeiro
PUC-SP

Em 1963 é publicado pelo psiquiatra suíço Medard Boss (1903-1990) o livro *Psychoanalysis e Daseinsanalyse* no qual são dados os primeiros e decisivos passos para a estruturação da Daseinsanalyse Clínica através da explicitação de sua proposta em relação ao modo de ver homem e cuidar de seu sofrimento segundo uma compreensão da atividade clínica fundamentada na filosofia de Martin Heidegger e criticamente baseada na psicanálise de Sigmund Freud. Um dos primeiros passos deste percurso encontra-se no primeiro capítulo deste livro. Subvertendo o modo tradicional de apresentação de propostas teóricas, quando primeiramente são apresentadas proposições e razões que definem uma teoria, Boss inicia a explicitação de sua proposta a respeito de uma nova visão sobre o homem através da apresentação de um caso clínico que intitulou “Dra. Cobbling”. Tal caso clínico se dá de modo emblemático à proposta da Daseinsanalyse Clínica porque ilumina o ponto virada no pensamento de Boss em relação a sua primeira orientação teórica baseada na psicanálise para uma orientação fenomenológica Daseinsanalítica, mas também, porque explicita características centrais para o trabalho clínico orientado pela Daseinsanalyse Clínica. Deste modo, o relato do caso Dra. Cobbling se apresenta como um fecundo campo de estudo para investigação a respeito de como importantes elementos desta abordagem devem guiar não só a compreensão clínica como também os movimentos terapêuticos ao longo das sessões de psicoterapia orientadas pela perspectiva da Daseinsanalyse Clínica. Portanto, a partir do estudo deste emblemático caso, o presente trabalho busca refletir ao articular outros 3 casos clínicos relativos a clínica psicológica contemporânea de orientação Daseinsanalítica, importantes aspectos relativos a compreensão clínica e aos movimentos terapêuticos realizados ao longo dos processos psicoterapêuticos orientados pela perspectiva da Daseinsanalyse Clínica.

Palavras-chave: Daseinsanalyse Clínica; Medard Boss; Caso Dra. Cobbling; Compreensão clínica.

O SOFRIMENTO E A GERAÇÃO Z NO MUNDO PANDÊMICO

Andrielly Raysa de Medeiros

Núcleo Poiesis

Ianny Felinto Medeiros de Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A população nascida entre os anos 1996 a 2010 é definida por muitos estudiosos como geração Z. Alguns pontos unem muitos dos jovens que se encontram nessa fase, tais como a imersão na internet e demais tecnologias e, por este motivo, são considerados nativos digitais. Também observa-se nestes a efemeridade e celeridade como modo de apreensão do mundo, pois experimentam o cotidiano em “cliques”. Ao passo disso, com a eclosão da pandemia de covid-19, a população mundial precisou ingressar de modo mais intenso no mundo virtual, pois foram necessárias adequações nas demais esferas sociais visando-se o controle do vírus. O existir em tempos de pandemia, para esta população nascida na era cibernética, é também atravessado por um cenário de problemas diversos, tais como o sofrimento psíquico advindo dos temores em relação à saúde própria e coletiva, preocupações de ordem relacional, acadêmica, profissional, financeira e política. Acresce-se a isso o esgotamento mental diante do excesso de compromissos virtuais, bem como tensão devido ao aumento da convivência familiar, devido ao isolamento social. Desse modo, este relato de experiência pretende refletir acerca da experiência do sofrimento psíquico da geração Z e as afetações produzidas por estes durante o período pandêmico. Para isso, iremos nos nortear pelo olhar da Fenomenologia Existencial do filósofo Martin Heidegger, ontologia cujo principal elemento é o fenômeno em si e o que ele revela. O maior objeto de estudo dessa teoria é a existência humana ou Dasein, um ser cujo dado primordial é a intencionalidade da consciência, isto é, a sua relação com o mundo e os outros seres humanos. Como procedimento deste relato, utilizamos a análise das transcrições dos relatos de sessão. Os discursos mais predominantes observados durante as sessões de psicoterapia se relacionam com questões de ordem familiar, principalmente acerca das incompreensões e falta de acolhimento intergeracionais advindo dos pais (boomers e millennials). A experiência com o sofrimento, para eles, muitas vezes se apresenta pelo isolamento familiar e imersão ainda mais intensa no mundo virtual, sentimentos de angústia, vazio e tédio, bem como ideação suicida e prática de cutting. Este relato pretende compreender o fenômeno percebido desse recorte da sociedade em um período de crise mundial, porém, devido à relevância do assunto, faz-se necessário aprofundá-lo ainda mais.

Palavras-chave: Fenomenologia heideggeriana; Sofrimento psíquico; Pandemia; Geração Z.

EXPERIÊNCIA TERAPÊUTICA DE “GRUPOS DE ENCONTRO” VIRTUAIS COM PESSOAS AUTISTAS

Gisella Mouta Fadda
PUC-Campinas
Vera Engler Cury
PUC-Campinas

A modalidade terapêutica de Grupo de Encontro foi desenvolvida por Carl Rogers. O objetivo é favorecer o amadurecimento psicológico dos participantes por meio de um processo experiencial em grupo auxiliado por um facilitador. Devido a pandemia de Covid-19, foram planejados encontros virtuais mensais nos moldes dos Grupos de Encontro com adultos autistas. Entende-se que o núcleo do espectro do autismo é a obscuridade das relações interpessoais que se mostra desde tenra idade. Essas pessoas apresentam de modo mais ou menos acentuado, um maior retraimento, fragmentação no contato interpessoal e rigidez defensiva. Ademais, possuem interesses focais, apego a rotinas e padrões e susceptibilidade sensorio-motoras diferenciadas que lhes confere comportamentos pouco usuais. O público-alvo se reconhece ou foi diagnosticado com o transtorno do espectro do autismo (TEA) apenas na fase adulta, após anos sentindo-se à parte do grupo familiar e social. Percebem-se insuficientes apesar de todos seus esforços. Alguns conseguiram se adaptar na sociedade num nível funcional, mas não foi incólume num nível existencial. É comum sentirem-se uma farsa, com ideias suicidas que lhes acompanham desde a adolescência. O convite para o Grupo foi realizado nas redes sociais da facilitadora com uma breve explicação sobre o formato do mesmo. Em média, participaram 12 pessoas em cada encontro, com duração de 1h30min. A proposta de um encontro não estruturado em que o Grupo pudesse escolher seus próprios caminhos e direcionamentos era algo inteiramente novo para os participantes, ainda que já houvesse a confiança de um clima psicológico de segurança devido a contatos anteriores com a facilitadora em outras propostas terapêuticas. Foram adotados cuidados condizentes com a estruturação autista e a singularidade dos participantes. O Grupo de Encontro começava com o convite para uma breve respiração seguida por uma pergunta norteadora: "como você está se sentindo agora?" Ou "o que você gostaria de compartilhar?" Aos poucos, os participantes sentiram-se impelidos a se expressarem, ainda que causasse estranheza sem regras explícitas de como lidar com a situação. A cada expressão de um, voltavam-se para si mesmos buscando semelhanças, e também, percebendo diferenças, num movimento de reconhecimento de si e dos outros. Ao final, pode-se observar uma maior compreensão de quem são, dos efeitos que causam nos outros e da satisfação em pertencer a um grupo que os acolhe.

Palavras-chave: Transtorno do espectro do autismo; Psicoterapia de grupo; Psicoterapia centrada na pessoa; Psicologia clínica; Covid-19.

**REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS-EXISTENCIAIS INSPIRANDO CLÍNICA PSICOLÓGICA:
O DESALOJAR DO HUMANO NO CONTEXTO PANDÊMICO**

Danielle de Gois Santos Caldeira
Universidade do Porto

Elza Dutra
Universidade do Rio Grande do Norte

A vivência da pandemia de Covid-19 evidencia a condição de finitude e a ameaça à integridade e à sanidade de todos os entes-humanos. Em todos os continentes, pessoas intimidadas pela contaminação despertaram para a possibilidade mais concreta ao humano e mais próxima neste momento: a morte. Nesta ocasião, mostra-se oportuno refletir sobre as práticas clínicas inspiradas na Fenomenologia Existencial de Martin Heidegger: como a clínica/psicoterapia fenomenológica-existencial pode orientar-nos em tempos de desamparo da condição humana? As reflexões que inspiram questionamento e são possibilitadas pelo mesmo não se restringem a respondê-lo, mas erguer sentidos cada vez mais afinados ao nosso modo de existir e ao presente horizonte histórico. Refletir sobre as possibilidades da Fenomenologia Existencial orienta-nos e sintoniza-nos quanto a nossa condição de vulneráveis. Neste sentido, propomos que uma clínica apoiada na ética amplia suas possibilidades de cuidar, uma vez que ética não se reduz a promoção de respostas, mas nos abrimos a diferentes modos de ser/estar no mundo. As reflexões deste estudo não são soluções como se o existir se reduzisse a formular um produto útil e final a fim de reafirmar o resgate da conveniência de modos de vida eficazes. Trazer luz ao diálogo da ética movimenta-se na direção de sensibilizar diferentes modos de ser/estar no mundo compreendendo e formulando sentidos na medida em que somos seres éticos e, concomitantemente, somos solicitados a sobreviver, nos posicionar, cuidar, sermos livres e responsáveis. O método fenomenológico não se limita a descrever fenômenos e tecer interpretações. Evidenciamos a circularidade de sentido mobilizada pelo método como expressão do modo como contactamos com o mundo e tecemos nossos modos de compreender e formular sentido. Este método abre-nos as veredas do nosso modo singular de nos situarmos em nossas experiências, por exemplo, a vivência de sofrimento existencial frente ao desalojar das certezas e verdades humanas, de maneira implicada quanto às nossas histórias de vida e às possibilidades, evidencia a circularidade e correspondência a que estamos expostos. Atualizar modos de refletir e compreender nosso viver mantém ativos modos de sermos éticos, e assim, inspirados pela clínica psicológica de fundamentação fenomenológica existencial podemos nos envolver cotidianamente na ampliação de nossa humanidade.

Palavras-chave: Fenomenologia existencial; humano; pandemia Covid-19; ética.

**PANDEMIA E PROFISSIONAIS DA SAÚDE: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOTERAPIA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A pandemia da COVID-19 vem causando expressivos conflitos na economia, na saúde pública e na saúde mental da sociedade. As mudanças são muitas e em um curto espaço de tempo, exigindo a rearticulação dos modos de ser e estar no mundo. Sabemos que um dos grupos mais afetados são os profissionais da saúde, pois precisam estar à frente do combate à pandemia. Nesse prisma de abordagem, Heidegger nos inspira a pensar o sofrimento desses profissionais em um contexto de morte e de cuidado com o qual eles têm se deparado diariamente. Desse modo, este relato de experiência tem como objetivo trazer uma reflexão sobre os sofrimentos vivenciados pelos profissionais da saúde, na pandemia da COVID-19, à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Tal reflexão parte da minha experiência como psicoterapeuta ao atender quatro pacientes que são profissionais da saúde e que atuam na linha de frente da pandemia. Foram realizados atendimentos clínicos semanais, sendo esses transcritos. As transcrições foram revisitadas e interpretadas através do olhar da fenomenologia. Os atendimentos possibilitaram perceber as mudanças impactantes que a pandemia causou em suas vidas como: reorganização da rotina, relações familiares fragilizadas perante o isolamento, sentimentos de desamparo, caos nos ambientes de trabalho, discriminação social por serem considerados “contagiosos”, o lidar com a morte dos seus familiares e pacientes, o medo de trazer o vírus para suas casas, insatisfações profissionais, cansaço mental, perda de sentido em diferentes âmbitos da vida. A fenomenologia hermenêutica nos auxilia a refletir sobre as narrativas desses pacientes, tendo em vista que Heidegger nos caracteriza como seres-para-a-morte, pois sabemos que somos finitos e buscamos constantemente nos esquecer de nossa finitude, porém sem êxito. A pandemia evidenciou para esses profissionais que realmente isso é impossível. Também foi possível pensar o existencial do cuidado tão presente na atuação desses profissionais. Ao longo dos atendimentos, as histórias de vida foram narradas e ressignificadas, ao mesmo tempo em que novas possibilidades foram lançadas. Diante do exposto, podemos refletir sobre a necessidade de se compreender com mais afinco estes profissionais a partir de suas existências, auxiliando-os a reencontrarem-se com suas escolhas, possibilitando-os a narrarem seus sofrimentos em tempos pandêmicos e a pensarem novos modos de ser no mundo.

Palavras-chave: Prática clínica; Profissionais de saúde; Fenomenologia Hermenêutica Heideggeriana; Pandemia Covid-19.

Soprimento e Historicidade
O desamparo ético-político
na contemporaneidade

22, 23 e 24 de Setembro de 2021
Formato Online



MESAS-REDONDAS INSTITUCIONAIS

**NÚCLEO DE FENOMENOLOGIA CRÍTICA: PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE NA
PANDEMIA**

Maíra Mendes Clini
Elisa Cavalheiro Crema
Lívia Mendes Miyasato
Luis Eduardo Cobra Lacôrte

Resumo da mesa

A partir do encontro entre docentes e discentes do curso “Fenomenologia Crítica: ações clínicas educacionais e institucionais” do Instituto Sedes Sapientiae, surgiu o Núcleo de Fenomenologia Crítica: um coletivo mobilizado em plantar ações a partir de um olhar fenomenológico engajado no mundo, implicado com as questões éticas, sociais e políticas da nossa realidade. Com a chegada da pandemia de COVID-19 no Brasil, um isolamento social parcial foi acessado pela burguesia enquanto a população pobre, negra e periférica se expôs cada dia mais, em virtude da restrição socioeconômica. Isso somado à desinformação difundida tanto pelo governo federal quanto por parte da mídia, evidencia e acentua as relações construídas historicamente que produziram e produzem sofrimento, desigualdades e ausência de acesso aos direitos fundamentais de grande parte da população. O plantão surge como uma possibilidade de sustentar uma tensão frente a essa realidade, abrigando uma potência terapêutica ao mesmo tempo em que muitos serviços públicos interromperam seu funcionamento, dificultando o acesso e a continuidade dos atendimentos à saúde mental. Oferecer um espaço de cuidado à saúde mental sem a necessidade de deslocamento, de encontro físico ou de troca de capital se mostrou emergencial. O Plantão Psicológico *On-line* do Núcleo é formado por uma equipe de plantonistas psicólogas/os que realizam atendimentos de caráter pontual através de plataformas digitais, nos quais constrói-se um espaço de escuta, compreensão e acolhimento às demandas, preocupações e angústias de quem procurou o Plantão. O atendimento em caráter de plantão na modalidade *on-line*, aliado ao método fenomenológico e hermenêutico, tem desvelado reflexões críticas sobre a ampliação qualitativa das possibilidades do encontro terapêutico: essa modalidade favorece o alcance a um público plural e, por isso, contempla uma diversidade de gêneros, idades, classes sociais, etnias e cores. Zelamos pelo Plantão como um espaço de troca e de construção de conhecimento constante, assim, além dos atendimentos oferecidos à população em geral, fazemos reuniões de supervisão e discussão de fundamentação teórico-prática e construímos um campo de formação continuada horizontal e capilarizada. Desse modo, entendemos o Plantão Psicológico *On-line* em sua importância como ação clínico-política.

Palavras-chave: Fenomenologia decolonial; Plantão psicológico; Atendimento *on-line*; Fenomenologia crítica; Pandemia

PLANTÃO PSICOLÓGICO *ON-LINE* DO NÚCLEO FENOMENOLOGIA CRÍTICA: HISTÓRIA E FUNDAMENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA E POLÍTICA

Maíra Mendes Clini

A expressão “Fenomenologia Crítica” vem sendo utilizada por um grupo de professoras/es empenhadas/os em abrir espaço para um olhar fenomenológico engajado no mundo, implicado com as questões éticas, sociais e políticas da nossa realidade. Acreditamos que a fenomenologia - pensamento oriundo do eixo epistêmico europeu - deva ser por nós apropriada e reciclada, aproximando-a da situação latino-americana. Por mais que a proposta da fenomenologia seja disruptiva em relação à concepção de ser humano e de mundo preponderante no campo da psicologia, e por isso nos provoque a olhar para nossa presença profissional de uma maneira diferente do que a psicologia tradicional poderia propor, ainda estamos nos referindo a autores que fazem parte dessa hegemonia que aprendemos a criticar. A maior parte dos autores que estudamos, dentro da fenomenologia, são europeus e norte-americanos, predominantemente homens brancos do século passado. Há uma predominância no que nos é apresentado como fundamentação filosófica consistente, primazia essa que, na maior parte das vezes, é tácita. Podemos deduzir que o conhecimento construído dessa forma tem como parâmetro principal o homem heterossexual, cis gênero, branco e pertencente ao Norte Global, o que afeta diretamente o modo como nos direcionamos para a prática profissional. Trazendo a psicologia fenomenológica e hermenêutica para o seio da realidade brasileira, percebemos o quanto as questões se complexificam, e o quanto estamos imersos em um ambiente colonizado epistemologicamente. Destarte, torna-se urgente a construção de uma fenomenologia decolonial, enraizada em nosso território, que volte a atenção às populações historicamente invisibilizadas pela colonialidade. Mobilizadas/os por essas inquietações, surge o Núcleo de Fenomenologia Crítica: um coletivo dedicado a plantar ações no mundo através da organização política e social, fruto do encontro entre docentes e discentes do curso “Fenomenologia Crítica: ações clínicas educacionais e institucionais” do Instituto Sedes Sapientiae. Uma das principais ações do Núcleo é o Plantão Psicológico On-line, que foi criado no início da pandemia de COVID-19 no Brasil, como iniciativa clínica e política de atenção à saúde mental da população em geral, em tempos de restrição acentuada de acesso a serviços e de acirramento das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Fenomenologia crítica; Decolonialidade; Fenomenologia hermenêutica; Plantão psicológico.

PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE: ESTRUTURA, PROPOSTA E ESPECIFICIDADES

Elisa Cavalheiro Crema

No início da pandemia de COVID-19 no ano de 2020 iniciamos um projeto de plantão psicológico *on-line* com o objetivo de oferecer à população um espaço de acolhimento e escuta clínica em caráter de urgência. O plantão se caracteriza como uma possibilidade de atendimento psicológico que acontece em encontros pontuais, oferecendo escuta, acolhimento, compreensão e abertura para novos olhares. A construção desse projeto fundamentado na metodologia fenomenológica hermenêutica se deu de forma coletiva pelos membros do Núcleo de Fenomenologia Crítica, imerso em discussões e reflexões derivadas da sua própria prática nos atendimentos, bem como a partir de estudos e experiências clínicas anteriores na modalidade de plantão psicológico. A estruturação desse plantão psicológico *on-line* passou pela discussão de quais organizações e ferramentas seriam usadas pelas/os psicólogas/os, quem era o público que queríamos acessar e como foram se construindo as diferentes frentes de formação continuada, estudos e cursos dentro do Núcleo de Fenomenologia Crítica. O manejo clínico e a proposta do plantão como um espaço de construção conjunta que visa esclarecimento de demandas da/o atendida/o são aspectos centrais na fundamentação desse serviço. Outro ponto importante diz respeito às especificidades que fomos percebendo e incorporando ao nosso plantão, como por exemplo, a questão da autonomia e da liberdade na hora do atendimento por parte da pessoa que nos procura, a acessibilidade que o *on-line* traz e os deslocamentos que ocorrem no setting terapêutico quando nos disponibilizamos a estar nessa nova modalidade de plantão psicológico. Ao longo deste período, fomos nos deparando com muitos desafios que trouxeram questionamentos e reflexões que nos ajudaram a definir o que fazemos e seguimos nesse processo de construção contínua conforme a prática vai suscitando novas questões. O plantão, embasado tanto no método fenomenológico hermenêutico, como em uma fenomenologia decolonial e crítica, nos convida a olhar de maneira próxima para cada atendimento nas particularidades daquele encontro. A construção desse saber-fazer, fomentada nas trocas nos momentos de supervisão, coloca a caminho, a cada vez, nossa proposta de plantão psicológico *on-line*.

Palavras-chave: Fenomenologia decolonial; Plantão psicológico; Atendimento *on-line*; Fenomenologia Crítica; Pandemia.

PLANTÃO PSICOLÓGICO *ON-LINE*: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DESSA MODALIDADE DE ATENDIMENTO

Lívia Mendes Miyasato

A partir da proposta de construir um plantão psicológico *on-line* fundamentado no método fenomenológico hermenêutico e em uma concepção fenomenológica crítica e decolonial, nos deparamos com alguns desafios que foram delineando o modo como o serviço foi se constituindo. Tínhamos como objetivo oferecer um espaço de escuta como caminho de esclarecimento de demandas para aquele que nos procurava, mas conforme as demandas foram se apresentando, outras questões foram surgindo. O encaminhamento logo se impôs como uma discussão necessária e nos questionamos sobre se deveríamos ou não recorrer a essa prática. Percebemos que ter como horizonte um encaminhamento posterior poderia trazer um alívio para nossa angústia frente aos sofrimentos, porém ao mesmo tempo diminuía a potência do plantão, pois entendemos que ela reside na apropriação do/a atendido/a em relação ao seu próprio processo. Nesse sentido, identificamos que corríamos o risco de, ao recorrer indiscriminadamente ao encaminhamento para, por exemplo, psicoterapia, descaracterizar o espaço próprio do plantão, esvaziando o encontro. Pensar cuidadosamente sobre cada encaminhamento, quando e se necessário, a partir de cada atendimento, tornou-se fundamental. Temos como princípio preservar a autonomia e a liberdade da pessoa atendida diante de sua própria vida, ou seja, como ela vai responder ao que se sente solicitada frente ao relatado no plantão cabe a ela enquanto escolha. Muitas vezes percorremos junto a ela possibilidades e identificamos recursos, mas não direcionamos, é ela quem vai se encaminhar a partir do que aparece no atendimento. Partimos também da proposta do plantão como atendimentos pontuais, porém algumas pessoas começaram a retornar, levando a nos questionar sobre como deveríamos lidar com esses retornos. Um dos nossos principais receios era consolidar uma espécie de processo contínuo, como na psicoterapia. Entendemos que precisaríamos pensar a cada caso o que significava o retorno e essa compreensão deveria ser conversada com a pessoa, uma vez que falava também da demanda que se apresentava. Essas questões tangenciam a construção do plantão psicológico em suas especificidades em relação aos atendimentos de triagem, psicoterapia e psicoterapia breve e, ao mesmo tempo que revelam limites importantes do que fazemos, apontam para nossos fundamentos e fortalecem com a clareza do que nos propomos a fazer.

Palavras-chave: Fenomenologia decolonial; Plantão psicológico; Atendimento *on-line*; Fenomenologia crítica; Pandemia.

PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE: ATRAVESSAMENTOS DE CLASSE, GÊNERO, RAÇA E O LUGAR DO PLANTÃO NO CONTEXTO GERAL DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Luis Eduardo Cobra Lacôrte

A crise sanitária mundial que assolou o Brasil a partir de março de 2020 provocou mudanças significativas no tecido social. A imposição do isolamento e das demais restrições de convívio coletivo, fundamentais para a contenção da pandemia, comprometem de forma significativa as relações afetivas e sociais, resultando em cargas emocionais sentidas de diferentes maneiras nas pluralidades de singularidades dos viventes. O presente é marcado de um lado pelas ações solidárias, criativas e singulares referentes ao enfrentamento dessa realidade e, de outro, pela indeterminação e desesperança coletiva, bem como por consequências que escancaram a inequidade brasileira e impactam de diferentes maneiras os modos de sujeições contemporâneas. Este trabalho apresenta reflexões sobre os atravessamentos de gênero, raça e classe social presentes no Plantão Psicológico *On-line* do Núcleo de Fenomenologia Crítica, partindo de atendimentos realizados durante o período da pandemia, visando explicitar a importância dessa prática como ação clínico-política. Em meio a múltiplas crises na saúde, política e economia, que evidenciam e acentuam relações construídas historicamente que produzem e reproduzem desigualdades e ausência de acesso a direitos fundamentais, o Plantão visa alcançar um público de maior vulnerabilidade social, por meio da abordagem da Fenomenologia Crítica como uma construção decolonial para oferecimento de serviço de atenção pontual às questões de saúde mental. Através de um olhar construído criticamente nos espaços do projeto para delineamento dos fundamentos éticos, políticos e sociais, nossas ações visam fortalecer a relação estreita entre ação e discurso na qual o ator da procura se insere. Como desdobramentos da modalidade on-line, podemos notar as dimensões de cuidado e autonomia, pois permite que se construa junto à/ao plantonista diferentes maneiras de encontros, estimulando a liberdade da/o paciente de se mostrar da forma como escolhe dentro de suas possibilidades. Vimos que essa acessibilidade contempla uma variedade de gêneros, idades, classes sociais, etnias e cores, favorecendo a expressão de pluralidades.

Palavra Chave: Plantão psicológico on-line; Fenomenologia Crítica; Ação clínico-política.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO RIO DE JANEIRO

**INVENÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA: EXPERIÊNCIA DE ALUNOS
DA GRADUAÇÃO DO LEFE/IPUSP**

Elaine Lopez Feijoo
Flávia Moreira Protasio
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Resumo da mesa

Desde março de 2020 estamos vivendo uma situação de pandemia que, no Brasil, já resultou em mais de 500 mil mortos. As estatísticas apontam que para cada pessoa falecida corresponde pelo menos três pessoas enlutadas. Atentos e preocupados com essa situação que se instalou em nossa rotina, o Núcleo de Pesquisas do IFEN, coordenado pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, numa parceria com o LAFEPE/UERJ – Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da UERJ – também coordenado pela professora Ana Maria, organizou a pesquisa que dá título a esta mesa institucional, intitulada Morte, luto e psicoterapia em tempos de Corona vírus. A equipe envolveu as seguintes pessoas, além da coordenadora, Ana Maria Feijoo: Elaine Lopez Feijoo (IFEN); Elina Eunice Montechiari Pietrani (UVA e UNIFASE); Elvira Maria Silva Lopes (IFEN); Flávia Moreira Protasio (IFEN); Jaynete de Sousa França (graduação-UERJ); Marcia Noleto (IFEN); Maria Bernadete Medeiros Lessa (IFEN); Mônica Ferraz (IFEN); Myriam Moreira Protasio (IFEN) e Valéria Marques Rocha (IFEN). O projeto começou como uma pesquisa-ação que tinha como propósito abrir um espaço de escuta aos enlutados numa disponibilidade que, ao mesmo tempo em que os ouvia e os acompanhava em seu processo de luto, buscava compreender o modo como eles eram afetados e correspondiam à situação que estavam atravessando. Nosso objetivo principal era poder, a partir dessa investigação, constituirmos uma base rigorosa para articularmos o manejo clínico psicológico com pessoas enlutadas pela perda de pessoas queridas durante a Covid-19. A pesquisa foi se desdobrando e resultou em dois artigos – já submetidos para publicação. É sobre estes dois braços da pesquisa que discorreremos nesta mesa. O primeiro ramo da pesquisa teve como objetivo compreender o comportamento do homem em situações de pandemia, enquanto o segundo teve o objetivo de apontar para outro modo de lida da dor do luto, que se agrava com a interdição do ritual dos velórios e sepultamentos em época de COVID-19, para além daquilo que prescrevem os manuais e códigos de doenças mentais, que orientam aos profissionais da saúde como proceder para superar a dor e a solidão dos enlutados.

Palavras-chave: Psicologia; Pandemia; Covid-19; Sepultamento; Luto.

AS ENIGMÁTICAS EXPRESSÕES DO HOMEM FRENTE ÀS PANDEMIAS

Flávia Moreira Protasio

Este estudo faz parte da pesquisa intitulada *Morte, Luto e Psicoterapia em tempos de Coronavirus* coordenada pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e tem como objetivo compreender o comportamento do homem em situações de pandemia. Percorremos a história das afetações sofridas durante as pandemias, nos aproximando das diferentes expressões do homem frente a algo que, em dado momento, assola a humanidade. Para alcançar nossos objetivos, realizamos pesquisa bibliográfica que incluiu matérias veiculadas em jornais de grande circulação, artigos científicos e dispositivos da Organização Mundial da Saúde e da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro. Acreditamos ser de grande relevância acompanhar o comportamento do homem em diferentes períodos de epidemias, para, assim, entendermos mais claramente o que acontece hoje, aproximando-nos do modo como os homens enfrentaram as pandemias e das soluções e dificuldades encontradas. Concluímos que, frente à morte que se escancara no nosso cotidiano, nossa condição humana de mortais e vulneráveis se mostra, retirando-nos a ilusão de poder e controle. Em meio a crises como as provocadas por pandemias, as ações do homem se fazem presentes em suas expressões de ambiguidade, temor, desconfiança, descrença, indiferença e, ainda, pela surpresa. Enxergamos que muito do que ocorreu em outras pandemias se repetiu nesta que estamos vivendo, assim como foi possível identificar as peculiaridades de nossa própria época que está lançada à tarefa de lidar com o que lhe vem ao encontro, nas condições que lhe são dadas. Essa lembrança pode nos tirar da ilusão de que, no século XXI, com os avanços médicos e tecnológicos, não seremos mais atingidos por pandemias ou outros acontecimentos. Trazemos assim à recordação nossa condição mais originária de sermos lançados à precariedade em que todos nós nos encontramos. Por fim, de posse dessas informações constatamos que a atuação do psicólogo, para além da confecção de cartilhas e manuais, deve compreender também as expressões enigmáticas presentes em épocas de pandemia. Esse profissional acolhe o outro frente a sua expressão de vulnerabilidade e medo, bem como frente a sua expressão de indiferença e descrença. O psicólogo sabe que tudo isso mostra o caráter de liberdade do homem que grita e se faz aparecer e, assim, pode acolher qualquer realidade, até mesmo essa que até então parecia inusitada.

Palavras-chave: Psicologia; Pandemia; Covid-19; Saúde.

A EXPERIÊNCIA DE SEPULTAMENTO E LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Elaine Lopez Feijoo

Este estudo faz parte da pesquisa intitulada *Morte, Luto e Psicoterapia em tempos de Coronavírus* coordenada pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e tem como objetivo apontar para outro modo de lida da dor do luto, que se agrava com a interdição do ritual dos velórios e sepultamentos em época de COVID-19, para além daquilo que prescrevem os manuais e códigos de doenças mentais, que orientam aos profissionais da saúde como proceder para superar a dor e a solidão dos enlutados. Para alcançar esse objetivo, primeiramente, investigamos como em outras épocas, em que a humanidade atravessou momentos de pestes, epidemias e pandemias, ocorreram os sepultamentos e a experiência dos enlutados. Com isso, concluímos que a situação que atravessamos hoje com o COVID-19 não é muito diferente do que aconteceu em épocas anteriores. Nos dias atuais, a morte e, com ela, a pessoa, tornam-se invisíveis, passam a fazer parte das estatísticas. Por outro lado, pessoas próximas, muitas vezes, queridas, se foram, ou precisam ser mantidas à distância dos seus familiares e amigos. Como constatam Barboza e Almeida (2020), ocorre uma interrupção de contato do doente com familiares, profissionais da saúde e da sociedade em geral, desde o momento em que a pessoa é diagnosticada com o vírus SARS-CoV-2, dificultando, ou mesmo impedindo, não só o acompanhamento de seu estado, como também seu processo de morte, caso esta venha a ocorrer. A realização de cerimônias fúnebres culturalmente adotadas e até o sepultamento ou a cremação do falecido são destituídas de seu valor, frente à realidade do fim ao modo pandêmico. Na mesma linha, Araújo (2020), ao lembrar as imagens das longas filas de caminhões do Exército levando corpos de vítimas da COVID-19, em Bérgamo, na Itália, para serem cremados, destaca que a morte pelo novo coronavírus vem recebendo, pelos italianos sobreviventes, o nome de dupla-morte, uma vez que, sem a possibilidade da despedida de seus entes próximos, os enlutados vivem as marcas psíquicas desse impedimento. Há nessas denominações e declarações o prenúncio da solidão que abate não só os doentes que ficam isolados nos hospitais, como também aqueles que sobreviveram e tiveram sua experiência de luto sem o conforto de outras pessoas que poderiam ao menos abraçá-los.

Palavras-chave: COVID-19, Sepultamento, Luto, Psicoterapia.

UMA PERSPECTIVA CLÍNICA COMPREENSIVA EM SITUAÇÕES DE LUTO

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Este estudo faz parte da pesquisa intitulada Morte, Luto e Psicoterapia em tempos de Coronavírus coordenada pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFE, que tem como objetivo apresentar a atuação clínica norteada por uma perspectiva fenomenológico-existencial no enfrentamento da dor pelo luto ocasionadas pela pandemia de COVID-19. Diante da gravidade e urgência da situação pandêmica, esta pesquisa intervenção foi de suma importância na medida em que ao mesmo tempo que investiga, desenvolve um trabalho clínico com os enlutados. Realizamos um estudo dos manuais psicológicos que visam orientar os enlutados traçando um modo de lida com a morte que pode ser correto, mas pode não alcançar a experiência daquele que sofre. Vimos que os diferentes códigos permitem diagnosticar a gravidade da dor do luto e os manuais indicam os comportamentos que os enlutados devem acionar para enfrentar a dor. A nossa proposta é que possamos atuar para além dos manuais e códigos, em uma perspectiva fenomenológico-existencial em psicologia clínica. Isso significa que a nossa lida com a dor do luto em tempos de COVID-19, consiste em acolher, em caráter singular, o enlutado em sua dor prescindindo da necessidade de categorizações e consequentes identidades diagnósticas universais. Destacamos que a experiência do luto vai aparecendo na medida em que nos afinamos com a dor do enlutado. Não se trata de algo fixo, fora do percurso, vem daquele que sofre a dor e não para ele. Assim, o luto tal como compreendido na perspectiva fenomenológico-existencial não deve ser considerado como patológico. Acreditamos que quando a experiência do enlutado se define no como deve ser a experiência do luto, a própria experiência se esvai, reduzindo sua potência. Para tanto, esclareceremos o modo não dicotômico como enxergamos vida e morte, dor e alegria. E nessa cadência poder acolher momentos de luto ao mesmo tempo que acolhemos a vida que punge. Em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica, consideramos que o modo de ser dos homens se constitui em meio ao espírito de sua época (*Zeitgeist*). Sendo assim, precisamos compreender como nossa época articula o sentido da morte, do luto e da pandemia, para então poder tornar mais compreensível a lida dos sobreviventes da pandemia com o luto.

Palavras-chave: Psicologia; Psicoterapia; Pandemia; Covid-19; Luto.

**INVENÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA: EXPERIÊNCIA DE ALUNOS
DA GRADUAÇÃO DO LEFE/IPUSP**

**ESCUA OPORTUNA E CUIDADO: PLANTÃO “PSICOLÓGICO” COMO POSSIBILIDADE DE
CUIDADO INTERPROFISSIONAL EM SAÚDE**

Pedro Vitor Barnabé Milanesi
Henriette Tognetti Penha Morato
André Prado Nunes
Carla Caminata Carminholi
Heloísa Antonelli Aun
Laiz Maria Silva Chohfi

Resumo da mesa

Poucos dias após o início da pandemia do novo coronavírus, o Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) junto a docentes e técnicos da Clínica-Escola do IP-USP (CEIP), organizou o Projeto Apoio Psicológico Online (PAPO) com vistas a oferecer atendimento pontual e emergencial às pessoas impactadas pela pandemia. O vigor desse projeto chamou a atenção da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP) e articulou-se, entre outras ações, uma plataforma de formação (aperfeiçoamento) e atenção à saúde, o Autoestima, visando a formação continuada dos profissionais de saúde do SUS-SP e atenção remota à população. Um dos cursos oferecidos é o “Escuta Oportuna como cuidado em saúde mental na situação de Pandemia”. A presente comunicação tem por objetivo refletir, a partir da experiência do LEFE nos grupos de supervisão que compõem o estágio do curso, o caráter interprofissional que a escuta, tal como compreendida no curso, pode ter. Entende-se por oportuna, a temporalidade aberta no sofrimento humano e discute-se como esta pode ser o fundamento articulador do sentido do cuidado e possível modo de organização das ações em saúde. A escuta, assim compreendida, busca apreender as aberturas a possíveis modos de existir que urgem no sofrimento. Para tanto faz-se necessário que o/a profissional de saúde se coloque a escutar e tecer a narrativa dos acontecimentos que irromperam no sofrimento e, a partir da historicidade, vislumbrar e aproximar um devir possível a ser cuidado. Dado o caráter singular da temporalidade no sofrimento, tal escuta exige que a perspectiva técnica do cuidado à saúde seja colocada em segundo plano num primeiro momento para que possa ser retomada como possibilidade de cuidado, mas enredada à historicidade de quem sofre. Por essa perspectiva fomos levados a questionar o caráter propriamente psicológico do plantão, uma vez que o sofrimento pode e deve ser cuidado por todos aqueles que se propõem a serem profissionais de saúde.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Fenomenologia Existencial; Interprofissionalidade em saúde.

PLANTÃO PSICOLÓGICO NO HU: POLÍTICA E HISTORICIDADE DAS PRÁTICAS DE CUIDADO

Bárbara dos Santos Chagas

Discente do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)

Fernanda Nardoni

Pós graduanda de Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP)

Seria impossível imaginar que o Plantão Psicológico no Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (HU) se manteria o mesmo ou que novos caminhos não precisariam ser traçados e repensados devido à retirada dos plantonistas do seu território de atuação durante a pandemia. A cartografia clínica - ação investigativa concebida em trabalhos de campo no Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia USP (IPUSP) - mostrou-se, portanto, um movimento essencial para a produção de reflexões no projeto, uma vez que era preciso compreender o atual contexto e singularidades da instituição e dos atores sociais para elaborar possíveis intervenções em meio a tantas mudanças indispensáveis na tentativa de controlar a proliferação do vírus, como por exemplo, a necessidade do isolamento social. Nesse sentido, ao longo dos últimos meses, nós, plantonistas, nos deparamos com diversas questões que não só se relacionavam com as dificuldades causadas pela pandemia de Covid-19, mas também questões que já se manifestavam no plantão no HU desde o seu surgimento, como a rara busca por atendimento por parte dos profissionais de saúde. Dessa forma, o resgate histórico do LEFE e do Plantão Psicológico foi fundamental para compreender que tipo de cuidado era possível oferecer e assim encontrar modos possíveis de nos disponibilizarmos. Nesse movimento de prática e reflexão, antes e durante a pandemia, fomos redescobrimo o potencial terapêutico da própria disponibilidade dos plantonistas. Assim, a importância do projeto se mostra na busca pela garantia de espaços abertos para acolher os profissionais, se e quando desejarem. Ação essa que não se faz descolada de uma possibilidade de assumir e sustentar uma posição política diante do oferecimento de cuidado, que se dá desde a abertura de escuta para os trabalhadores da saúde, não restringindo-a apenas para pacientes e acompanhantes do HU, até o cuidado para não atender uma demanda institucional que fosse capaz de silenciar queixas sobre condições de trabalho.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; cartografia clínica; HU; pandemia.

A VIVÊNCIA NO ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO ONLINE EM PANDEMIA

Gabriel Leite de Abreu Gomes
n° USP: 9773785

O Atendimento em Plantão Psicológico do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) nasceu enquanto modalidade clínica que se propôs a atender quem recorresse à Psicologia em busca de cuidado em momentos de crise. Sediado na Clínica-Escola do Instituto de Psicologia da USP, os atendimentos presenciais ocorriam semanalmente no período letivo, realizados por duplas de alunos supervisionados, atendendo à demanda de quem se apresentasse e registrasse na fila de espera. Diante da pandemia de Covid-19, o APP vinculou-se ao Projeto de Apoio Psicológico Online do IPUSP, oferecendo um espaço de escuta para membros da comunidade USP e profissionais da saúde através de plataformas online. Nesse novo contexto, os atendimentos passaram a apresentar características inéditas em relação ao seu formato prévio, tais como a sensação de distanciamento decorrente da incorporação da tecnologia na interação com o cliente, a identificação com as situações trazidas em sessão dado o caráter universal da pandemia, a falta de possibilidade de contato com as supervisoras no momento da sessão - como ocorria nas supervisões de meio - e o senso de continuidade e estranhamento advindo da duração proposta de 2 a 3 encontros do novo projeto, no lugar de encontros singulares. Tal situação despertou medos, inseguranças e dúvidas, que foram gradualmente trabalhados por alunos e supervisores ao longo do tempo, além do questionamento de como se disponibilizar aos encontros e desencontros e oferecer o possível. Nessas experiências de atendimento, os alunos foram convocados a pensar sobre seus próprios afetos; a lembrar de seus limites, de suas possibilidades e impotências; a encarar seus próprios rostos antes, durante e depois dos encontros virtuais realizados. Assim, nossa atividade se revelou, principalmente, em um estar-junto ao outro, seja no momento de atendimento ou de supervisão, como um dizer do afeto que tomou conta de si a partir do contato com o outro, que diz como viu a si próprio nele e como isso impactou-o, e que assim permitiu-se comover, ou seja, mover-se com o outro. Destacou-se nos grupos a árdua tarefa de caminhar em uma direção que haja acolhimento e amparo, ainda que por um período breve e pontual dentro das sessões, para que, em um momento de respiro, os clientes pudessem compartilhar com os plantonistas e trabalhar conjuntamente para levantar o peso que carregavam, abrindo novos caminhos para se lançar em sua trajetória no mundo.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Formação em Psicologia; Supervisão; Atendimento Online; Fenomenologia Existencial.

**“PSICO NO DJ”: EXPERIÊNCIA DE GRADUANDOS EM ATENDIMENTO PSICOLÓGICO
ONLINE**

Thais Souza Bellucci
nº USP: 9820255

O Departamento Jurídico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP (DJ) possui uma parceria com o LEFE desde 2001, o que proporciona um trabalho interdisciplinar fundamental para capacitação profissional tanto da Psicologia quanto do Direito. A atuação da Psicologia no DJ viabiliza uma construção mútua: primeiras experiências clínicas aos estudantes de Psicologia, fundamental para nossa formação, concomitantemente ao acolhimento dos assistidos pela instituição. Somos constantemente atravessados por relatos dolorosos, angústias pessoais, dilemas éticos, preconceitos, julgamentos e revoltas sociais, o que dá base e experiência para nossa construção profissional, para compreensão da função do psicólogo e para as limitações da nossa atuação. Trabalhamos em forma de Plantão Psicológico Online, com 2 a 3 encontros em média com cada assistido ou estagiário do DJ. Atuamos em duplas, sempre com um “novato” e um “mais experiente”, para que o “mais experiente” oriente quem está iniciando no projeto. Temos o costume de sempre conversar com nosso parceiro após o atendimento para contarmos como nos sentimos, além de termos as supervisões, individuais e em grupo, com uma doutoranda como supervisora geral e quatro supervisores de campo, o que nos fornece suporte para os atendimentos e nos proporciona formação por meio dos relatos dos colegas. O procedimento de atendimento se inicia pelo aceite do assistido pelo DJ, que realiza rodas de conversa diariamente para distribuir os casos para os estagiários do Direito. Estagiários da Psicologia também participam dessas rodas a fim de oferecer suporte e de sugerir nosso serviço quando pode ser benéfico. Quando os estagiários do DJ contatam o assistido, eles oferecem o atendimento psicológico do LEFE, e, conforme interesse, eles nos encaminham o caso. Isso faz com que tenhamos também experiência com questões jurídicas, além da própria prática psicológica em si. Os casos mais comuns do DJ que solicitam o auxílio do LEFE são majoritariamente de violência, principalmente doméstica, mas também de maus tratos e de abandono. Também costumamos atender pessoas com sofrimento psíquico grave, em cujo delírio há uma demanda jurídica, por isso procuram o DJ. Além disso, há casos de ações contra a USP ou outras instituições com relação à matrícula, desentendimentos em comunidades, problemas de condomínio ou de vizinhança, ações trabalhistas e processos de pensão alimentícia.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Acesso à Justiça; Formação em Psicologia; Supervisão; Interdisciplinaridade.

**A PRESENÇA DA FENOMENOLOGIA NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: A EXPERIÊNCIA
DA UFRN**

Cynara Carvalho de Abreu
Symone Fernandes de Melo
Elza Dutra

Resumo da mesa

A mesa-redonda é composta por docentes do curso de psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN que, atuando em campos diversos, têm entre os fundamentos de seu saber-fazer, a perspectiva fenomenológico-existencial. Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty fundamentam o trabalho desenvolvido, em atividades de pesquisa, ensino e extensão. Em uma época marcada por processos formativos pautados na técnica, em seu sentido moderno, o grupo de docentes segue por rotas alternativas, trazendo uma perspectiva de produção pautada na ideia de techne. Desta forma, fomenta no cenário acadêmico questionamentos acerca dos modos de ser contemporâneos, enfocando temáticas existenciais. Objetiva-se compartilhar reflexões e experiências que têm por cena uma instituição de ensino na qual a perspectiva em foco tem forte presença na formação em psicologia.

DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PSICOTERAPEUTAS NA PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL NO CENÁRIO PÓS-MODERNO

Symone Fernandes de Melo

O trabalho a ser apresentado aborda o processo de formação de psicoterapeutas na perspectiva fenomenológico-existencial. Parte-se da experiência como supervisora de estágio em uma instituição pública de ensino superior, para tematizar os desafios de uma proposta formativa que suscita questionamentos em relação a um horizonte histórico marcado pela técnica e pelo que Heidegger anunciara como “fuga do pensamento”. O início do século XXI traz a marca de uma intensa crise econômica, humanitária e ética mundial. No campo científico, evidencia-se um tempo de recrudescimento do paradigma cartesiano, do culto à razão, em um cenário social onde os modos de ser são pautados pelo sistema capitalista ora vigente, que traz a marca da racionalidade neoliberal. Frente a tal cenário, discute-se sobre os desafios de ser psicoterapeuta em um mundo em crise e o imperativo de trazer à formação a necessária leitura de mundo. No percurso reflexivo, são levantadas questões como: o que se espera hoje deste profissional? O que lhe cabe ofertar? Como, em uma trama tecida entre o silêncio, a escuta e a fala, é possível acolher o sofrimento em meio a um mundo cada vez mais inóspito ao homem? Como exercer um ofício pautado na ética do cuidado em um tempo marcado pelo ideário produtivista? Constata-se que a busca por psicoterapia tem sido cada vez mais marcada pelos ditames da pós-modernidade. A expectativa é de uma abordagem técnica, que promova uma resposta rápida e possibilite, não um questionamento, mas uma adaptação ao horizonte histórico vivido, o que se constitui em uma armadilha aos terapeutas iniciantes. Em um tempo de retrocessos e rupturas, a fenomenologia existencial apresenta-se em contraposição ao que está posto, constituindo-se em rota alternativa, em sintonia com um movimento no campo da clínica que busca o resgate da dimensão ético-ontológica do humano. Concebe-se que contemplar, ler e interpretar mundo, construir uma composição de silêncio, escuta e fala, de modo que, em meio a uma trama de formações discursivas sedimentadas, emergja uma fala original; subverter a relação com o tempo; contrapor à intensidade dos afetos, a serenidade que precisa encontrar abrigo na clínica são, portanto, tarefas essenciais do psicoterapeuta na atualidade, no processo de construção de uma clínica mais ética do que técnica. Percorrer tal caminho junto a alunos em formação é o desafio daqueles que se propõem a formar psicoterapeutas na perspectiva fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: clínica, formação, psicoterapia, técnica, ética.

**ABRAMD-FENOMENOLOGIA: USO DE DROGAS E DESAMPARO ÉTICO-POLÍTICO NA
CONTEMPORANEIDADE**

Prof. Dr. Marcelo Sodelli

Depto de Métodos e Técnicas do curso de Psicologia da PUC-SP

André Pimenta de Melo

Mestrando em Saúde Coletiva pela FCm-UNICAMP

Prof^a Dr^a Daniela Ribeiro Schneider

Departamento de Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN,
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo da mesa

A presente mesa apresenta as reflexões que vêm sendo desenvolvidas pela ABRAMD-Fenomenologia, grupo de profissionais que trabalham e pesquisam na área de drogas, filiado à ABRAMD-Nacional, unidos não só pela perspectiva fenomenológica, mas fundamentalmente, pela vertente antiproibicionista. A mesa está dividida em três apresentações, a primeira, versa sobre a temporalidade e os desdobramentos na compreensão do uso de drogas.; a segunda, consiste em apresentar o tema do uso de drogas e pensamento decolonial e, e a terceira, discute sobre reflexões existencialistas e o desamparo ético-político na contemporaneidade. Não obstante, sem desconsiderar a singularidade de cada apresentação e sua contribuição para a melhor compreensão do fenômeno do uso de drogas, o mais importante é ressaltar que as três falas convergem para uma mesma direção: a urgência do total rompimento com as atuais políticas de drogas. A Fenomenologia tem a obrigação ética-política de desvelar o fracasso total da famigerada “Guerra às drogas”. Afinal, não existe guerra às drogas, mas sim, guerra às pessoas, o que no Brasil significa guerra a uma população específica: as pessoas pobres e negras.

**O USO DE DROGAS NO NOSSO TEMPO E O TEMPO COMO HORIZONTE FUNDAMENTAL
DO FENÔMENO DO USO DE DROGAS**

Prof. Dr. Marcelo Sodelli

Depto de Métodos e Técnicas do curso de Psicologia da PUC-SP

Pensar sobre o uso de drogas é pensar sobre a condição humana. Porém, nos últimos 100 anos, via a vigência da postura proibicionista, o que presenciamos foi justamente a tentativa de obscurecimento desse fenômeno. Forçoso é admitir que o uso de drogas é entendido no nosso tempo como uma fraqueza humana, como um desvio de caráter, como uma doença química, enfim, como algo que a todo custo deve ser eliminado. Esse sentido sustenta as políticas proibicionistas que, além de serem ineficazes, provocam mais danos (morte) à sociedade do que o próprio consumo de drogas. O pensamento fenomenológico de Martin Heidegger, tanto em sua primeira fase quanto a segunda, descortina o fenômeno humano a partir de outras condições ontológicas, rompe com a noção de natureza humana, abre um caminho radical para a psicologia; o fenômeno humano compreendido na sua temporalização. A partir da fenomenologia-hermenêutica heideggeriana é possível compreender o uso de drogas na sua dimensão temporal, o que marca a singularidade dessa experiência. O uso de drogas é agora entendido como um possível, como uma possibilidade vinculada à própria vulnerabilidade do existir humano, ou seja, ao fundamento da nulidade do “ser” do ser humano. A temporalização do existir humano afinado pelas tonalidades afetivas abre os modos de ser no mundo, abre a tarefa intransferível de ter que cuidar do próprio ser. Onticamente, como o uso de drogas se relaciona com o fundamento temporal do nosso existir? Nessa direção, torna-se evidente a impossibilidade de extinguir o fenômeno de uso de drogas no nosso mundo, já que para isso acontecer teríamos que mudar a própria condição humana. Torna-se fundamental aproximar o pensamento fenomenológico com a postura de Redução de Danos, revisitando todas as possibilidades de trabalhos de prevenção como os projetos terapêuticos.

Palavras-chaves: Fenomenologia-Hermenêutica; Temporalidade; Uso de Drogas; Redução de Danos.

DROGAS, COLONIALIDADE E DESAMPARO: QUESTIONAMENTOS FENOMENOLÓGICOS E DECOLONIAIS

André Pimenta de Melo

Mestrando em Saúde Coletiva pela FCm-UNICAMP

O presente trabalho busca elaborar uma compreensão crítica sobre o fenômeno do uso de drogas, e do uso problemático de drogas em particular, na contemporaneidade através das reflexões fenomenológico-hermenêuticas de Martin Heidegger, Enrique Dussel e Nelson Maldonado-Torres, considerando a dimensão do desamparo ético-político decorrente da violência institucional do Estado quanto da nova pandemia da coronavírus e os conflitos dela derivados. Para isso alia-se uma crítica da Modernidade tanto pela reificação da existência dela decorrente, tal como apontado por Heidegger, quanto pela sua vinculação ao projeto colonial de dominação e silenciamento dos povos não-europeus como apontado por Dussel e Maldonado-Torres. Assim considera-se uma reflexão histórica sobre as drogas, o paradigma Proibicionista e a Guerra às Drogas tendo em vista um arco histórico mais amplo vinculado a Modernidade e a Colonialidade, sua face oculta. Pretende-se com isso indagar se o sustentáculo do proibicionismo nos processos de moralização, medicalização/patologização e criminalização das drogas ancora-se em um processo mais amplo de violência epistêmica, marcado pela dominação ideológica europeia, negando a contribuição de saberes oriundos de outras matrizes epistemológicas dentro das políticas de drogas. Na mesma direção, discute-se como a Guerra às Drogas reproduz opressões de gênero, raça e classe, operando uma seletividade penal de seus alvos em plano local, e uma seletiva repressão do tráfico em plano internacional. Tal efeito, portanto, aproxima-se daquilo que Frantz Fanon indicou com a produção de zonas de “não-ser”, consideradas por Maldonado-Torres fundamentais para uma compreensão adequada da existência dos povos do Sul Global, marcada por aquilo que ele denomina Colonialidade do Ser. Por fim, indaga-se como a pandemia do novo coronavírus tem articulando-se com estes processos e seus possíveis desdobramentos, considerando tanto os avanços da pauta proibicionista em determinados contextos, quando do aumento do sofrimento psíquico e de sua possível medicalização associada ao consumo de psicotrópicos.

Palavras-chaves: Drogas; Proibicionismo; Fenomenologia-Hermenêutica; Modernidade/Colonialidade

REFLEXÕES EXISTENCIALISTAS SOBRE USO DE DROGAS E O DESAMPARO ÉTICO- POLÍTICO NA CONTEMPORANEIDADE

Prof^a Dr^a Daniela Ribeiro Schneider

Departamento de Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN,
Universidade Federal de Santa Catarina

Sartre discute na biografia sobre Flaubert, intitulada de “O idiota da família”, o conceito de “neurose objetiva”. O existencialista reflete ali o quanto certas respostas patológicas são condições de possibilidades vivenciadas para certos sujeitos no enfrentamento de um dado momento histórico. Por isso, conforme a época, são certas psicopatologias que predominam. No final do século XIX, com a racionalidade moralizadora e a repressão sexual, a questão predominante da histeria; em tempos de transformação do mundo do trabalho e das exigências do ritmo da produção, o predomínio de quadros de burnout e suicídio relacionados ao trabalho; em território urbanos dominados pela violência e insegurança, o desenvolvimento de quadros de transtorno do pânico e estresse pós-traumático; em contextos de exclusão social e miserabilidade da existência humana a escolha pela embriaguez, entorpecimento e intensidade das vivências do instante produzidas pelo uso de drogas. A contemporaneidade vem sendo uma condição geradora de desamparo, já que vivemos em uma sociedade do consumo, baseada na exigência do imediatismo, da volatilidade das relações, das exigências de produtivismo exacerbado, nas disputas de poder, na produção de exclusões sociais e construção de relações baseadas na intolerância e no ódio. Neste sentido, o abuso de drogas é uma resposta que “se encaixa como uma luva” a esses condicionantes temporais hodiernos, já que a droga absorve a pessoa na intensidade de seus efeitos, mergulhando-a na instantaneização das vivências prazerosas e no corte com as exigências futuras, oferecendo uma resposta química aos condicionantes sociológicos. A questão é que os efeitos cessam rápido e logo necessita-se a próxima dose, dinâmica que levará ao ciclo vicioso, dominado pelas experiências de compulsão e tolerância. Com isso, fica claro, que as condições epocais se dizem através das psicopatologias. O espírito objetivo nada mais é do que a cultura como prático-inerte, ou seja, a totalidade dos imperativos impostos ao homem desta ou daquela sociedade numa determinada data. Sartre questiona como estabelecer a relação entre estes dois tipos de condicionamento, ao mesmo tempo, singular e universal? Um sofrimento psíquico pode, ao mesmo tempo, valer-se das antinomias sociais e dar-se como saída individual? É exatamente essa dialética que vamos trazer para discutir a complexidade dos problemas relacionados ao uso de drogas.

Palavras-Chaves: Psicologia Existencialista; Uso de Drogas; Neurose Objetiva; Contemporaneidade.

**MESA INSTITUCIONAL POIESIS: ACOLHENDO SOFRIMENTOS EM TEMPOS DE
PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS E RELATOS DE
EXPERIÊNCIAS**

Ana Andréa Barbosa Maux
Cintia Guedes Bezerra
Kadidja Suelen de Lucena Santos
Melina Séfora Souza Rebouças

Resumo da mesa

A pandemia da COVID-19 mobilizou diversas mudanças na rotina de todos, seja pessoal, seja profissionalmente. Para as mulheres, restringir-se ao espaço doméstico tem requerido manejo e reorganização de limites entre a vida familiar e a vida profissional, uma vez que, no horizonte histórico em que vivemos, os papéis delegados a homens e mulheres ainda se mostra bem desigual, com destaque especial aqueles papéis que envolvem a administração de uma casa e de uma família. As obrigações domésticas e os cuidados com os filhos costumam ser delegados às mães e, na medida em que a família precisou ficar restrita aos limites da privacidade do lar, as mulheres precisaram de jogo de cintura para administrar todas as mudanças domésticas e, ao mesmo tempo, reajustar-se em suas demandas profissionais para se adaptar ao modelo de trabalho remoto. Nesta mesa institucional, as provocações giram em torno das mulheres e suas experiências, seja a partir de reflexões de psicólogas com a prática dos atendimentos remotos, discutindo seus limites e possibilidades, seja a partir de provocações a respeito do aumento da violência doméstica contra mulheres e a desproteção que as medidas sanitárias lhe impuseram.

UMA EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO *ON-LINE* À LUZ DA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

Cintia Guedes Bezerra

O mundo foi impactado radicalmente com a pandemia da COVID-19. No Brasil, vivemos além da crise sanitária, uma crise política e social, contexto este que repercute intensa e negativamente na saúde da população. A morte tem sido contabilizada com números alarmantes e a falta de perspectivas de resolução ou saídas dessa problemática tem contribuído para fortes sentimentos de angústia e ansiedade. Neste trabalho, apontamos alguns efeitos desse tempo no âmbito do ensino superior, o qual precisou inaugurar um modo remoto de funcionamento em todos os níveis, desde o processo formativo ao assistencial. No âmbito da atenção aos estudantes, oferecemos um espaço de escuta aos universitários através de plantão psicológico *on-line*. Realizamos a leitura dessa experiência sob a ótica da hermenêutica heideggeriana e apontamos alguns achados a respeito dos limites e possibilidades do atendimento *on-line*, bem como da fundamental importância de se disponibilizar meios para enfrentamento de tensões e dores provenientes desse tempo. Evidenciamos o quanto o cenário pandêmico pode favorecer tanto o surgimento quanto o agravamento de expressões de sofrimento, convidando a Psicologia a se reinventar. Foi preciso enfrentar dificuldades, não só no âmbito do uso da tecnologia, mas também nas limitações com práticas de atendimento *on-line*, o que gerou questionamentos e desconstruções quanto ao que já houvera consolidado no que se refere ao saber-fazer, tendo que se abrir para práticas efetivas de cuidado por meio do ambiente virtual. O plantão psicológico, agora na modalidade *on-line* se mostrou, uma vez mais, como uma ação clínica atual e comprometida com o que podemos chamar de uma existência em trânsito, já que o mundo e com ele o seu movimento epocal e histórico nos constitui e atravessa o sofrimento em cada momento em que se manifesta. Tivemos acesso ao sofrimento particular e a dificuldades características da ruptura da cotidianidade com o necessário distanciamento social imposto pela pandemia. Ressaltamos a importância de mais pesquisas nessa esfera a fim de que práticas clínicas possam pensar a respeito da escuta do sofrimento a partir da consideração do cenário histórico e suas implicações nos modos atuais de ser e sofrer.

Palavras-chave: Ensino Superior; Terapia Online; Fenomenologia Existencial; Pandemia.

MÃES DESNATURADAS? ACOMPANHAMENTO REMOTO DE UM CASO DE ENTREGA LEGAL

Ana Andréa Barbosa Maux

Ao longo da história Ocidental, a maternidade foi se configurando como uma das principais possibilidades existenciais apresentadas e assumidas pelas mulheres. A gestação tem especial destaque em sua existência havendo a naturalização de que a gravidez eleva a mulher a uma condição quase divina. Espera-se dela comportamentos que indiquem uma dedicação total e abdicção de suas necessidades em prol dos filhos, além da subordinação de quaisquer outras possibilidades existenciais à maternidade. Quando uma mulher entrega um bebê em adoção ela quebra a tida “ordem natural”, causando o estranhamento que a angústia dá a ver quando um acontecimento questiona a atitude natural com a qual convivemos cotidianamente. A entrega de um bebê em adoção logo após seu nascimento já é descrito em lei como possível, Porém, o olhar lançado à mulher que decide não assumir o lugar de mãe de uma criança a quem gerou e comentário como “mãe desnaturada” se mostra frequente. Através de comportamentos condenatórios ou diagnósticos que questionam sua condição de saúde mental, profissionais que assistem essa mulher reafirmam o lugar sagrado e natural na maternidade. São atitudes que se apresentam como restritivas das condições existenciais da mulher à maternidade. No atendimento a essas mulheres percebemos o quanto é difícil assumir tal decisão, sendo a culpa e o medo da condenação social aspectos descritos por elas continuamente. A atuação da equipe técnica do judiciário potiguar em casos de entrega de bebês pelas genitoras se faz a partir do espaço de escuta, acolhendo o sofrimento dessas mulheres frente a decisão de abrir mão da condição sacralizada que se apoderou de si pelo fato de ter engravidado. A pandemia da COVID-19 e as recomendações para se evitar o contato presencial, especialmente no período inicial da pandemia, impôs mudanças na condução do atendimento prestado. Neste trabalho, apresentamos a experiência de acompanhamento de uma mulher que decidiu entregar o bebê que havia gestado para que fosse adotado. O acompanhamento aconteceu de forma remota, a partir de contatos telefônicos e mensagens de texto e apenas um momento presencial, ocorrido por ocasião da audiência judicial e entrega do bebê. Buscamos lançar luz sobre as possibilidades e os limites do atendimento psicológico remoto em situações de tomada de decisão que envolve questões legais, especialmente considerando a pressão do tempo jurídico e a necessidade do acolhimento e do espaço afetivo para que a mulher possa refletir sobre a decisão e suas possíveis consequências. Também objetiva apresentar uma possibilidade de prática psicológica no âmbito jurídico sob a perspectiva fenomenológica heideggeriana.

Palavras-chave: Adoção; Psicologia Jurídica; Maternidade; COVID-19.

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS**

Kadidja Suelen de Lucena Santos

O aumento das demandas do cuidado, diminuição na produção científica e acadêmica, menor índice de participação no mercado de trabalho nos últimos 30 anos, são alguns dos desdobramentos da atual pandemia do COVID-19 para as mulheres. Na tentativa de combate ao vírus, uma das primeiras medidas de orientação à população foi ficar em casa. No entanto, esse cenário encurralou as mulheres em situação de violência doméstica, já que o principal local onde as agressões ocorrem é dentro de suas próprias casas. Os esforços de combate ao vírus e a violência doméstica, no Brasil, estão aquém da sua gravidade, mas, as medidas que ainda existem reproduzem, muitas vezes, as desigualdades sociais, raciais e de gênero, presentes no nosso horizonte histórico. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo discutir, a luz da fenomenologia existencial, como as medidas que visam proteger a vida das mulheres, não atendem ao que se propõem e podem servir como recursos de restrição e diminuição de possibilidades para as mesmas. Antes da pandemia, um dos pilares da política de enfrentamento a violência doméstica consistia no abrigamento de mulheres em casas gerenciadas pelos programas de proteção governamentais, onde as mulheres ficavam apartadas de seus contextos de origem. Dessa forma, na tentativa de proteger as mulheres a guardamos, como um objeto, uma coisa. Um vegetal também tem vida, e reduzir as medidas de combate da pandemia e da violência doméstica a esse critério é igualar a mulher ao status de coisa, pois, não acabamos com este fenômeno apenas mantendo as mulheres vivas. A contribuição que a fenomenologia-existencial traz para esta discussão é colocar em destaque o ser do homem, o dasein, que se constitui no e pelo mundo, como abertura, sendo assim, observa-se a necessidade de preservar a vida objetiva das mulheres, sem perder de vista que suas possibilidades existenciais que continuam ameaçadas e restritas. Para isso, a noção de proteção não pode ser vinculada a estar dentro ou fora de casa, mas, em garantir condições de vida existenciais e isso não ocorre sem de fato mexer nas estruturas que criam e agravam o contexto de violência. As medidas que escolhem reabrir os bares e restaurantes antes das escolas são exemplos de como as decisões de manter as mulheres em casa não são genuinamente uma preocupação com as suas vidas, mas que inclusive ajudam na manutenção das desigualdades de oportunidades e condições de vida.

Palavras-chave: Violência doméstica; Pandemia; COVID-19; Fenomenologia.

A SUPERVISÃO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL E SEUS DESAFIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Melina Séfora Souza Rebouças

A prática clínica na perspectiva fenomenológico-existencial tem como locus primordial de acesso aos fenômenos a própria existência. Enquanto ser-no-mundo, o homem está, desde sempre, inserido num horizonte de sentido das coisas, numa pré-compreensão daquilo que vem ao seu encontro no mundo. Nesse modo de pensar, os “problemas” psicológicos não se referem a um psiquismo, mas sim as condições concretas da existência, ou seja, se referem a relação ser-aí/mundo. É na própria abertura de ser-no-mundo e em sua facticidade que o homem se reconhece, se identifica, pensa, sonha e sofre. A prática clínica consiste em acompanhar o próprio movimento da existência de modo a se aproximar das identificações restritivas que imprimem uma experiência de sofrimento. A partir da fala/escuta compreensiva busca tematizar o modo como o outro cuida da sua existência, lembrando-o da sua condição de poder-ser. Considerando que a prática clínica nesta perspectiva não parte de uma postura técnica/explicativa como acontece a supervisão? E em tempos de pandemia, quais desafios foram impostos a prática clínica e ao seu ensino? É com essas inquietações que buscamos tecer reflexões sobre o ensino da prática clínica no contexto de pandemia. A supervisão clínica de modo geral é compreendida como uma espécie de treinamento técnico para a condução dos casos clínicos. Todavia, a prática clínica fenomenológico-existencial não é tomada em sua mera aplicabilidade. Não parte de um método interventivo. Considerando que a ação clínica é uma postura/atitude de disponibilidade para escutar aquele que sofre, cabe a supervisão cuidar dessa atitude. A supervisão é o espaço de abertura para que o psicólogo fale da sua própria afetação com o paciente. O olhar do supervisor não é para o paciente, mas para a relação psicólogo/paciente. É a partir dessa relação que é possível tecer uma compreensão do paciente. O psicólogo é convocado a se abrir para a incerteza do clinicar e para a imprevisibilidade do existir. Dada a vulnerabilidade da vida, fomos surpreendidos por uma pandemia que nos exigiu mudanças extremas. De repente passamos a ter uma rotina e cotidiano diferentes, um novo modo de lidar com o tempo, o espaço e os outros, como também abriu a possibilidade do adoecer e do morrer. Do mesmo modo a prática clínica precisou se reinventar, exigiu dos profissionais flexibilidade para manter os serviços mesmo à distância. Passamos a habitar o espaço virtual e com isso muitos desafios se impuseram: Como oferecer atendimento on-line? Como ensinar uma prática tão pouco conhecida? Em um ano de pandemia ainda não temos respostas, nos adaptamos por força maior e a experiência nos revelou que esta é uma prática possível e importante para o acolhimento das pessoas nesse momento de crise, mostrando que a ação clínica se faz na abertura aos próprios acontecimentos e a supervisão se apresenta como espaço de problematização da prática e de cuidado com o clínico.

Palavras-chave: Supervisão; Prática Clínica; Fenomenologia Existencial; Pandemia.

**LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL E
PSICOSSOCIAL - LACLIFEP**

NO BALANÇO DA EXISTÊNCIA: PÔR FIM À VIDA, SOFRIMENTO E HISTORICIDADE

Alessandra Sawada Bertolucci
Andréa Carla Ferreira de Oliveira
Glaucia Fernanda Soares Cabral
Pedro Pereira Cavalcante Filho
Carmem Lúcia de Brito Tavares Barreto

Resumo da mesa

Com a finalidade de apresentar os achados das pesquisas de mestrandas e doutorandos do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) serão discutidos nesta mesa o fenômeno do pôr fim à vida, em diferentes perspectivas. Para tanto, foram tecidas compreensões a partir das experiências de professores universitários e companheiros de cônjuges que apresentaram ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida; de pacientes que buscam psicoterapia pelas mesmas demandas; e ainda o relato de experiência de um enlutado por suicídio. O caminho metódico adotado foi o da Fenomenologia Hermenêutica de Heidegger e a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, tendo como recursos para a produção de dados as entrevistas narrativas e o diário de campo. As entrevistas foram realizadas tanto em plataforma digital como presencial, de acordo com a disponibilidade dos colaboradores de pesquisa, nos estados do Piauí, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Dessa forma, compreende-se que os estudos do fenômeno do pôr fim à vida podem contribuir para um outro modo de pensar o cuidado para além dos imperativos da técnica moderna.

**NO BALANÇO DA EXISTÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DE CON-VIVER COM
COMPANHEIROS(AS) QUE TENTAM PÔR FIM À PRÓPRIA VIDA**

Alessandra Sawada Bertolucci
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Normas e orientações têm sido instituídas na tentativa de prevenir o suicídio, sendo os cônjuges e outros membros da sociedade convocados a assumirem o lugar de previsão e controle dos “impulsos suicidas”, com base em sintomas e perfis estatísticos. Essas medidas protocolares são muitas vezes ofertadas sem que haja a possibilidade de compreensão e a elaboração da experiência vivida, por parte daquele que busca ou deseja a morte. A presente discussão tem por objetivo compartilhar algumas compreensões tecidas na dissertação de mestrado de uma das autoras, construída a partir do diálogo entre: narrativas de cônjuges que vivem em tal contexto; teóricos da temática em questão; diários de bordo da pesquisadora e imagens que a interpelaram ao fim de cada entrevista. As trilhas percorridas apontam para uma conjuntura propícia à lida do “suicida”, na forma do cuidado substitutivo, na medida em que se estabelece, ao longo da história, um lugar de deslegitimação e silenciamento dos possíveis desejos de pôr fim à vida. O lugar de atenção para evitar o que poderia indicar um possível “ato suicida”, para então evitá-lo, sustenta-se em um modo técnico de desocultamento dos fenômenos humanos, na medida em que nos relacionamos apenas com “perfis suicidas” e não mais com a experiência singular. Essa tentativa de previsibilidade daquilo que se dá na dimensão existencial, posiciona os cônjuges enquanto aqueles que devem salvar o outro ou ainda, como ineficientes quando falham na execução de tal função. Tais modos pré-instituídos de ser cônjuge apresentam semelhanças com os aspectos herdados do ideal romântico do amor. Em meio às modificações nas configurações das relações amorosas, o modo do desencobrimento dos vínculos conjugais, preponderante nos dias atuais, parece ser o do uso de tudo e de todos, vistos como fundo de reserva, dentro de uma lógica utilidade, manipulação e exploração. Verdadeiros passatempos em uma sociedade entediada, que cultiva as relações de cuidado de si e do outros, no modo do (des)cuido. Diante de tal horizonte, abre-se uma reflexão acerca dos modos de cuidado e a possibilidade da quebra das “identidades” encouraçadas que podem aprisionar o ser-aí em situações de sofrimento. Nesse contexto, a dimensão dialógico-hermenêutica aponta para a possibilidade de que os cônjuges possam assumir-se enquanto cuidado que são, em uma atitude de pré-ocupação antecipadora, podendo pôr-se constantemente em jogo, encaminhando-se para novos horizontes possíveis de sentido.

Palavras-chave: Conjugalidade; Suicídio; Cuidado; Fenomenologia Hermenêutica

OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E O PÔR FIM À VIDA

Andréa Carla Ferreira de Oliveira
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

O fenômeno do pôr fim à vida, considerado um problema de saúde pública, atinge diferentes classes sociais, gêneros e faixas etárias. Em cada momento da história tem assumido diferentes concepções, de acordo com a moral e ética vigentes em cada época. Na contemporaneidade, muitas vezes, é associado aos transtornos mentais, com ênfase em determinações positivistas e causalistas, na busca de explicar e prevenir a decisão de quem pensa ou decide dar cabo à vida. Este trabalho apresenta um recorte da tese de doutorado de uma das autoras que tem por objetivo compreender a experiência de professores universitários com ideações e tentativas de pôr fim à vida. Os recursos utilizados na produção de dados foram duas entrevistas narrativas e o diário de campo para compreender as narrativas dos colaboradores de pesquisa, a partir das ressonâncias da Hermenêutica Filosófica de Gadamer. Realizou-se uma entrevista com um professor com ideação e outra com uma professora com três tentativas de pôr fim à vida. As narrativas revelavam como a temática ainda é tabu entre os pares e familiares. O pôr fim à vida é visto por um dos entrevistados como um meio de aplacar uma dor. *“Nenhuma das vezes eu pensei que era porque não queria viver. Eu tava sentindo dor, e as dores pareciam que não tinham fim”*. Já no caso da ideação, o professor utiliza figuras mentais, por exemplo, um precipício como modo de avaliar o risco do ato. *“O outro lado é um vazio em mim, como se fosse um precipício mesmo, dá muito medo chegar ali. Tive muito medo de chegar ali. Eu imagino que ali é como se fosse o final de minha vida, alguma coisa assim, quando eu quis me suicidar”*. Para os entrevistados, o pôr fim à vida é uma possibilidade que tentam deixar distantes. O professor afirmou ter um “exército de guerreiros” - família, amigos e terapeuta - que o ajudam a manter distância do precipício. A docente, ao tematizar o pôr fim à vida referiu-se a dificuldade em atender às solicitações do trabalho *“Eu não conseguia dá resposta ao trabalho que achava que tinha que ser dada ... e quanto mais eu exigia mais eu afundava”*. Como é habitar em uma morada que convoca ao pensamento calculante e desvela tudo como fundo de reserva - prevê, manipula e controla? Como é fazer parte de uma sociedade que exige a melhor performance nos diferentes papéis? Como o professor universitário é afetado diante das cobranças institucionais, governamentais e na relação com seus pares e alunos? Como é ser professor em tempos sombrios?

Palavras-chaves: Professores; Pôr fim à vida; Ideação suicida; Tentativas de pôr fim à vida.

**SUICÍDIO E PSICOTERAPIA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA
DA EXPERIÊNCIA DE PACIENTES QUE BUSCAM PÔR FIM À VIDA**

Gláucia Fernanda Soares Cabral
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

O suicídio é um fenômeno que nos últimos anos tem despertado a atenção das mais diversas áreas do conhecimento. Diante da amplitude dos casos de suicídio no mundo, que alcançou um quantitativo de 800 mil mortes por ano, observa-se uma mobilização de organizações e categorias profissionais, para a produção de explicações e a criação de estratégias e serviços que possam, tanto responder aos questionamentos que emergem com o fenômeno, como, auxiliar em sua prevenção. O psicólogo, articulado em seu campo de saber, tem sido convocado a agir e a ofertar cuidado àqueles que pensam e/ou tentam pôr fim à vida. A psicoterapia, é uma das práticas psicológicas, frequentemente, apontada como este espaço em que se destina a acompanhar pacientes com essa demanda. Frente a isso, este estudo tem como objetivo geral compreender as possíveis ressonâncias da psicoterapia em pacientes que procuraram esse atendimento, diante de ideias ou de tentativas de pôr fim à vida. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que privilegia a orientação fenomenológica hermenêutica como caminho metódico. A pesquisa foi realizada na cidade de Teresina – PI, com a participação de quatro mulheres que pensaram e/ou tentaram pôr fim à vida e buscaram a psicoterapia por esse motivo. Os recursos utilizados na produção dos dados foram a entrevista narrativa e o diário de campo. As narrativas das colaboradoras e da pesquisadora, foram compreendidas a partir das ressonâncias da Hermenêutica Filosófica de Gadamer, que nos ilumina o caminho de como se dá a convers(ação) e o acontecer do jogo compreensivo. Nesta empreitada, foi possível acompanhar o emergir de fios narrativos que colocam em questão como a dor de uma existência esvaziada de sentidos, e que beira a decisão de pôr fim à vida, é compreendida e cuidada na cotidianidade. Os diagnósticos e a medicalização desvelam-se como normatizações que, ao explicarem e provocarem o entorpecimento da dor, não acolhem a dimensão existencial. A psicoterapia apresentou-se como um modo de cuidado que se abre para o acolhimento e tensionamento da questão entre o viver e o morrer, possibilitando um acompanhar dos sentidos que estão em jogo nessa (in)decisão. Ademais, cabe questionarmos, diante de alguns apontamentos acerca das intervenções e do que é esperado em relação a psicoterapia, como a ação clínica tem coadunado com a ideia de prevenção ao suicídio vigente na sociedade? E ainda, como isso pode repercutir no modo como o paciente sente-se cuidado?

Palavras-chave: Suicídio; Psicoterapia; Fenomenologia Hermenêutica; Cuidado.

POR FIM À VIDA: O SILÊNCIO DOS ENLUTADOS

Pedro Pereira Cavalcante Filho
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Na literatura, o luto é um conjunto de reações e comportamentos desfraldados pelo rompimento de um vínculo existente que submete a um processo de perda pela morte de um ente querido. Quanto tempo dura o luto? Quem pode precisar? Se a experiência do tempo, depende de como eu lido e faço o meu tempo, ao mesmo tempo, em que somos o tempo. O processo de luto desencadeia nos familiares uma onda de impotência acentuada, algumas vezes, bem maior, quando se dá por uma pessoa amada que deu cabo à própria vida. Como não percebemos os sinais? Como viver sem essa pessoa? Como sobreviver ao luto? O impacto da perda, é vivenciado de modo singular por cada ser humano diante de um luto particular pelo tabu e estigma que ainda impera na contemporaneidade. Desvela-dor de tonalidades afetivas como: tristeza, raiva, saudade, culpa, vergonha, entre outras. Este trabalho tem por objetivo o relato da experiência de um dos autores sobre o silêncio de enlutado que perdurou por mais de trinta anos para se dispor a falar do tema. A experiência será compartilhada com a finalidade de tecer uma narrativa ancorada na Hermenêutica Filosófica de Gadamer, apoiada pelo diário de campo. *“Qualquer dia faço uma viagem para um lugar que ninguém vai me encontrar”*, por diversas vezes a voz dele ressoou o que a mente articulava. Essa mesma voz ainda ressoa em mim, em meio a tristeza, a vergonha, a saudade, o silêncio, tomaram conta de mim e de meus irmãos. Ainda hoje, há um tabu entre nós. A chave de abertura para dialogar sobre o tema, foi ter participado em 2019 da campanha do setembro amarelo. Naquela oportunidade, tomei consciência da importância de abordar o assunto e quanto mais falo, percebo, que mais me liberto de um silêncio ensurdecedor que por anos a fio, de certo modo, nublou vivenciar o luto. A vida seguiu, era o que se impunha. Seguiu cheia de ocupações de fazer mais fazer, talvez para não ouvir o silêncio da voz forte de um trovão amoroso que pôs fim à existência. No balanço da vida, a cadeira que acomodava o seu corpo está vazia e o colo que embalava o meu sono pintou a aquarela da minha infância com as cores do amor.

Palavras-chave: Suicídio; Enlutados; Pôr fim à vida; setembro amarelo.